



ex-
15

\$6

Outubro 1975 - 48 páginas

MEXA-SE

Cuidado:
não vá rasgar
o poster central.
Melhor: compre 2 Ex,
para guardar o poster.

**Ex na Terra do
Marlboro: bate
boca e bang-bang**

PAGINA 40

**Na terra onde
a televisão
foi assassinada**

PAGINA 18

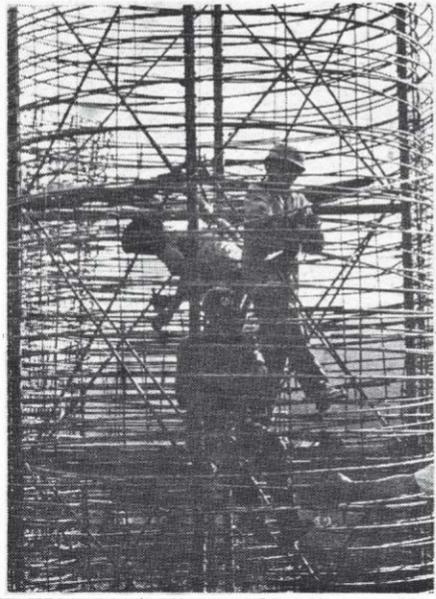
**E onde Franco
está matando
há 40 anos**

PAGINA 36

E na salada

Marx, um jornalista
bêbado/baixa sociedade:
pediu pra ser preso
pelo amor de Deus/
psicanalista confessa:
sou o pai de santo
dos ricos/banho de
sangue na Bahia: matou
pai, mãe, irmão e avó.

AQUI ESTÁ O JORNAL QUE VOCÊS FIZERAM, AGORA COM



Rio.

Vidas Reprimidas

Em Canoas, Poluição e Progresso, cidade a 10 km de Porto Alegre, existe um colégio - o Marechal Rondon - onde a pele da barriga é indecente. A camisa não pode ficar aberta, mostrando o peito, nem ser curta.

Politicamente: vai ser passado "Vidas Secas", a pedido da professora de literatura; e o diretor, falando a todos, disse umas 4 vezes em 8 minutos que o que ia ser visto "não tem nada a ver com a realidade brasileira". Deu vontade de perguntar se os esfomeados que tem nas vilas daqui também estão fora da realidade.

a) Paulo Cezar da Rosa, Canoas, RS.

Estamos vivendo como minhocas. Nascemos de baixo das coisas. Não queremos subir, mas trazer todos pra dar uma espiada aqui em baixo, sentir a vida de minhoca. Somos do lixo.

Sabe, é que moramos numa cidadezinha (40 mil habitantes) terra de gente formal, bitolada, cheia de preconceitos e tabus... somos os marginais daqui, somos aqueles que são cuspidos na cara, somos o motivo do riso patético, doentio e sarcástico dos mecanizados.

E agora gostaríamos de saber mais sobre um monte de coisas e abrimos os olhos dos dorminhocos. Temos um jornalzinho udigrudi e nesse barco pretendemos navegar em mares mais longínquos.

a) Luís, Jornal Cogumelo Atômico, Brusque, SC.

É preciso entender a barra pesada, encarar e despir o inimigo. Aos que sabem do Inimigo, do Sufocador (que está em nós), das putrefatas Santidades, de Wilhelm Reich, de Cristo e Satã: escrevam-me. É preciso acordar nossas carnes. E o resto é inútil.

a) Francisco Carlos Lopes, cx. postal 407, 14960, Novo Horizonte, SP.

A propaganda existe para tampar os seus olhos, você já percebeu?

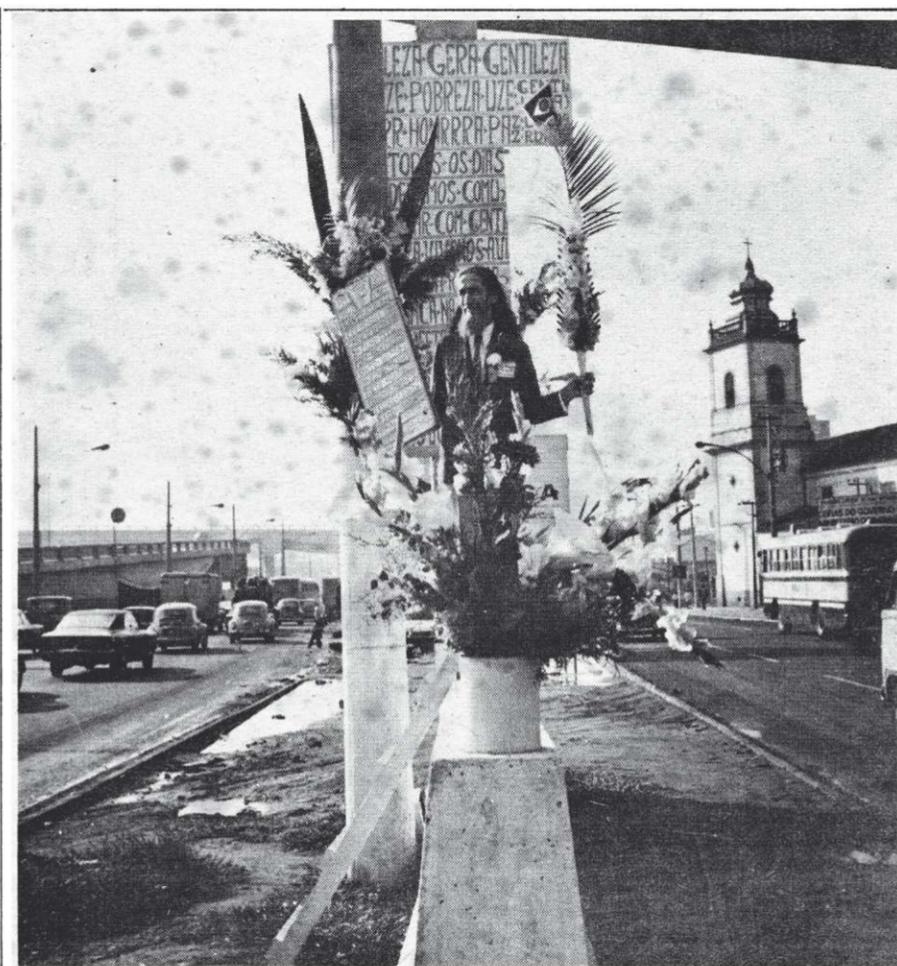
a) Júlio Cezar Figueira.

Levanta a Cabeça
Levanta a Cachaça
Ajeita a Cabeça
Engole a Esperança
Antes que Anoiteça

a) Sérgio Reinaldo Nogueira, SP.

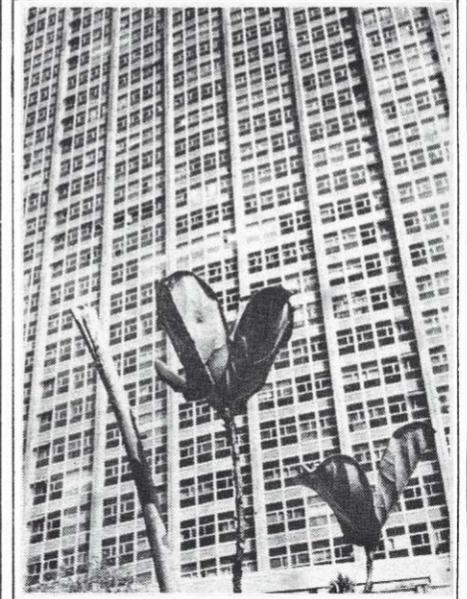


Copacabana, ai de mim!



O Profeta Gentileza, personagem carioca.

a) Walter Chelman, fotógrafo.



Cidade Maravilhosa, área verde.

Falta Ambiente

Estamos no momento da opção: ou se reformula o relacionamento HOMEM/AMBIENTE ou muito em breve já não sobrarão condições de existência para a humanidade. Contudo, nada daquela "nostalgia romântica" dos velhos tempos de campos verdes, pássaros e céus azuis. O progresso existe e precisamos dele. A maneira como ele se processa é que precisa ser reformulada. O compromisso Homem deve vir antes do compromisso lucro. Será mesmo que devemos admitir a devastação do meio ambiente, a poluição nas várias formas em que se apresenta como necessária ao progresso? A que tipo de progresso? (Semana de Ecologia, Escola de Arquitetura, Salvador)

a) Bernardete Abrão.



"Progresso", ou "liberdade não se dá, se conquista".

a) Marcos Palácio, Mauá-SP (a cidade mais poluída do Brasil)

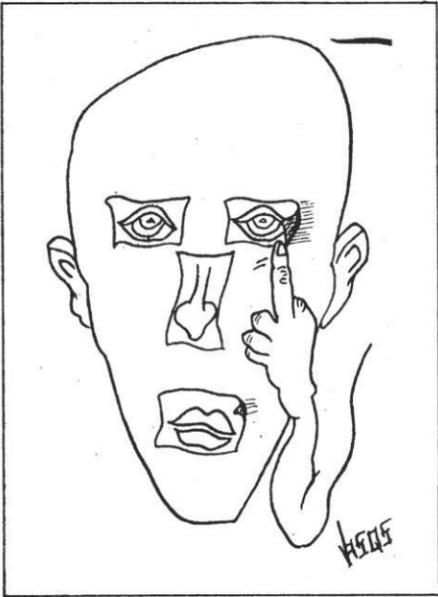
Ordem No Universo!

Desde que o Ex-13 saiu, com a entrevista comigo, sobre o trabalho da Comunidade, aqui em Brasília, não tenho feito outra coisa senão responder cartas, de todo o Brasil. E o pior é que tem muita gente que quer vir pra cá, outros nem escrevem - arrumam os panos e se mandam pra Brasília, o Novo Eldorado.

Acontece que não temos mais estrutura (infra, eu falo) para receber pessoas. Falta quarto, toalha, tatami, cobertor, etc... e dinheiro também, é claro, como não poderia deixar de ser. A única possibilidade de continuarmos a aceitar pessoas para a Comunidade é que elas tragam algum know-how para produzir coisas, que possam garantir o sustento de suas próprias casas, vidas...

a) Wanderley Lopes, C.P. 111185, Brasília.

3 PÁGINAS. MESMO ASSIM NÃO DEU PARA TODAS AS CARTAS.



Abra Os Olhos

Não fique longe das pessoas para encontrar o caminho que o leva de volta a elas. Não fale simbolicamente, quando puder falar direto. Não feche os olhos para a carne congelada, o leite aguado, a favela marginalizada, o salário mingua-do, a fome esfaqueada, a propaganda, a falta de perspectivas e todas as coisas para as quais você deve olhar, precisa olhar.

Ponha isso na cabeça: a vida é uma tremenda história, na qual você deve desempenhar um papel. Mas seja coerente, consequente, crie, improvise e mude o tablado. Não seja passivo. Não engula o que te empurram. Ligue as coisas e as questione. Marque pontos e aceite o meu abraço confiante, Edu, você e todos os Edus dessa terra.

a) Heloisa, SP.

Pelo Telefone

O sr. Lauro Silva, deputado pela região do Rio do Sul, lamentou o gesto discriminatório e arbitrário do Secretário de Educação: disse que, através dos deputados governistas, se consegue emprego até por intermédio de telefonemas, graças às Sociedades de Economia Mista, criadas para este fim, a serviço do todo poderoso Governo do Estado. A última desconcertante atitude tomada pelo Governo, além das pressões exercidas no sentido de forçar os funcionários públicos a se filiarem na Arena, foi a distribuição discriminatória dos formulários de bolsas de estudo através da Secretaria de Educação. Responsabilizando o sr. Salomão Ribas, disse o sr. Lauro Silva que o mesmo entregou 20 bolsas de estudos de nível superior a cada deputado da Arena, "esquecendo-se de que, com 400 bolsas, por vezes mal distribuídas, não contentará os 30 mil universitários do Estado, em grande percentagem carentes de recursos."

a) Gabinete da Liderança do MDB, Florianópolis, SC.

Veja e Censura

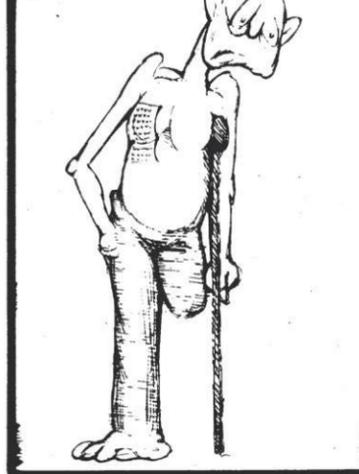
Li Ruy Mesquita em Extra! (v. página 6) e gostaria de retificar algo que ele afirma lá pelas tantas, isto é, que no fim de março de 1974 a censura saiu de Veja graças a um acordo concluído entre a Abril e o Governo.

Como os editoriais do Estado, estou a vontade para falar no caso, pois fui eu o convocado em Brasília pelo ministro Armando Falcão para receber a notícia de que a censura generosamente nos deixava. E afirmo categoricamente: não firmei na ocasião qualquer acordo ou compromisso. Preocupe-me apenas com a sorte de outros órgãos de imprensa que ainda permanecem sob censura, merecendo do ministro a informação de que melhores dias estavam para ser saboreados por todos.

Ouso supor, embora Ruy Mesquita, se bem entendi, sustente tese oposta, que a prova mais convincente da falta de acordo seja precisamente fornecida pelo rápido regresso da censura a Veja, para ser exato, 2 semanas depois de ter-se despedido. Que entendimento seria este, feito para não ser cumprido?

Obrigado pela atenção.
a) Mino Carta, Diretor de Veja, SP.

Eu sou o Equilíbrio Ecológico. E você, quem é?



Conserve Sua Esperança

O povo não gosta de opor-se à poesia.
a) Mara Lopes, Aracaju, SE

Escrevo me desculpando/ por escrever/ Escrevo me desculpando/ por viver/ Mas, um dia, isso acaba.

O medo de se mostrar acaba quando se vêem pessoas como vocês de frente pra vida. Quero ir junto.

a) Alfredo Schechtman, RJ.

Poeta maldito/ sozinho na rua, correndo no tempo/ descobrindo a verdade má/ descendo na vida/ contando fantasia, com sangue nas ruas./

Louco idiota, que pensa que outros acreditam/ em sua pureza papando toda sua vida alimentando-se de incerteza cantor sem estilo/ repentista vazio/ suado/ cansado abatido.

Conserva sua esperança numa folha em branco com a boca e o peito calados.

a) Offi, SP

Sou escrivinhador, amante, estudante de árabe, latim e linguística. Gosto do que não está no mundo e acredito no mistério. Tenho olhos marrons e não castanhos, uma risonha cicatriz no braço esquerdo. Ergóforo (aversão ao trabalho) desde os 15 anos e onicófago (rói unhas) desde os 12. Sonho muito e não sei extrair raiz quadrada. Trabalho no esôfago do Monstro Canadense: Light.

Já publiquei nove poemas num livro chamado "Apócrifo Apocalipse" - piratão de cem exemplares. Ganho Cr\$ 1.259,00 e quero casar. Tenho uma agenda onde está anotado assim, comprar uma girafa e fazer um saco de dormir; variar a alimentação e tomar banho diário; abrir uma caderneta de poupança; comprar jornais; reclamar o aumento de ordenado; não esquecer do encontro com Dona Telita Baltar (que prometeu nunca me faltar); fazer lição de árabe. Deus abençoe vocês.

a) Osmar Luis, ex-O. Reyex, SP.

La Moneda em chamas. Eu me lembrei do crime. E me lembrei de como a gente esquece fácil essas coisas dolorosas. Lendo o jornal, outra cacetada: o artigo do meu amigo Carlos Morari - ou Morais, como a gente o chamava (Ex-14, pag. 10). O Morais, bem longe de Santiago, 2 anos depois de 1973, também foi colhido. Mando poemas; Um dos últimos dele:

Ovelha Mansa

Perder o mundo.
Vou perder o mundo porque já perdi.
Não estou só.
Estou cercado de pessoas e pela ciranda de ruídos.
Passeio como uma ovelha mansa pela cidade.
Não tenho força,

não tenho mais força para mover um dedo e dizer a quem passa ou quem fica que há um lugar onde o sol se encontra com o mar e ali mora a eternidade. Não estou velho. Sou moço. Mas o mundo é grande, o mundo é muito grande e eu não posso com ele, poeta. Você tem razão. Pra que explicar-me, se o muro é alto e ninguém ouve o que eu digo? Mulheres, desisto. Não vou procurar meu amor se ele nasce onde quando como uma faisca. Estou aqui e estou longe. Estou entendendo tudo. Mas não quero mais gritar, não quero mais correr. Não quero levar mais o peso do mundo. Eu sou uma festa das crianças que renascerão na terra de ninguém.

(Carlos Morari- 1947/75)

a) Francisco Alencar, Rio.

Sem Preconceito!

Sinto a música como um canal importantíssimo da arte atual. Vejam por exemplo o rock - fenômeno pelo qual vocês parecem ter certo preconceito. Pode-se observar claramente que ele vem exercendo um papel social semelhante ao exercido na Antiguidade pelo teatro grego. Em termos de manifestação coletiva, pode-se observar mundialmente que o rock, neste fim de século, está suplantando o próprio teatro, a meu ver cada vez mais encurralado e distante de suas proposições mais primitivas. Peguei o exemplo do rock porque é o mais digamos abrangente, incorporando desde um Miles Davis até os Novos Baianos.

a) Edson Costa, SP.

Excursionando pelo interior do país, Gilberto Gil atravessa os cerrados do Brasil central. Seus shows (com duração de 3 horas e ingresso a \$15 e \$25) reúnem um público que procura no artista o cantor de "Xodó". Gil vira a mesa e aos poucos todos cantam "Jurubeba" e aprendem a quivir "Jeca Total". Sua energia transborda por todos os poros contagiando a platéia. Sua excursão atual conta com mais de 70 espetáculos atravessando Goiás, Minas e São Paulo. Gil é lindo.

a) Esqueceu de Assinar, Tupaciguara, GO.

Coluna do Norte



Pe. Cícero. Nossa Senhora, Frei Damião.

Caixa Econômica Federal Loteria Esportiva

CONCURSO TESTE DE 06 e 07/09/75

Confira seu cartão, para não ser prejudicado. Verifique se o revendedor colocou o n.º do seu cartão no volante.

Nome: _____

Endereço: _____

N.º DO CARTÃO _____ TESTE 251

A PÁTRIA É A UNIÃO DE TODOS



NUMERO DE APOSTAS _____ A PAGAR _____

× 1,50 = CR\$

ORDEM	CLUBE	EMPATE	CLUBE	PROGNÓSTICO	
				DUPLA	TRIPLO
1	Internacional (RS)	X	Grêmio (RS)		
2	Bahia (BA)		Vitória (BA)		
3	Desportiva (ES)		Port. Desportos (SP)		
4	Comercial (MT)		Fluminense (RJ)		
5	Tiradentes (PI)		Moto Clube (MA)		
6	América (MG)		Rio Negro (AM)		
7	Náutico (PE)		Goiania (GO)		
8	Nacional (AM)		América (RJ)		
9	Coritiba (PR)		Guarani (SP)		
10	Santos (SP)		C. S. Alagoano (AL)		
11	Remo (PA)		Paissandu (PA)		
12	Corinthians (SP)		Botafogo (RJ)		
13	Flamengo (RJ)		Vasco (RJ)		

O MENINO DIABO

AUTOR: GILBERTO FERREIRAS DA SILVA



Bebê-diabo chega ao Nordeste (v. Ex-12).



CONTINUEM. CONTINUAMOS LEITORES ASSÍDUOS DE VOCÊS.



Zezinho de Tracunhaém

Arte de Raízes

Augusto vive em Brumado, 400 km. de Salvador, sertão da Bahia. Zezinho é de Tracunhaém, Pernambuco. Esculpem com o que tiver na frente: cipó, raízes, pedra, barro (v. também Etsedron, neste Ex).

Augusto mesmo é quem vai apanhar raízes, troncos, enxertos no mato. Nas formas encontra significados e deppis, com gentileza, vai traduzindo o que viu para nossos olhos poderem compreender. Os motivos são variados e pertencem à vida cotidiana do sertão: a cobra que engoliu o menino, a onça, o macaco que senta em cima do rabo "pra botar defeito na vida alheia", o bêbado, o jogador de futebol. Já expôs em Vitória da Conquista (BA), pretende vender, claro, embora sua profissão seja alfaiate (não exerce mais), mas não quer separar-se de suas peças.

Sua sala de exposição é o quintal de casa, no meio da vegetação. Augusto, 63 anos, mora na rua São João, 55, Brumado. Explica cada uma de suas obras. Do bêbado, ele recita: "Se eu contar a minha vida/ é de achar muita graça/ não tenho uma camisa/ nem pelo menos uma calça/ me falta dinheiro pra tudo/ mas não falta pra cachaça."

Esse "de Tracunhaém" é por causa da cidade que Zezinho escolheu pra morar e criar. Diz que lá tem um barro especial. Sua casa fica em frente de sua oficina (já trabalha nisso há dez anos). Também não gosta de se separar de suas peças, mas é disto que vive. "A gente coloca um taquinho do coração em cada escultura", diz.

-Ele dá muita atenção pros olhos, nunca vi ninguém botar tanto sentimento nos olhos - comenta um amigo de Zezinho, Procópio.

Zezinho mistura barro vermelho, preto e borra de café, após a primeira "queimada" da cerâmica. Sua oficina vive cheia de crianças, gente de fora, para ver seus santos de barro e de olhos humanos.

a) Daphne, Campinas, SP.



Augusto de Brumado



Mitsubichi: Assinatura De Contrato Com a Induco SA, Para Fins Do Subimperialismo Japonês.
Por Chiquinho Chaves/Grace Romero

Criança Não é Idiota Não!

"Armando Maria do Rosário, português, desquitado, fotógrafo (...) vem, pela presente, apresentar queixa-crime contra Alessandro Porro, brasileiro, casado, jornalista (...)

1) O querelante foi empregado, como fotógrafo, da firma Editora Abril Ltda., escritório desta cidade (RJ) de 1 de setembro de 1972 a 4 de junho de 1975; 2) No curso da relação de emprego, solicitou equiparação de seu salário ao de outros fotógrafos admitidos posteriormente a ele, com idênticas funções e salário superior, tendo a empresa, em consequência, decidido dispensar seus serviços sem justa causa; 3) No ato da dispensa, no entanto, e na presença de testemunhas, o querelado, que é o diretor editorial do escritório, imotivadamente resolveu injuriar o querelante, qualificando o seu normal, procedimento reivindicatório de, textualmente "caminho mais imbecil e mais idiota", e ainda se referindo a "sistemas mesquinhos e de criança, é tão imbecil, inteiramente imbecil", como tudo no curso de processo será devidamente comprovado; 4) Requer, em consequência, nos termos do art. 30 do Código de Processo Penal, o recebimento da presente queixa para o fim de instaurar ação penal contra o querelado, a ser processada nos termos dos arts. 519 e seguintes do mesmo diploma legal, para afinal ser o mesmo condenado nas penas cominadas pelo já referido, art. 140 Código Penal".

a) Armando Maria do Rosário, RJ

Pau Nas Máquinas

O rádio acaba de noticiar que a "Lei Anti-terrorista" que está em vigência na Espanha é ditatorial. Não sei, algo me diz que sim.

a) The Dirt Brown Cowboy ("O Sujo Vaqueiro Marron"), SP.

Nos EUA os cientistas acabaram inventando uma cápsula de metal que, colocada no cérebro, faz com que a pessoa perca toda sua agressividade. Mas acontece que, além de perder a agressividade, a pessoa se torna incapaz de impor a sua vontade; quer dizer que ela se torna um boneco humano que pode ser facilmente manejado. Eles experimentaram em prisioneiros, líderes políticos, militantes negros, isto é, todas as pessoas que incomodam o "American way of life" e as classes dominantes em geral.

a) Orlando F. Filho, SP.

E quando acontece de você estar de frente prum cara com pandeiro na mão lá na rua Curitiba, e a música não é samba, a gente caminhando, cortando as pessoas, e o cara lá com aquela voz que também te corta, te fere. Você tenta entrar por um daqueles quarteirões fechados e desemboca na Avenida, olha pro alto e vê a Serra destruída, olha pro lado e tem um pivete aleijado. Ainda assim se sobe as escadarias de São José. Só que a Igreja está fechada, também tem hora pra abrir e fechar, como hospital, armazém. Volto cá pro meu quarto, que foi o começo de tudo, vencida. Porque lá na sala está meu pai, estão vivendo um mundo que chega prontinho, feito, vivido e sentido. Eles renunciaram à luta, à vida.

a) Maria Gabriela, Belo Horizonte.

Se o momento é sem o mínimo de consciência, boto anúncio: "Tô a perigo. Procuo mina que não seja de Marte e seja sincera. Que não se pinte, não fume e não saiba o que é Rock, Jagger, folclore, underground, sistema, vanguarda. Cartas para esta seção."

a) Marco Antônio Farias, SP

PS: recado para o paspanata Evaristo, que esculachou a coluna do Perci (val de Souza): você tá lendo o jornal errado.

Candidato a Patrono

Deixe eu dizer ao Fernando Morais (autor da matéria sobre Cuba no Ex-13) que ele é um exemplo. Os estudantes de jornalismo bem que poderiam escolher você para patrono da turma este ano. Você teria muita coisa útil a dizer para eles na hora formal da entrega dos diplomas que depois não têm valor nenhum.

a) J. Monserrat Filho, RJ.

Duas Correções

"História Naturalis", publicada no Ex-14, saiu apenas com a assinatura de Fernando e a omissão de Paulo Tarso, responsável pelo argumento.

a) Fernando Antônio Pereira da Cunha, Campinas.

E o desenho da página 11, à direita, no mesmo Ex-14, é de Cica.

a) Ex, SP.

Quando Ex-145x <
100937 =
27395065 T

A máquina de calcular aqui na minha frente, beta pra fora uma compra da língua branca. A marreca a língua da máquina sem do, não so- mos muito amigos, naca! meu amarr...

Super 8 Capítulos

1 - ninguém da imprensa deu, mas uma coisa é certa: no último super (!) festival de cinema super-8 realizado em São Paulo (ago-75), o dono da firma que organizou conseguiu barrar muito, mas muito mais filmes, do que a própria censura. Um foi gongado porque era em 18 quadros por segundo (velocidade econômica de filmagem e projeção) e o festival só aceitava filmes em 24 (um terço mais caros). O outro, então, tomou um piche completo: muito desfoque, câmara tremida, muito zoom e os cambau. Convenhamos: prum bom cineasta andergroundi, como quer a moda, essa dupla bomba do establishment já seria a glória. Eu é que não vou levar essa na base do tudo bem, tudo bom. Que reviva dada, a polícia da polícia.

2 - não estou aqui pra discutir a censura. O que me parece que ainda não ficou claro são exatamente os interesses que estão ativamente agora essa nova censura paroquial: Grife.

3 - traduzo: Grupo de Realizadores Independentes de Filmes Experimentais.. Na realidade, uma combinação de escolinha de super-8 e produtora de audio-visuais e festivais que funciona em São Paulo já há alguns anos. A grana pia mesmo é pela escolinha. É ela que garante todo um aparato instalado na inflacionada rua Estados Unidos, onde o Grife ocupa uma área bem maior do que a Canon, a multinacional fabricante de câmeras, curiosamente sua vizinha.

4 - ao grife interessa impor uma estética caretóide porque é disso que ele vive. Cumé que vai deixar passar um filme tremido é depois cobrar a mensalidade do aluno que foi parar lá justamente para ser treinado - sem saber, coitado - pra assistente de Jean Manzon? o que é que o pessoal das agências de propaganda vai pensar do super-8, quem vai se arriscar a encomendar um audio-visual nessa bitola?

5 - mas não só. A censura é so a bandeira. Podese reprimir sem castrar. Muitas vezes um estímulo bem jogado vale muito mais do que uma tesourada nas manifestações rebeldes. Tão aí as pornochanchadas e os filmes histórico-literários que não me deixam mentir. A censura-Grife é mais danosa justamente assim, na manipulação dos estímulos que lança, os seus festivais.

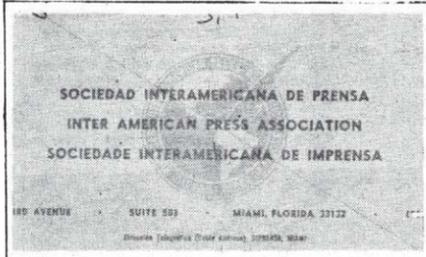
6 - o que é que estes festivais estão estimulando agora? Uma estética do laqué, um formalismo tecnocrata, o já-visto em outras bitolas e que só pode ser alcançado - teoricamente - no super-8 à custa de muito filme espanado, muito equipamento sofisticado e um saco de quem realmente não tem mais nada pra fazer na vida. Isso no plano político. No plano econômico estão simplesmente promovendo o consumo. Fazendo do super-8 uma câmera de Tróia cheia de cassetes da Kodak e nota pra pagar. Culturalmente estão fazendo do super-8 uma daquelas crianças que aparecem no silviosantos e que respondem tudo que nem gente grande débil mental. Estão tampando a boca do jovem durango que achou que, finalmente, poder ia dar o seu recado, rabiscado, mobraliano, mas, enfim, o seu recado.

7 - preferindo a caligrafia à literatura, o Grife impediu que o público visse "Violada na Caixa d'Água", por exemplo, um documentário onde filmou quem quis porque era importante transmitir sim-paticamente o espontaneísmo que cercou uma manifestação, onde músicos protestavam contra a proibição da realização de concertos ao ar livre. Preferindo o regulamento sem olhar o regulamento, o Grifebarrou "Festa da Vila", outro documentário sobre uma transação coletiva, e escondeu assim do debate um filme que é uma tese sobre super-8, um filme montado já na câmera, curto, barato e de toque.

8 - e já que pichei tanto e já que me animei, aproveite essas últimas linhas para uma proposta construtiva: que tal se se organizasse um ex-festival? Cartas com sugestões para rua Santo Antônio, 1043, SP, cep 01314, aos cuidados de Décio Bar, ex-jornalista, ex-publicitário e exrealizador premiado no 1º Festival Nacional do Super-8, o de Curitiba, Paraná.

a) Décio Bar, SP.

MEXA-SE: UMA CAMPANHA COM ESPÍRITO EXPLOSIVO!



Salada: SIP,
Cássio Loredano
Narciso Kalili e
Ivan Lessa

1. "septiembre 15, 1975.

Sr. Paulo Patarra
Ex-Editora Ltda.
01314 São Paulo, Brasil

Estimado señor Patarra:
Ante todo le ruego me disculpe no poder contestar su carta del 3 de septiembre em su bello idioma. Desde luego, nos complace mucho que piense participar en nuestra Asamblea General en Sao Paulo.

Con ésta le envío una solicitud de afiliación, que sería aprobada por la Junta de Directores en Sao Paulo, de modo que pueda participar con derecho al voto. Para nosotros sería muy grato darle bienvenida a nuestras filas.

Hasta tener el placer de conocerlo en Sao Paulo, reciba um cordial saludo.

James B. Canel
Gerente General"

Yes! Os editores de EX-, como se pode ver pela carta acima, pretendem participar da Assembléia Geral da SIP, com reunião marcada para a próxima segunda quinzena, no Palácio das Convenções Anhembi, SP. Já estamos inscritos no congresso, faltando apenas agora finalizar nossa associação definitiva àquela organização, atualmente dirigida pelo jornalista brasileiro, Julio de Mesquita Neto.

2. "Hamilton, meu querido amigo paulista.

1.000 vezes demos força pro EX-, inclusive no último número. Ai, vocês "enterram" um dos nossos, o Francis.

Vai o Ivan e faz uma brincadeira - óbvia ululantemente - com vocês. Eu achei muito engraçada e fiquei besta quando vi que vocês não acharam. "Carta apócrifa". Eu, hem?

Cuidado, rapaziada. Ninguém perde o senso de humor impunemente.

Do companheiro pro que der e vier, inclusive pra bakunizar num lampum, Jaguar."

Com esta carta, enviada do Rio por Sergio Jaguaribe, o Jaguar, diretor-presidente da

ex-15

MEXA-SE: UMA CAMPANHA COM ESPÍRITO EXPLOSIVO!



Codecri, editora do **Pasquim**, o jornal mais velho da "Imprensa Nanica", fica esclarecida a autoria da nota saída na seção de cartas daquele jornal, na segunda edição de setembro. (Vide fac-simile à direita, acima).

3. "Patarra, velho, aí tem minha colaboração. Se te interessa, é um retrato da Billie Holiday (você coloca na página ou não, a teu critério).

Quero te pedir o seguinte: que o que é branco no desenho, saia branco; preto, preto; cinza saia cinza. Digo porque não é qualquer gráfica que consegue isto no fotolito. A do Opinião aqui (Rio, RJ), não, a

do Movimento aí em São Paulo também não. Em todo caso, você teria que mandar fazer o fotolito fora. É, em todo caso, uma pequena superfície de filme (queria a reprodução no tamanho natural), e seria bom pra mim e não seria tão pior pro EX-.

Sugiro, como você pediu, a diagramação:

A página branquinha, sem, inclusive, o quadro que a seguir (só, naturalmente EX-15, data, sei lá - e mais nenhuma letra letra nem nada) e o desenho em um-por-um bem no meinho. A entrevista que eu te dei em outro canto qualquer... Um abraço. Outro pro



Narciso Kalili na entrevista com o cardeal de S. Paulo para o EXTRA

**MACHO & FÊMEA:
UMA GRANDE DIFERENÇA!**

"Nós, aqui da revista, queremos saber qual é o melhor jeito de dar a pala de contestação, renovação jornalística, audácia, esses troços, e ainda faturar uns cobres de mansinho (sem dar na vista, é claro!). Parece que vocês descobriram o mapa da mina. Não querem rachar com a gente?"
REVISTA EX- (São Paulo, LATINO-AMÉRICA)

● Praquê? Cês tão se saindo muito bem, gente boa! Vão se chomskiar num ramparte, legal?

A carta "apócrifa" de Ivan Lessa.

Hamilton, Miltainho e todos. Cássio".

Cássio Loredano, 27 anos, carioca, de São Cristóvão, ex-ofice boy em São Paulo, ex-revisor no ABC, ex-repórter, ex-diagramador, ex-secretário de redação, ex-radialista, ex-illustrador de TV. Ex-caricaturista do jornal Opinião e Movimento, hoje colaborador eventual. Tantas vezes ex e um dos maiores artistas plásticos do país, o EX-15 abre espaço e suas portas para a entrada de Cássio Loredano, ou melhor, Loredano Cássio Silva Filho. Só um pedido de desculpa: Cássio dessa vez não deu para por no tamanho que você pediu.

4. Por fim, Narciso Kalili, 39 anos, editor-fundador de EX-, depois de lançar dois jornais no Norte do Paraná (o diário **Panorama**, e o semanário **Viver/Londrina**), volta a São Paulo para integrar a direção da EX-Editora. Como um dos melhores jornalistas brasileiros, fundador de Notícias Populares, Revista Realidade, O Bondinho, Jornalivo, Revista de Fotografia, Grilo, Foto-Choque, Narciso Kalili é o autor da frase (além do lay-out da capa):

- A arte do século XX é uma arte muito complexa!

EXPEDIENTE

Ex-editores: Hamilton Almeida Filho/Narciso Kalili/Mylton Severiano da Silva/ Paulo Patarra/ Amâncio Chiodi/ Dácio Nitri/ Palmério Dória de Vasconcelos/ Armando Machado/ Percival de Souza/ Luis Guerrero/Alexander Solnik/ Hermes Ursini/Vanira Codato/ João Antonio/ Claudio Faviere/ Jayme Leão/ Cida Spinola/ Jota/ Hilton Libos/ Cláudio Edinger/ Márcia Guedes/ Monica Teixeira/ Ivo Patarra/ Gustavo Falcon/ Agliberto Cunha Lima/ Luis Pontual/ Raquel Moreno/ José Trajano/ Elvira Alegre/ Gabriel Romeiro/ Demócrito Moura/ Delfim Fujiwara/ Lina Gorestein/ Marli Araujo/ Vilma Grizinsky/ Valdir de Oliveira/ Luis Câmara Vitral/ Beth Costa/ Joel Rufino dos Santos/ Cássio Loredano/ Elifas Andreatto/ Granville Ponce/ Ruben/ Iolanda Hussak/ Marcos Faerman/ e Samuel Wainer.

Publicidade: Wanderley Pereira.

Ex-Editora Ltda. Rua Santo Antonio, 1043. CEP 01314, SP/SP. Nenhum direito reservado. Direitos de reprodução da revista argentina *Crisis*, cedidos gratuitamente. Tiragem: 30 mil exemplares. Distribuição Nacional: Abril S. A. Cultural e Industrial, SP. Composto e impresso nas oficinas da PAT - Publicações e Assistência Técnica Limitada, R. Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412, SP.

CAPA: desenho de Elifas Andreato.

ESCRITORES ADVERTEM: ESCREVER PODE ABALAR SUA SAÚDE.



— Literatura "pop" é um tipo de literatura difícil de definir porque é um troço que tá começando, tá nascendo. Mas, resumindo, seria assim uma

O escritor, por Elifas Andreato

Drummond: A Literatura Acaba Me Premiando Com Um Enfarte!

— Literatura "pop" é um tipo de literatura difícil de definir porque é um troço que tá começando, tá nascendo. Mas, resumindo, seria assim uma literatura sem cerimônia, sem intelectualismo, uma literatura que o menino aí do elevador, numa hora de folga, num feriado, possa ler e entender à maneira dele.

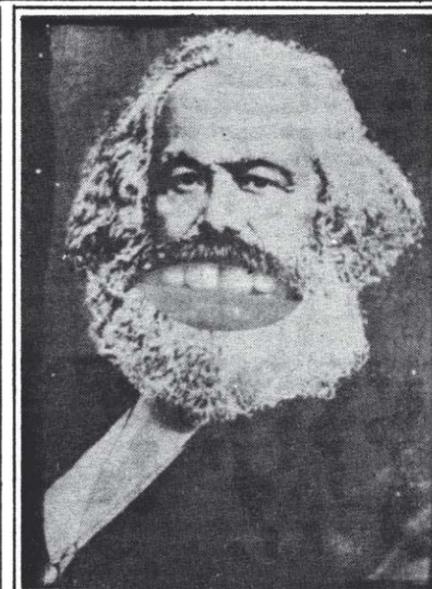
— Ainda que eu vibre com Bob Dylan, com os poucos artistas "pops" que eu conheço, eu não tenho nada a ver com o chamado "underground" brasileiro. Eu discordo deles. Acho que nós, de cultura latino-americana, não temos que ser cursal de um movimento de Nova Iorque ou de Londres. Nós temos condições de ditar. É o que a literatura latino-americana tá fazendo, pois hoje você encontra americano imitando Borges.

— A linguagem tá violentamente ligada à ideologia. O fascismo em Portugal conseguiu dominar tudo, até a linguagem. No Brasil não — a linguagem protestou, reagiu, a linguagem explodiu por aí, refletindo um conteúdo social violento, certo?

— Não quero ser um intelectual. Eu prefiro que me acusem de ser um Mauro de Vasconcelos, que eu seja um Zé Mauro de Vasconcelos, mas que eu faça isso — uma literatura realmente popular.

— Outro dia me convidaram pra um papo lá no Colégio Santo Antônio e os meninos da 8ª série tavam discutindo o poema "José", do Drummond. Eu vi coisas incríveis. A menininha de 14-15 anos discutia coisas que jamais iria discutir, entendeu? Uma molecada que você acha que não está com nada, começou a discutir problemas de liberdade, e o poema não fala em prisão. Fizeram uma montagem e de repente apareceu lá o Chico Buarque ilustrando o poema do Carlos Drummond de Andrade, o que não tem nada a ver, mas tem a ver, entendeu? Se fosse um poema fechado, que já viesse lá "O Brasil é um país muito pobre", "O Brasil é um país cheio de prisões", "O Brasil é isso e aquilo", primeiro o pessoal ficava com um pé atrás. E já vem feito. Isto reforçou tremendamente minha convicção na literatura aberta, que permita várias interpretações, contra a literatura fechada, aquela que nos denuncia a miséria do nordeste,

Entrevista de Roberto Drummond concedida a J.A. de Granville Ponce e publicada em "A Morte de D.J. em Paris", editora Ática.



Marx rindo pela 1ª vez: uma montagem de Amancio Chiodi, publicada no Ex nº 1. A boca é de Brigitte Bardot.

o Concurso de Contos do Paraná uma droga. Metia o pau nele. Fiquei no maior problema, porque de repente passei a achar que ele era o concurso mais genial do mundo... Depois dele consegui editar este livro, fui publicado no México e na revista argentina Crisis.

Marx: O Jornalismo Quase Acaba Com Meu Fígado!

Caso alguém venha a preocupar-se em colher fatos para uma possível História do Jornalismo, pode ser que encontre alguma contribuição nos artigos e reportagens de Marx, o jornalista. Como também não se pode mais negar que o Marx tal como ficamos conhecendo, horror dos burgueses e uma espécie de Deus com pés no chão para seus milhões de seguidores, não existira se não fosse o jornalismo.

Tudo começou com um simples roubo de lenha na Província Renana, Alemanha. Como foi que este fato o levou a elaborar a incendiária, diabólica e inteligentíssima teoria da mais-mais-valia, desmistificando todo o funcionamento da moderna economia burguesa?

Em 1842, trabalhando na Gazeta Renana (seu primeiro emprego como jornalista), Marx estudou a legislação sobre roubos de lenha e a situação dos camponeses da Mosela; e pela primeira vez deu importância às relações econômicas entre os homens (24 anos mais tarde escreveria O Capital). Até então, ele apenas estudava — Hegel, Feuerbach, etc.

— Em 1842/43, vi-me pela primeira vez na obrigação embaraçosa de dar a minha opinião sobre os chamados interesses materiais. Sustentamos então polêmica com outro jornal: a Gazeta Geral, de Augsburg.

Foi o bastante. Marx provocou a ira do sistema contra seu jornal. Os diretores, conta Marx, acharam que podiam "suspender a sentença de morte" contra o jornal adotando uma linha "mais moderada". Ele resolve então retirar-se para seu gabinete de estudo.

Fedendo a gabinete, 5 anos depois, volta a trabalhar como jornalista (1848/49), na Nova Gazeta Renana. E faz balanços da vida econômica nesta revista a partir de 1850. Anos mais tarde, torna-se correspondente em Londres do New York Daily Tribune, para livrar a barriga (sua e de sua família) da miséria. Mais tarde, dirá no prefácio da Contribuição à Crítica da Economia Política que essa dedicação total ao jornalismo o fez familiarizar-se "com os pormenores práticos que não são do domínio da ciência pura da economia política".

Extra! é a nova publicação de Ex-Editora. Foi às bancas dia 12 de setembro, 30 mil exemplares, distribuição nacional Abril, ao preço de \$ 3,00. Extra! nº 1 contém: o depoimento do cardeal de São Paulo, Dom Paulo Evaristo, que por motivos técnicos não pode sair no Ex-14 (o cardeal pediu mais tempo para revisar o texto quando o Ex-14 já estava na gráfica), entrevista

com Dias Gomes, cuja novela Roque Santeiro deixou de ir ao ar na Rede Globo por problemas com a censura; e um relato histórico de Ruy Mesquita, diretor do Jornal da Tarde e de O Estado de S. Paulo, extraído de um debate que manteve com Raimundo Pereira (Movimento), num colégio de São Paulo. Extra! será como diz o nome: tratará de qualquer assunto, sem data nem preço fixos.

a situação brasileira e só. Tudo mastigadinho.

— Acho que hoje o papel do escritor é bagunçar totalmente o coreto da sociedade, certo? O escritor tem que ser um marimbondo, um Chacrinha, tem que ser flecha de índio atroari, um índio atroari, a gente tem que ser uma gilete, um urubu, a gente tem que ser um punhado de coisas. Acho que a gente tem que ser estrela, tem que dar esperanças, amparo, entende?

— Tá acontecendo no Brasil uma revolução literária ou antiliterária tão importante como os dois maiores movimentos literários que já houve aqui: o movimento de 22 e do romance nordestino. Pra gente conhecer essa literatura nova, a gente tem que ver o que tá havendo nas faculdades, nos jornaizinhos de faculdade, nas experiências como a do Bondinho, entende? E é uma literatura realmente de briga, em todos os sentidos.

— Sou mineiro. Nasci no Vale do Rio Doce. Não falo a idade. Costumo dizer que tenho 36. Sou casado, e tenho uma filha. Quando menino eu falava que queria ser escritor e era como se falasse que ia ser assaltante, que ia matar uma pessoa, entende? Me olhavam espantados e diziam que escritor era louco. Falavam que tinham um tal Carlos Drummond de Andrade, que é lá da região de Itabira, perto da minha terra, que era inteiramente louco e estava matando a poesia brasileira.

— Quando eu escrevia me dava um montão de doenças — minha mão ficava suando, meu coração pulava, eu achava que era enfarte, pensava que ia morrer. Isso me amarrrou pacas. Até que descobri que toda vez que ia escrever encucava aquele negócio de que ia ficar louco, que era vagabundo. Custei a conseguir escrever, entendeu? Não saía, tinha um bloqueio violento.

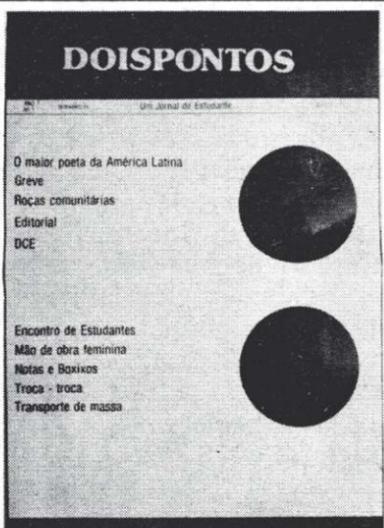
— Eu parei de estudar quando terminei o científico. Em seguida entrei no jornalismo. Peguei uma fase que o jornalismo mineiro era realmente muito bom. Aqui em Belo Horizonte cheguei a dirigir uma revista chamada Alterosa, que era legal. Foi fechada em 64. Aí eu fui pro Jornal do Brasil, ganhando muito bem. Depois comecei a pensar: eu vou entrar numa dessa de Ipanema e vou me realizar com isso aí. Vou ficar um cara com algum dinheiro e certo nome, porque eu tinha muitas condições de subir no JB. Já tinha uma editoria prometida, aquela coisa toda. Aí resolvi me mandar...

— Eu acho que nenhum prêmio faz nenhum Autor, sabe? Mas ajuda muito... Pra mim, o Concurso de Contos do Paraná foi a melhor coisa que me aconteceu. Porque eu sou um cara de formação não-literária, entendeu? Nunca fui de suplemento, eu nunca fui de roda literária, felizmente. O meu exercício é um exercício feito numa crônica de futebol em jornal mineiro. Agora: eu acho que concurso bom é sempre aquele que a gente ganha. Antes de ganhar eu achava

NÃO TINHA CONDIÇÕES DE SOBREVIVER EM LIBERDADE!



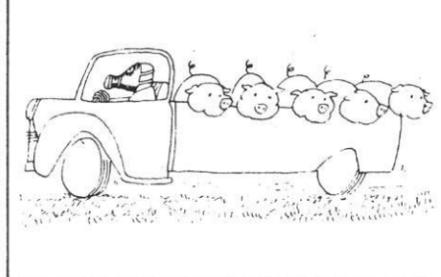
Jornal dominical de Ribeirão Preto.



Jornal do Centro de Estudos de Artes e Comunicações de São Paulo.



Viver Londrina, Jornal de serviços, distribuição gratuita.



Um cartum de "Ovelha Negra", 1º livro de Geandré, publicado pela Global Editora e Distribuidora.

BAIXA SOCIEDADE Vida De Preso É Ruim. Vida De Solto É Pior.

Sem comentários, transcrevo mensagem urgente (radiotelegrama) recebida pelo diretor-geral do Departamento dos Institutos Penais do Estado (SP), enviada pelo diretor da Penitenciária de Presidente Wenceslau: *Comunico Vossência apresento-se este Presídio sentenciado João Batista de Andrade, matrícula 22.628, que se encontra em gozo de livramento condicional desde 17 de junho ano próximo passado. Alegando não possuir mínimas condições para viver mais em liberdade, solicitou o seu imediato recolhimento a esta Penitenciária, até que seja decidido pedido de desistência do benefício a ser encaminhado oportunamente. Considerando precárias condições físicas e psíquicas do apresentado, ad referendum dessa diretoria e Egrégia Vara Execuções Criminais, determinei sua reinclusão em caráter precário até que seja solucionada definitivamente sua situação.*

Os lava-cadáveres - Rádio Olinda, PE, divulgou esta, a 12 de setembro: a Delegacia de Costumes do Recife adota novo sistema de repressão à livre ação dos homossexuais em Pernambuco. Agentes daquela delegacia prenderam 18 homossexuais e os obrigaram a lavar os cadáveres do Instituto de Medicina Legal. De início, os homossexuais não estranharam a baixa temperatura na câmara, mas ficaram horrorizados com o estado em que os cadáveres se encontravam.

Bola preta - Bola superpreta para os Gaviões da Fiel. Primeiramente, porque puxam o decrépito presidente; secundamente, como diz a múmia, porque assassinaram a pontapé um feliz torcedor luso após aquela lavada de 5 no Pacaembu. Só porque o portuga fez "5" com as mãos e empunhava uma bandeira rubro-negra, foi massacrado pela gentalha. E vai ficar por isso mesmo, porque ninguém sabe, ninguém viu e... mais um cadáver para ser necropsiado no Instituto Médico Legal. Assassinato covarde.

Caloteiro de morte - Já faz algum tempo, mas vale a pena informar: um senhor foi pegar o ragu no Itália, aquele prédio da Ipiranga (com restaurante no último dos 40 e tantos andares). Após o rango, sei lá o porquê, jogou-se lá de cima. Presente o majura de plantão, o garçon do citado restaurante demonstrava a sua mais visível indignação: puxa, doutor, como um cara pode fazer isso sem pagar a conta primeiro?

Sujeira no Galaxie - "É, a vida está assim. Dia desses, um ônibus atropelou uma senhora na avenida Celestino Bourroul, SP. A seguir, passava um lustroso Galaxie cuja placa não pude anotar: o motorista não quis saber de levar a feridíssima mulher a um PS qualquer. Foi preciso chegar um sherlock e ameaçar o abastado dono da caranga à base do vai ou desce: *omissão de socorro, etc.* O cara concordou, mas saiu-se com essa: *tá bom, mas põe lá atrás, no chão, para não sujar o banco.* Argh!

Candidato a caveira - O pinote do Caveirinha do xilindró de Santos está dando pano para manga, chegando a dividir a marginalia da baixa e da dita alta sociedade. O Israel, o tal minicaveira, é fato um bandidão que não vacila em arrebatar umas azeitonas fumegantes.

Na verdade, a caveiral figura é um daqueles espécimes que misturam paranóia com periculosidade. Escafedendo-se de Santos, em cujo presídio estava porque fora enfrentar os capas pretas litorâneos, o jovem gratificou (com pouca grana, ao que parece) um dos chafras responsáveis e deu no pé. Ressalte-se que o caveira em miniatura estava enjaulado porque um certo dr. Paranhos foi grampeá-lo nos aprazíveis mocós para-guaios.

Mas, mesmo in galleran, o tal caveirinha aprontava das suas. Bem guardado - removido do hotel do seu Guedes para a temível Penita - ele continuava transando seus boxixos, principalmente aqueles relacionados com a moçada de sua curriola (em liberdade) que adora debruçar-se sobre o artigo 157 do capítulo infracional, o qual os doutos preferem chamar de Código Penal. Nessas transas, todas, cruzou um data vênia, que entrou também para o gang caveiral. Sim senhores: um cara de anel no anular, um adevo. O tal data vênia andou com a patota num escruncho ao Lago Azul, ajudou a escarafunchar um monte de lanças e...

Bem, e daí os sherlockes que habitam aquele largo com nome de Osório passaram a ficar de butuca em cima da patota - numa espécie de free-lancer, pois suas atividades normais - represália aos ditos contestadores - andam numa maré mansa.

O tal adevo se chama Radion. Sabendo que poderia dançar, Radion procurou, muito malandramente, sensibilizar a Ordem dos Adevos, os Capas Pretas, seus colegas datas vênias, os escribas. Fuça daqui, fuça dali, apurou-se que o adevo, é, de fato, um tremendo truta, uma peça que não poderia reclamar muito porque aprontara pacas. Radion anda pirado, mas vai entrar e puxar corda.

Quanto ao tal Caveira, andou mocado, segundo consta, pelos morros cariocas. A justa anda em cima dele, com tudo. Se o jovem vacilar, vai ficar mais furado que peneira. Aguardemos.

Que colher de chá! - Chain, aquele Kildare manjado por ser fabricante de anjinhos, tem merecido umas estranhas colheres de chá do Palácio de Tênis. A peça, que puxa várias cordas abortíferas,

choramingou depois de um flagra e foi curtir uma "cana especial" no seu próprio pronto-socorro. Nesse mesmo lugar o dr. Chain entrou noutra flagra, também por duplo aborto. Agora está flinando de novo, porque um capa preta foi na conversa mole dele: precisa cuidar, ele mesmo, da sua santa mãezinha porque São Pedro estaria ameaçando a piedosa velha com um tremendo cartão vermelho. E, abonado não puxa corda mesmo...

Percival de Souza

A Bicharada Vai Ser Honesta Quando For Da Bichobrás

O Jogo do Bicho tem inúmeras e indiscutíveis vantagens sobre outros jogos de azar: a fraude é totalmente impossível; não estraga a saúde nem faz perder noites fora do lar; é indicado por alguns psiquiatras (como o mineiro Oswaldo Fortini) como ótimo recurso de terapêutica educacional para certos neuróticos ou psicopatas; é um jogo no qual se pode ganhar milhões num só golpe, com um risco insignificante; é o único jogo bancado que pode ser rigorosamente controlado ou fiscalizado pelo Estado. (Sentido regulamentado).

Dentro de 30 anos teríamos no Brasil, com suas grandes indústrias, suas riquezas imensas, sua lavoura prodigiosa, um novo povo com outra mentalidade, educado para outros planos e outros sonhos e ideais. E a massa popular (formada pelos meninos que hoje têm 10 ou 12 anos) não pensará mais no Bicho como um jogo clandestino.

Extraído de *O Jogo do Bicho À Luz Da Matemática*, de Malba Tahan (Júlio Cesar de Mello e Souza, 1895 - 1974, matemático e escritor).

GAVETA LITERÁRIA

O Voto

Hoje é dia de eleição. Acordei, meus olhos sonolentos procuraram o relógio, estava na hora. Poucos minutos fiquei em casa, nem sequer tomei meu café da manhã. O tempo vai se escoando rapidamente, tenho medo de atrasar, perder as eleições, depois vou ter que apresentar justificativas, etc.

Um táxi leva-me ao distrito eleitoral, onde já encontro milhares de pessoas ansiosas, sequiosas de escolher alguém ou qualquer coisa. Eu fiz minha escolha há muito tempo, por isso também estou ansioso e sequioso, pergunto ao guarda onde fica a cabine, ele não sabe informar. Perdi muito tempo até descobri-la, é a sala 21.

Um rapaz com aparência displicente me recebe, carimba um papel que lhe apresento, parece-me que ele nem olhou se era meu título de eleitor ou um bilhete de loteria. A cabine está aqui à minha frente, finalmente vou cumprir o meu dever. Entro com calma, endireito os ombros e então deito-me na urna.

José Roberto Negroes da Nave

Atenção inéditos: não estamos jogando fora nenhum original que nos chega. Estamos pensando em editar uma gaveta literária Extra!

CUIDE COM INTENSO AMOR DE ALGUÉM DO OUTRO SEXO.



Se o Brasil Não Me Curte, Descurto

Sérgio Ricardo, 43 anos, vai embora para os Estados Unidos. A culpa é da popularidade, que não vem na medida em que ele deseja. Recentemente, tentou dar mais uma oportunidade ao Brasil, apresentando um show e seu último filme - A noite do Espantalho - no TUCA (SP). Antes, disse para o Ex:

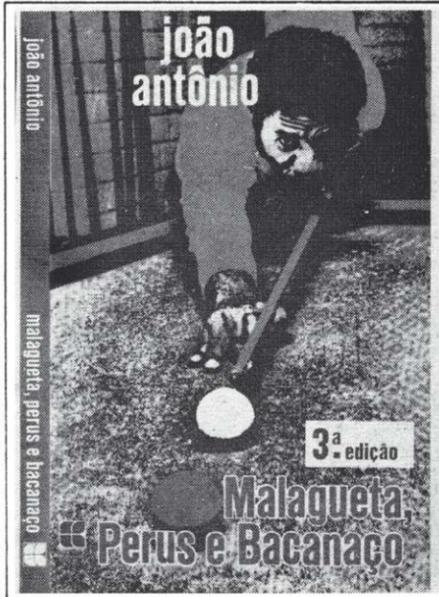
Se a coisa não acontecer em São Paulo, vou para Nova Iorque ver se lá ninguém tá a fim de me ver. Se ninguém tiver, não tem problema, não vou ficar todo o tempo procurando público. Para mim pode significar simplesmente o reflexo de nossa realidade. Ou seja: ele não está informado o suficiente para saber o que represento ou não. Ou então está informado e me dizendo que não represento nada. Agora, que o público está desinformado a meu respeito, está; não está vivenciando o meu trabalho, ouvindo, tocando meu disco, porque não sabe que o disco existe. As fábricas dizem que não tem na loja e na loja dizem que não tem na fábrica.

- Estou sendo recusado em algumas estações de rádio. O Projeto Minerva tirou toda a minha parte da História da Bossa-Nova que apresentou. Disseram que não podia tocar meu nome. Quer dizer, não está podendo contar com um dado histórico: "fulano pertenceu a este movimento..."

O show do TUCA acabou não acontecendo mesmo. Foi apenas mais um episódio da briga de Sérgio Ricardo para ampliar seu público, desde que trocou a música clássica pela popular. Em 1967, jogou o violão sobre o público que não o deixava cantar seu Beto Bom de Bola, num dos festivais da TV Record. Aí chegou realmente ao povo, através da famosa manchete do jornal carioca "A Luta" - Violada No Auditório.

Mesmo no tempo da bossa-nova, quando barquinhos iam e vinham sem parar, em dias de luz e festa de sol, Sérgio Ricardo pensava em temas populares e fez Zelão - "Todo morro entendeu quando Zelão chorou...". E pegou a chamada música de protesto logo no começo, junto com a efervescência política dos anos 60.

Depois de Beto Bom de Bola, de mais alguns festivais, fez também um show no Teatro de Arena (SP), dirigido por Augusto Boal - Sérgio Ricardo na Praça do Povo - e passou a musicar seus filmes: Juliana do Amor Perdido (Festival de Berlim) e Noite do Espantalho (Festival de Cannes e Nova York), título de 1 dos 4 discos que lançou nesse tempo. Os outros são Calabouço e Conversação de Paz e Grande Música.



A 1ª edição de Malagueta, do escritor João Antônio, é de 1963. Relançado há menos de 2 meses, o livro já chega à 3ª edição, com tiragem de 4 mil exemplares e custo de Cr\$ 25,00 (segundo Veja da última semana de setembro, Malagueta estava em 4º lugar entre os livros nacionais). Dia 26/9, João deu Noite de Autógrafo no Ex, lançando Leão de Chácara e relançando Malagueta em São Paulo.

FALA O POVO

Quem Ganha Com Hora Extra? Nós Não Somos.

"O trabalho em turnos (divisão das 24 horas do dia em diferentes equipes de trabalho) tem aspectos positivos. Porém, é de se destacar o aspecto negativo - do lado dos trabalhadores. Por exemplo, tem empresas que mantêm turmas trabalhando das 14 às 22 numa semana, das 22 às 6 na outra semana, depois a mesma turma das 6 às 14 hs. na seguinte e assim por diante.

"Quem trabalha 1 semana de manhã, 1 semana à tarde e 1 semana de madrugada, em primeiro lugar fica impossibilitado de compor sua vida familiar e está condenado a não poder estudar - porque não há nenhuma coincidência do revezamento de horários de trabalho como os da escola.

"É bom que se diga que hoje, no aspecto trabalhista, é muito difícil saber o que é legal ou ilegal. A nossa lei, além de permitir um sem número de interpretações, é de 1943, já está muito ultrapassada para os grandes centros industriais. A lei abre uma exceção para a hora extra, no máximo de duas por dia, quando há necessidade relevante de serviço ou motivos de força maior. Mas não há nenhuma definição do que é a necessidade relevante. Então a empresa, naturalmente, abusa. O elemento sai da fábrica realmente arrebitado, atrofiado e sem condições físicas.

"Tem que deixar bem claro que, sobretudo depois de 1965, quando entrou em vigor a política salarial, a cada ano que passa, o salário vem sofrendo uma redução brutal diante do custo de vida. A hora-extra passou a ser para o trabalhador uma complementação salarial. Mas desgrazadamente, esta "complementação salarial" é uma forma de enganar o trabalhador. Quando há uma situação normal na economia, os trabalhadores são submetidos, inclusive de forma coatora, a um trabalho extraordinário. Eles se adaptam ao acréscimo salarial e passam a programar sua vida com base nas horas trabalhadas mais as horas extras. Quando surge qualquer coisa negativa no mercado, o que acontece? As empresas reduzem as horas extras. Basta dizer que na indústria automobilística dificilmente o trabalhador é demitido e recebe dinheiro de empresa. Isso porque todos eles fazem compras e têm dívidas na cooperativa da indústria.

"O trabalhador fica totalmente à mercê do patronato. Na indústria automobilística os contratos de emprego já colocam como condição fechada (só se põe uma cruzinha dentro de um quadrado) se se aceita trabalhar nos horários que existem na empresa, bem como em outros que poderão ser criados. Costumamos dizer no Sindicato que tal contrato de trabalho é um verdadeiro atestado de óbito assinado pelo trabalhador."

Paulo Vidal, 33 anos, nascido em Mogi das Cruzes, SP, metalúrgico da Mollins do Brasil (São Bernardo), ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo de 69 a 74, atual secretário da presidência.

Onde Nelson Gonçalves é Galo

Proponho seja registrado em nome da ordem dos costumes e dos maus comportamentos, nas vizinhanças da loucura e da dor feérica, o vocabulário da escrota, sublime, desarrumada e coerente Nairlândia, PR (a maior zona do Brasil - v. Ex-14):

Nelson Gonçalves - Galo.
Cano de botas - Macarrão
Festar - Alegrar-se, farrear, cair na gandaia.

Pra lá de Bagdá - Muito doido, à vontade, (botar) pra quebrar: deixar cair.

Pirogenar - Entrar em órbita via um barato.

Marofa, jascu - Maconha, erva, chá.
Alarica - Crise de fome canina advinda de uma maconhagem.

Preto - Tratamento afetivo da prostituta com seu homem, amigo, gigolô; mais que benzinho ou querido ou amor.

Bailarina - Prostituta (as mulheres de Nairlândia são fichadas na polícia de Apucarana como bailarinas).

Trato - Cuidados amorosos intensos com alguém do outro sexo.

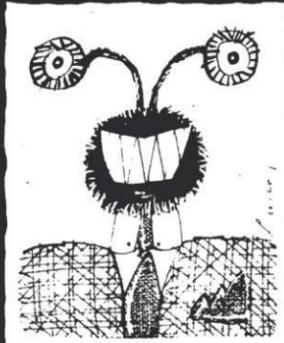
Talento - Paciência hábil, persistência.

Dar um tombo no loiro - pentear-se (dito principalmente por crioulos, mulattos e donos e donas de carapinhas).

João Antônio

MALDIÇÃO! NOSSO CINEMA É NANICO E SEM DINHEIRO!

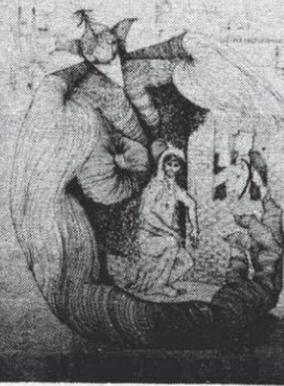
LEIA O BICHO*



*REVISTA CHEIA DE HUMOR E QUADRINHOS

COMPLEMENTO I

FRACA EXCLUSIVO MANIFESTO



A HISTÓRIA E A GLÓRIA

ROCK

ELEFANT, CABE & VALER

MUTANTES YES

jornal da cidade

VASCONCELOS SOBRINHO ADVERTE:

"REPRESA DE CARPINA NÃO SERÁ SOLUÇÃO PARA ENCHENTES DO RECIFE"

BARRETO JUNIOR, entrevista
CARLOS PENA FILHO, memória
CENAS DA CIDADE, "filia de ônibus"

LEIA ABERTURA CULTURAL



Duas cenas com Analu Prestes, do filme *Assuntina das Américas*, de Rosenberg.

'Parece Uma Esquina Perigosa: é Um Desastre Atrás Do Outro!

Os problemas do cinema nanico são os mesmos do teatro, ou da literatura, diz o cineasta Luiz Rosenberg Filho - que alguns chamam de maldito, mas ele não gosta. Rosenberg é o autor de *Jardim das Espumas*, inédito há mais de 5 anos para o público. "Para poder exibir *Assuntina das Américas*, meu 1º colorido, tenho de pagar 53 mil que devo à Embrafilme," diz ele. Além disso, todos os filmes anteriores de Rosenberg são em 16 mm, bitola ignorada pelo esquema cinematográfico comercial dos 35 mm.

- André Luiz de Oliveira, que fez *Meteorango Kid* em 1970, só agora terminou o 2º longa-metragem, baseado em José de Alencar. E está na fila para exibir. (E já ganhou prêmio em Brasília e está convidado para o Festival de Teerã). *Maria do Rosário* acaba de fazer o 1º longa, *Kirk Douglas, Meu Pai*. Também espera cinema para exibir.

No teatro, diz Rosenberg, Luiz Antonio Martinez Correa, do Grupo Pão e Circo, um desdobramento do Oficina (de seu irmão Zé Celso), está com casa e produção pagas pelo empresário Guilherme Araújo para montar *Simbad, o Marujo*. Rosenberg entrevistou André Luiz, Luiz Antônio e Maria do Rosário, separadamente. E o diálogo foi montado por Alex Solnik.

Rosenberg - O que é hoje dar uma entrevista, sendo um cineasta maldito? Não gosto nada dessa terminologia. Maldito é o dinheiro, maldita é a Globo! No início a imprensa deu algum apoio ao filho que nascia do ventre apodrecido da chanchada. Mas o filho cresceu, horrorizou-se com a realidade (*Vidas Secas*, *Deus e o Diabo*, *Os Fuzis*); foi ao delírio (*Terra em Transe*, *Viagem ao Fim do Mundo*, *Cabeças Cortadas*); chegou à loucura (*Bang-Bang*, *Tristes Tropicis*, *Matou a Família e Foi ao Cinema*); e volta com uma puta consciência da realidade (*O Rei da Vela*, *Guerra Conjugal*, *Uirá*).

Maria do Rosário - Pornochanchada? Quem quiser que as faça. Eu sou contra e estou em outra.

André Luiz - Fora 3 ou 4 filmes o cinema brasileiro é um desastre. Fora 2 ou 3

livros a literatura brasileira é um desastre. Fora uma ou outra peça, o teatro brasileiro é um desastre.

Rosenberg - Luiz Antonio, você acha que a televisão como veículo de comunicação de massa poderia atingir os objetivos de um teatro científico como queria Brecht?

Luiz Antonio - Que Loucura, Rosenberg! Você enlouqueceu. Teatro não se aprende na escola! Hoje quem faz escola de teatro é pra trabalhar na Globo. Teatro se aprende no teatro!

André Luiz - O cinema brasileiro tem hoje seu pior momento. Não vejo saída: seu futuro é a burocracia oficial. Eu, por exemplo, tinha 2 opções: pornochanchada ou clássico da literatura. Precisava de dinheiro pra sobreviver, continuar meu trabalho. O livro de Alencar (*Ubirajara* e o *Senhor Da Lança*) foge um pouco da realidade do índio brasileiro, mas não me fixei no Alencar, procurei outras fontes, bebi e fiz meu índio com atores brancos.

Maria do Rosário - Fui, sou e serei sempre uma atriz. Não tenho porque negar. Chego à direção como a escrava que se liberta ao assumir os medos e as vitórias. Toda mulher consciente é feminista. Contra o desamor, contra censura, contra a direção patronal. Eu quis fazer um filme desreprimido, livre e totalmente aberto.

Luiz Antônio - Que papel tem desempenhado o teatro na modificação da vida brasileira? O teatro dança conforme a música. O melhor espetáculo que já vi foi *Tudo Na Cama*, com Dercy Gonçalves. O melhor espetáculo que já fiz foi *O Casamento do Pequeno Burguês* em Nova Iguaçu. O público delirou.

André Luiz - Quero brigar pelo grande público, humilhado pela violência dos filmes estrangeiros, condicionado pela ideologia do Grande Espetáculo Voltado para o Nada. Este público que há 10 anos vem sendo massacrado pelas chanchadas eróticas.

Rosenberg - Tá todo mundo comprometido de corpo e alma com o capital estrangeiro. E com modelos estrangeiros. Como temos bons imitadores, em nome disso se está criando a indústria cinematográfica segundo Goebbels.

Luiz Antonio - Não foi a televisão que acabou com o teatro e o cinema. A nossa televisão é um retrato do país a cores e ao vivo.

Maria do Rosário - Nosso país é um continente de contradições. Meu filme corre em 3 paralelas distintas dentro de

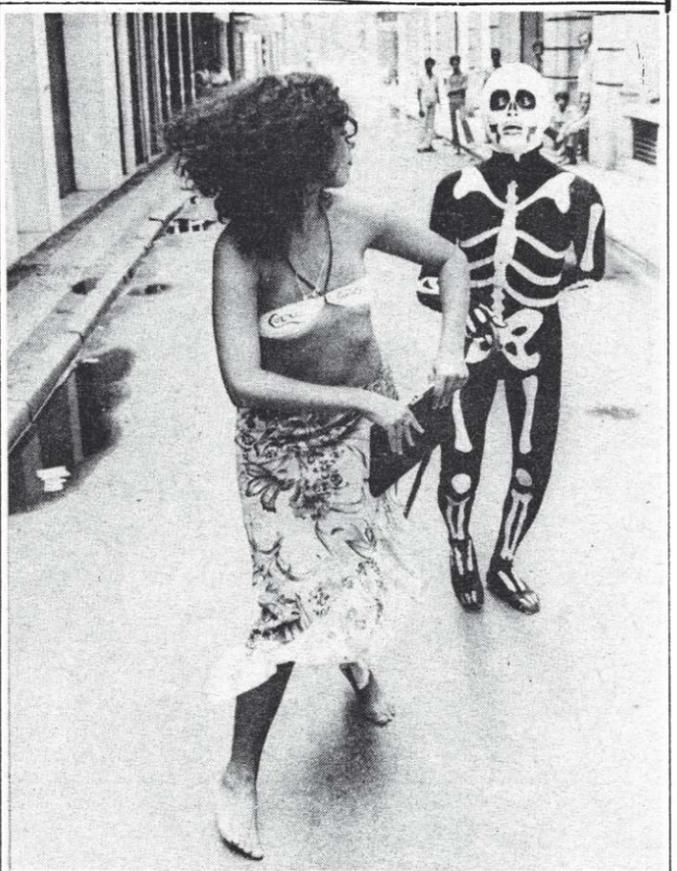


FOTO: CLAUDIO EDINGER

um sistema opressivo. Meus personagens se fortalecem com a marginalidade e se unem na procura desesperada de um mundo melhor.

André Luiz - Tento com *Ubirajara* despertar consciência para integração do homem com seu universo primitivo, só pra ele perceber que a vida não está no seu apartamentinho diante de uma tv.

Maria do Rosário - Meu filme são marginais filmando outros. Não que sejamos marginais, mas esta nossa profissão é sempre um estado não considerado oficialmente.

Luiz Antonio - Hoje como ontem, quem faz teatro não tem profissão. Nós não temos profissão!

Rosenberg - O cinema independente se bateu sempre contra a importação do modelo industrial americano. O povo só se identifica com as anomalias cinematográficas presentes porque está completamente entorpecido pelo álcool, pela miskéria, pela religião, pelo Nada.

André Luiz - O homem primitivo vivia melhor, era mais feliz e por isso foi sendo eliminado, vide Darcy Ribeiro. Eu queria transformar *Ubirajara* num cântico de prazer e vida, mas lá chegamos sem dinheiro e o filme foi feito sem dinheiro. O que é assinar um pacto com a loucura.

Maria do Rosário - Vendi um roteiro (*Pequenas Taras*) para Kiko Severiano Ribeiro (Luiz Severiano Ribeiro é dono da metade dos cinemas do Brasil - N.R.) para fazer *Kirk Douglas, Meu Pai*. Pude trabalhar com tranquilidade.

Luiz Antonio - Ainda não montamos a peça *Titus Andronicus* (Shakespeare) em São Paulo porque não havia dinheiro para sustentar 15 atores de junho (fim da temporada no Rio) a agosto (data para estrear em São Paulo).

Maria do Rosário - O nosso principal inimigo é a censura, que tenta destruir os últimos momentos de resistência do nosso cinema, da nossa vida, do nosso prazer.

Luiz Antonio - Os verdadeiros heróis da classe são os caras do teatro rebolado. Para eles e para nós o show precisa continuar mas eles são muito mais resistentes, eles não são paternalizados por ninguém. E nós ainda somos.

Maria do Rosário - O estado de prazer tá sendo tão batalhado hoje quanto a comida.

Luiz Rosenberg Filho

ARTISTA DO PARANÁ DIZ QUE SAÍDA É VOLTAR PRO MATO



Garfada de Cláudio Cambé

O Objetivo De Cláudio é Ser Um Caipira Total

Nasci em Matão (SP) em outubro de 1950. Morei lá 10 anos, em Araraquara 5 e em Taquaritinga 3, e foi aí que eu fiz um curso de pinturas plásticas. O nome da escola eu não me lembro nem o da professora. Meu nome era Antônio Cláudio Marcelino, mas me chamavam de Marcelino. Quando me falavam em pão e vinho eu brigava.

Bom, comecei a cursar artes plásticas, entrei na metade do ano. Uma vez eu caí da carteira, e o pessoal riu pra burro. Aí eu saí da escola.

E, pô, onde já se viu o pessoal rir de mim à beça, só por causa de uma coisa simples? Mas acabei voltando, depois de uma semana, e continuei, sabe? Continuei o curso... fiz um ano de geometria e não continuei. E sabe por quê? Porque a arte está na estética, no padrão, na sensibilidade, no sentido das coisas né? E naquela época não aprovei, sabe? Mas tive de concluir o curso (tirar o diploma). E por falar em diploma, no dia em que era pra mim receber o dito cujo, eu não compareci, entende? Não fui lá receber simplesmente por problemas de roupas. Eu só tinha uma calça, a calça era azul se não me engano, mas eles queriam uma calça preta.

Não sei se eu tinha só uma calça; só sei que calça preta eu não tinha. E... assim mesmo tirei nota 9. Como é que eu fiz para pegar o diploma? Eles me levaram em casa.

Bom, depois disso eu vendi um relógio e vim pro Paraná. Não, não foi pra Cambé não. Eu vim para o Paraná em 69. Fiquei na casa de uns tios em Rolândia. Depois eu fui buscar a família e voltei pra Cambé. Bom... depois de 1 ano em Cambé, pintando na cozinha... sabe como é que era o negócio? Eu pegava o quadro e colocava na porta do quarto ou da cozinha e pintava. Foi por esses tempos que eu conheci um cara que transava arte. Meu nome passou também a ser Cláudio Cambé.

Lembro o nome dele. Wilson Vidoto. Fiquei entusiasmado e acabei transando com o rapaz. Ele tinha uma salinha de arte em Londrina.

Uma vez eu tava lá, e apareceu o Henrique Aragão, conversamos a respeito de artes plásticas né? E ele mandou a gente ir pra casa dele pra conversar melhor. Naquela época eu transava surrealismo, arte fantástica, fazia exposição no bosque, e com tudo isso eu tava tomando uma consciência, bem pura,



Quase um auto-retrato

sabe? em relação à arte plástica. Acabamos indo na casa do Aragão e ele quis provar pra mim que arte era estética, e eu discordei falando que a arte para mim era o sentimento que a gente aplicava no momento. Eu tava numa que todo mundo podia pintar, se envolver em alguma coisa, além do cotidiano, seria a pintura, mesmo se ela não fosse técnica. Bom, ele não compreendeu a minha posição. Fui embora... e... fim de papo com ele.

Casei em 74, eu acho que faz 1 ano que sou casado, não sei. Depois disso, a barra apertou e eu entrei no Panorama (jornal fundado em março último, em Londrina), fazendo ilustrações, época do Narciso Kalili - filho da mãe, podia ter me dado um salário de 10 milhões, aí eu estaria ganhando isso até hoje. Ilustrei a capa do livro do Zé Júlio (poeta paranaense). A minha intenção, meu amigo, é ir pra roça ainda. E quer saber por quê? Porque o que resta ainda é o mato, sabe?



A arte está saturada, se ela não for jogada com muito impacto nem adiante fazer. Não vou jogar com profecias agora, que isso não adianta, cada um deve ter uma consciência, e eu quero me tornar cada vez mais caipira.

João Arruda (Viver/Londrina)

Espírita Diz Que Aqui é Tudo Igual: Amarelo, Preto, Branco, Vermelho.

O primeiro jornal espírita no Brasil foi "Eco D'Além Túmulo": Salvador, 1869. De lá pra cá, todos os folhetos, revistas ou pequenos jornais editados pelas federações e centros espíritas circulavam só no meio espírita.

2 jornais da imprensa leiga - que é como os espíritas batizaram a imprensa não-espírita - já tinham colunas assinadas por espíritas sobre assuntos da doutrina (J. Herculano Pires no Diário de SP e Valentino Lorenzetti na Folha de SP) quando em abril de 1974 apareceu a Folha Espírita - 10 páginas, \$ 2,00, distribuição nacional, editada pelo deputado Freitas Nobre (MDB, São Paulo) e disvinculada de qualquer centro espírita.

A Folha circulou sozinha até fevereiro de 1975. Nesse mês nasceu Mensagem - tablóide, 16 páginas, \$ 3,00 - editado por J. Herculano Pires e vinculado ao Grupo Espírita Cairbal Schutel.

Em julho de 75 sai o Jornal Espírita (12 páginas, \$ 2) e surpreende: tem a mesma paginação do Jornal da Tarde (SP).

- A diagramação do Jornal da Tarde nasceu de um grupo do qual eu partici-



pei, em 68 (o JT nasceu em 1966 -N.R.), na Escola de Comunicações da USP, em São Paulo - justificava-se um de seus diretores, Jurandir Ferrari, O Jornal da Tarde contratou a maioria deles mas a idéia foi de todos nós, e cada um foi para um lado.

Jurandir não é jornalista profissional e o Jornal Espírita é o seu primeiro trabalho na imprensa. Já foi iluminador e roteirista na Cia. Cinematográfica Vera Cruz - fez 6 filmes, entre eles Tico-Tico no Fubá -, fez desenho animado para publicidade, trabalhou com publicidade de carnês no grupo Sílvia Santos. Saiu de lá em 73 para dar aulas de publicidade na Pro-Tec (ganha \$ 9 mil por mês) e dedicar um tempo à Editora Allan Kardek onde cuidava das capas dos livros, diagramava, fazia revisão, montagem de fotolitos (40 mil livros por ano), já com planos de fazer o Jornal Espírita, cujo lema é: antecipa o futuro da humanidade.

Conta como o jornal funciona: quase 90% das matérias é de colaboradores que, como todas as pessoas que escrevem no jornal, inclusive ele, não recebem pelo trabalho.

- E a censura?
- Censura minha? pergunta Jurandir.
- Não, a censura...
- Censura dos outros? Não existe censura na doutrina. Você é livre, desde que não toque com coisas que venham a prejudicar o governo, colocar idéias novas na cabeça do povo sobre política. Então nós vivemos numa democracia espetacular; o governo dá essa liberdade que há alguns anos atrás não existia. Então nós temos toda a liberdade num país democrático como o Brasil, que eu acho o Brasil espetacular.

E segue dizendo que o Brasil é o país do futuro de onde as novas civilizações vão partir para o mundo inteiro, porque "há mistura de raças e todos se dão bem, não existe preconceito como em outros países: o preto, o branco, amarelo, vermelho é tudo igual." Diz que o Alto está conduzindo todos para cá, cientistas, filósofos, para ensinar o brasileiro, que o brasileiro é um povo pacato, nunca gostou de guerra e é isso que interessa. Todos virão reencarnar aqui.

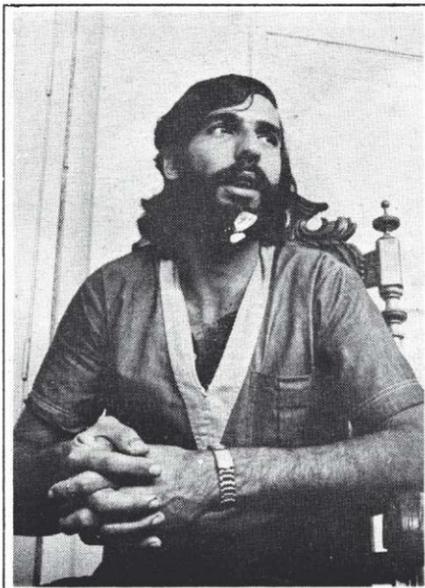
- Para que o Brasil seja mesmo a Pátria do Evangelho, o Coração do Mundo!

Para Jurandir a imprensa é o meio de comunicação mais espetacular que existe. Mas é perigoso! Jurandir escreve com cuidado "porque no final você quer que todo mundo saiba aquilo que a gente sabe, mas não pode". Conta que tem muita coisa que gostaria de falar e não fala. Não é só sobre os acontecimentos no Brasil, não! Dentro da doutrina mesmo muita coisa não se fala.

- Nós somos os nossos censores.

Cláudio Faviere

BANANAS DO CARIBE EUFÓRICAS: YES, NÓS TEMOS OPEP!



Matou o Pai, a Mãe, a Avó e o Irmão!

- O que me levou a decidir matar meu pai e meu irmão foram todos os meus anos de raiva e ódio. Meu pai sempre mandava. Empréstei o carro a Rui, meu outro irmão, e cheguei em casa a pé. Estava sem a chave. Bati na porta, meu pai abriu e perguntou pelo carro. Eu quis encobrir Rui e disse que o carro estava com defeito e que o tinha deixado em casa de Vera Lúcia, minha namorada. Ele mandou que fosse buscar para que não o roubassem. À noite estava quente. Fiquei perto de casa esperando Rui. Minha raiva ia crescendo. Meu pai podia tudo, dispunha de todos nós. Eu odiava isto. E José dormia lá dentro com suas drogas e sono porque tinha piorado. Quando Rui chegou, pedi a chave da casa e mandei que ele fosse dar uma volta. Eu já sabia que tinha que matar.

- Um delírio, um transe destruidor me possuiu, matei todos, até minha mãe e eu não queria. As armas que eu tinha na mão eram instrumentos de um brinquedo horrível. Vi que era pra valer e já não podia matar. Matei os 4, José foi o último. Pensei que todos iam acreditar que foi José quem matou os outros e se suicidou. Ele não era doente? Podiam ter acreditado nisso sempre.

- Eu odiava meu pai por que ele me dava tudo o que achava que devia dar, mas eu não era livre, ele cumpria as obrigações que tinha e cobrava um preço muito alto; não me deixava ganhar e fazer minha vida. Não acertei o caminho da fuga, fiquei em casa com meu conforto, minhas roupas; era seguro. Meu pai prometeu comprar uma fazenda para mim (depois que me proibiu de estudar agronomia), comprou mas pôs no nome de todos os filhos. Gastei na fazenda e ele não me indenizou. Um dia me vi trabalhando no balcão da loja da firma da família. Eu não queria isso. Meu pai prometeu comissão de 2 por cento sobre as vendas. Eu vinha recebendo metade, mesmo assim para pagar a dívida de um carro a minha avó.

Marcedino Souto Maia Neto tinha 19 quando matou 3 gerações de sua família a tiros de Winchester 44 e Taurus 38, em 1970. Preso há 5 anos na Penitenciária Lemos de Brito, Salvador, onde começou a pintar, foi julgado dia 7 de agosto último (dia em que o campeonato baiano de futebol ia ser decidido no jogo mais concorrido na Bahia, O Ba-Vi, Bahia x Vitória).

O julgamento durou 13 horas e foi transmitida pelo rádio como se fosse um jogo de futebol. A "família baiana", como costuma berrar no microfoneo radialista França Teixeira, responsável pela mais bem sucedida resenha esportiva baiana, estava comovida e atenta ao resultado. Levada pelo tipo de jornalis-

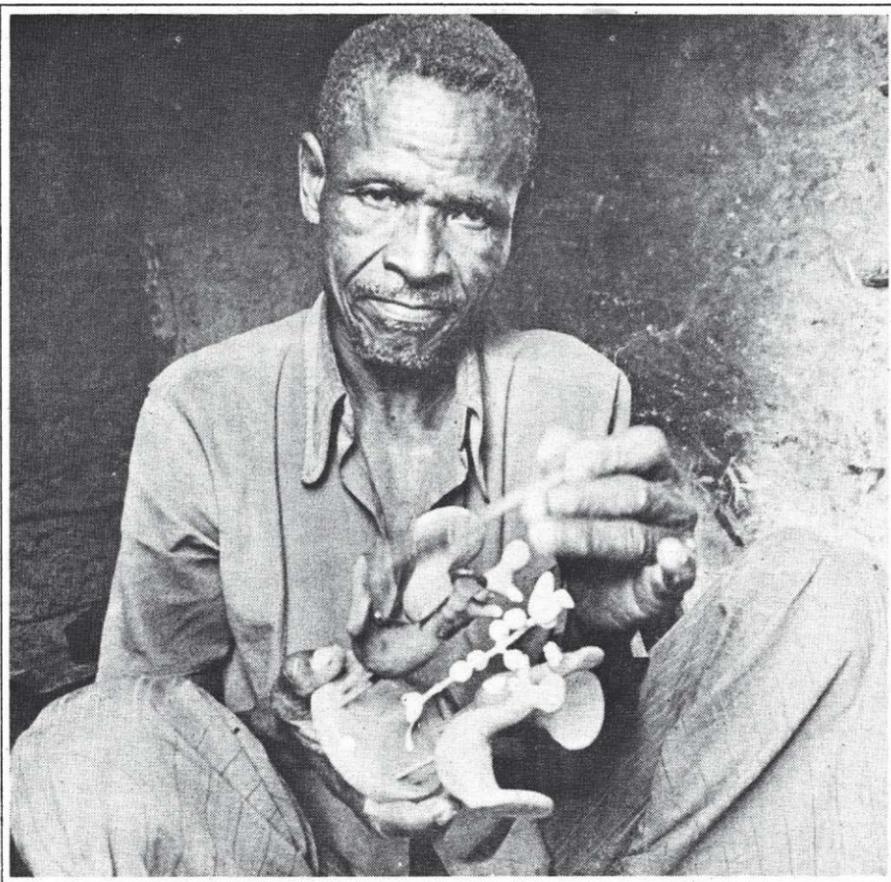


FOTO: AGLIBERTO CUNHA LIMA

mo que faz, a chamada imprensa antecipou-se à Justiça. Na véspera do julgamento o programa de França Teixeira pôs mais sangue na chacina, aos berros do protagonista; A Tarde, jornal de maior circulação em Salvador, publicou uma foto do irmão de Marcelino banhado em sangue.

Mais uma vez, com os gestos teatrais que são peculiares aos homens da Justiça, a noite do crime foi detalhada, agora diante dos 7 homens do júri e 400 pessoas da platéia: 3 bancários, 2 funcionários públicos, 1 universitário e 1 representante comercial estavam bem barbados e com caras de patetas diante de uma tarefa difícil e surpreendente.

Apenas 1 hora após a condenação de Marcelino (31 anos que poderão cair para 10, vitória da defesa por 5 x 2, insanidade mental do réu na época do crime) os torcedores do Bahia comemoravam a conquista do campeonato: 5 anos de espera do julgamento foram esquecidos numa noite de carnaval esportivo.

Mestre De Cerâmicas e Dizedor De Frases

Cândido Santos Xavier, ou simplesmente Cândido, filho de Ogun, analfabeto, 44 anos, é um preto velho que habita uma casinha de chão batido na Ladeira de Mané Vitória, em Cachoeira (BA).

Conhece o Candomblé a fundo e fala Nagô muito bem. Cândido adora cantar pontos de Oxóssi e Iansã, bebe sempre cachaça pura e costuma trocar seu trabalho por coisas, temperos e comida.

Sua vida simples seria o bastante para torná-lo uma figura admirável. Mas não é ela, e sim seu trabalho que o fez conhecido no Brasil, Alemanha, Portugal e Estados Unidos.

Cândido constituiu-se numa das raras exceções da Bahia no campo da cerâmica. Seu Estudante, figurava com um livro, sentada à beira de uma árvore cheia de frutos, com uma pomba em cima, os Exus, pretos cor de carvão, com obscenas línguas vermelhas, o Boi Preto ou Castanho, o Vaqueiro a Cavalinho, trabalhados com tintas baratas (cores predile-

tas: amarelo, azul, preto e branco), são conhecidos mundialmente.

Sua cerâmica é produzida com barro apanhado quase no quintal de casa. Pés no chão, pés grossos de preto, mãos no barro molhado a modelar, ele usa um sistema de encaixes para dar forma às figuras: valendo-se de orifícios, penetra hastes na base de uma figura, introduzindo-a até a seguinte.

Filho de Francisco de Paula Xavier - Chico de Babá - antigo e famoso Pai-de-Santo do terreiro de Ventura, Cândido também é excelente dizedor de frases:

- Cândido Santos Xavier, um criado às suas ordens... O boi pelas pontas, o homem pelas palavras.

- Você encontra Cândido; anda é assim de qualquer jeito. Mas não quero andar grãfino com o seu suor nem dos outros.

- Cada qual, se gosta de macumba, do candomblé, s'ê da seita não saia, porque se sair se campa.

Serviço: sua cerâmica está a venda no restaurante "A Cabana do Pai Tomás", em Cachoeira.

A United Fruit Escorregou Na Casca

Até 1970, Eli Black era dono de uma poderosa cadeia de frigoríficos nos Estados Unidos. Aí resolveu entrar num novo negócio: banana. Comprou o controle da United Fruit Co. e trocou o nome para UNited Brands Co. Mas, como se diz, escorregou na casca.

Ao fechar negócio, Black disse que ia recuperar, "a qualquer custo", o terreno que a United Fruit tinha perdido para a Standard Fruit Co. Claro, o custo que ele imaginava era uma exploração ainda maior dos produtores latino-americanos, e não seu suicídio em fevereiro deste ano - um salto da janela de seu escritório num prédio de Nova York. Além de suas próprias trapalhadas, mister Black não contava com outros fatos:

- Criação, a 17 de dezembro de 1974, da União dos Países Exportadores de Bananas - UPEB - que pretende ser uma espécie de OPEP das bananas, sob a liderança do Panamá, e englobando os países que aquelas companhias, ao longo de 75 anos de exploração, transfor-

UNIDADE

O DIFÍCIL ESTÁGIO

Visão demite diretor sindical. E a lei? O retrato de uma época da notícia policial

A luta para recuperar o salário perdido

Orgão Oficial do Sindicato de Jornalistas Profissionais de São Paulo

POEIRA

QUEM VOCÊ ACHA QUE TAMBÉM ME VOU? UM GRUPO DE VITÓRIAS OU TOU UM ESCOPO? PARECE LITÓ? TODA UMA ESCOLA TRABALHANDO, MAS ISSO DEPENDENDO DO INTERESSE DE CADA UM DA PARTICIPAÇÃO DE CADA UM

Jornal do DCE da Fundação Universidade Estadual de Londrina

Oficina samba

Da Comunidade Oficina Samba, Lisboa

DA BAHIA: 4 MORTOS E 2 ARTISTAS. (POR GUSTAVO FALCÓN)



ILUSTRAÇÃO DE SPINOLA

maram em "republiquetas das bananas": Costa Rica, Honduras, Guatemala, Nicarágua, Equador e Colômbia.

- Um escândalo: a imprensa descobre e denuncia que a United Brands tinha subornado um alto funcionário hondurenho para que baixasse o imposto sobre a exportação do produto. Com a revelação do escândalo, Black suicidou-se e o presidente de Honduras, general López Arellano, foi destituído em fins de abril de 75.

- Na guerra contra a Standard, mr. Black foi incompetente, teve prejuízos enormes com a United Brands, mas não com a banana, que representava 29% da produção da companhia e contribuía com 80% dos lucros. A Standard, aproveitando novos mercados, cresceu 54% em menos de 5 anos.

Mas, em toda essa guerra, quem saiu perdendo mais foram os países produtores. A Brands de mr. Black - para enfrentar sua competidora - não pagou um centavo de imposto durante 4 anos em nenhum país; e, no Panamá, dos 27 produtores nacionais sobram apenas 14. Mas isso acabou iniciando uma outra guerra, desta vez entre os produtores e as companhias. O Panamá tomou a iniciativa. Seu ministro da Economia, Fernando Manfredo, conta:

- Todos os países estavam sofrendo o mesmo desequilíbrio em suas balanças de pagamentos. Iniciamos, então, um movimento de integração, o primeiro a surgir nessas bandas. A maioria dos países reconhecia que era tempo de assumir o controle da exploração do produto: 75 anos é demais!

Os 75 anos de exploração começam quando 3 norte-americanos se unem

para fundar a United Fruit Co., com capital inicial de US\$ 20 milhões. Foi triângulo perfeito: o capitão Lorenzo Dew Baker tinha uma empresa que transportava banana da Jamaica para Boston; em Boston, Andrew Preston tinha outra firma para distribuir a banana trazida por Baker; e Minor Keith era dono das ferrovias ao longo das plantações de bananas na Costa Rica, Panamá, Nicarágua e Colômbia. Com a fusão ficaram os 3 americanos ficaram com 112 milhas de ferrovias e 86 mil hectares de terra. Meio século depois, em 1954, a United Fruit já dominava 700 mil hectares (um décimo do território panamenho). A Standard Fruit surgiu depois.

Acostumadas a mandar tanto tempo nesses países, as duas multinacionais foram apanhadas de surpresas em março de 74: os ministros da Economia dos países exportadores se reuniram e criaram um imposto à exportação. A UPEB surgiu logo depois. A reação, no entanto, foi imediata: o Equador não aguentou as pressões da Standard e saiu fora da UPEB. A companhia pressionou também Honduras e Costa Rica.

Aí o general Omar Torrijos pegou os 2 milhões de dólares em impostos que o Panamá tinha cobrado das companhias e dividiu entre a Costa Rica e Honduras. Explicação de Torrijos: "Não podemos usar esse dinheiro sabendo que há trabalhadores com problemas por causa de uma ação iniciada por nós". As companhias acabaram conseguindo que os 2 países baixassem o imposto para 25 centavos a caixa; a Guatemala não chegou a fixar um imposto mesmo apoiando a UPEB; a Colômbia ficou firme, mas é um exportador sem expressão.

Mas não deram resultado as pressões sobre o Panamá. Durante 6 semanas, a United Fruit parou tudo e não exportou nada. Isso acabou fortalecendo a posição do país. Os 17 mil trabalhadores atingidos receberam contribuições da população. E, baseado nesse apoio, o governo advertiu: ninguém podia ser demitido sem autorização do ministério. Outras exigências: a companhia tinha que pagar todos os salários dos dias em que não exportou e, se resolvesse parar suas operações, devia pagar 1 dólar por caixa exportável.

Quando reiniciou as atividades, a companhia pagou tudo. E os jornais saíram com essa manchete: "Cumpram e fora!"

Há 5 meses o governo panamenho discute com a United Brands num clima tenso, mas de surpreendente igualdade. Para que sua banana seja mais competitiva, o Panamá fixou um imposto de 35 centavos por caixa. A companhia concordou em sair do Panamá em 1977. Antes disso o governo pode comprar as plantações quando quiser, com aviso prévio de 90 dias. No momento está avaliando o ativo da companhia para fixar seu custo, levando em conta os lucros que ela teve até agora.

- Se não houver acordo, ela será nacionalizada: o povo já não aceita a situação em que a empresa é dona das casas, das terras, dos cinemas, das vendas, da educação, da saúde, de tudo - diz Fernando Manfredo.

Ele está certo de que todos os outros produtores estão perto de controlar sua atividade: para apressar isso, o Panamá propôs que a FAO, órgão da ONU para a alimentação, apoiasse o controle das companhias. A proposta foi aceita por unanimidade, menos pelos Estados Unidos.

Outra luta de pequena república da América Central - 74 mil km², 1 milhão e 400 mil habitantes - é pelo canal que divide, cuja zona é uma extensa faixa sob jurisdição norte-americana. O canal e as bananas são as principais fontes de divisas do país.

Se a Indonésia Pega o Timor, Haja Sangue!

A Indonésia (arquipélago de 13.677 ilhas, 6.044 habitadas, 130 milhões de habitantes) ameaça invadir Timor (colônia portuguesa, que ocupa meia ilha do arquipélago indonésio, 600 habitantes). Portugal já perdeu o controle da situação. Seu comissário abandonou Dili, a capital, e se instalou na pequena ilha de Atauro, protegido por 100 soldados.

A guerra em Timor começou a 11 de agosto. Forças da União Democrática de Timor (UDT) chegaram a dominar Dili. Mas a Frente Revolucionária de Timor Leste Independente (Fretilin) contratou e expulsou a UDT de Dili. Logo os combates se entenderam por toda a colônia.

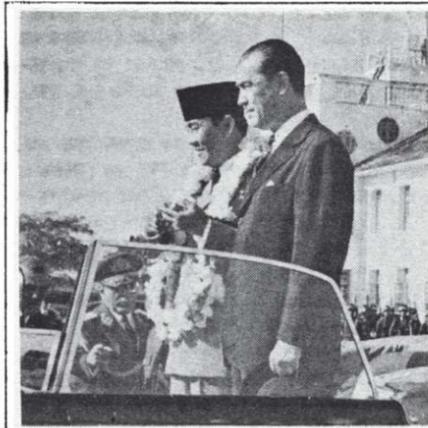
A Fretilin, organização de esquerda, agora em melhor posição, só aceita negociações com o governo português. Seu objetivo é a completa independência de Timor. A base política da UDT são os pequenos comerciantes. Para eles, Timor não deve se tornar independente de Portugal, mas ter apenas um governo autônomo. Ao lado da UDT está a Associação Democrática do Povo de Timor (Apodeti), uma organização inexpressiva, que defende a incorporação pura e simples de Timor à Indonésia.

No dia 8 de julho, o ministro do Exterior da Indonésia, Adam Malik, declarou que seu país não aceitará um regime de esquerda em Timor - como seria o da Fretilin. Se a Fretilin continuar se fortalecendo e a Indonésia cumprir a ameaça, a colônia portuguesa levará um dos grandes banhos de sangue de nossa era.

O regime militar indonésio, presidido pelo general Suharto, já tem tradição. Ele chegou ao poder com um golpe militar, no dia 30 de setembro de 1965. Acusando o Partido Comunista Indonésio de estar preparando um golpe, os militares iniciaram um massacre. 6 meses depois, 1 milhão de pessoas estavam mortas. Orgulhoso, um oficial indonésio disse alguns anos mais tarde:

- No começo, fuzilamos muitos. Mas depois recebemos ordens de não desperdiçar munição, porque ninguém estava resistindo. Eles chegavam até nós com as mãos já amarradas às costas. Creio que matamos pelo menos 200 mil pessoas no setor de Java, mas com o apoio das populações. Toda noite levávamos um caminhão com 25 a 30 prisioneiros até uma aldeia e deixávamos a seus habitantes a tarefa de matá-los. Nós militares respeitávamos a ordem de não atirar. Deus! Como correu sangue da canalha infiel! Gritos? Claro que eles gritavam e imploravam perdão, covardes sujos! O salário? Era a satisfação.

Hoje, a polícia política indonésia - a Kopkatib - tem 300 campos de concentração sob controle. O general Suharto



O ex-presidente Sukarno (com Juscelino na foto de 1959, quando veio ao Brasil) foi golpeado em 1965. Suharto, o golpista, acusou o PC de tentar um contragolpe e matou 1 milhão de seus militantes e simpatizantes.

admite que existem 600 mil presos políticos no país. A revista conservadora inglesa *The Economist* fala em quase 120 mil. Outras fontes falam em 150 mil.

Os presos políticos estão divididos em três categorias: A (comunistas comprovados); B (comunistas sem filiação ao partido comprovada); e C (simpatizantes e suspeitos de colaboração com o partido). Calcula-se que 10 mil estejam na categoria A. Mas, até hoje, pouco mais de 100, de todas as categorias, foram levados a julgamento.

A ração média de cada preso, nos campos de concentração, não passa de uma xícara de arroz por dia. Mas, às vezes, até isso falta. Em algumas épocas, quando aumentava o número de presos A, o governo libertava alguns C. Outro método para diminuir as despesas: o fuzilamento.

Nos últimos anos, adotou-se um novo tipo de campo de concentração. Na ilha de Buru, a 2 mil quilômetros de Jacarta, a capital da Indonésia, foram colocados militares de prisioneiros. Antes receberam roupa, ferramentas agrícolas, material de cozinha e provisão de alimentos para 1 ano e meio. Depois tinham que se virar.

Mas os militares indonésios ainda não se dão por satisfeitos. "É como se esses comunistas tivessem várias vidas", comentou certa vez um oficial. "A gente mata 5, logo aparecem 15". Por isso, de tempos em tempos, o governo seleciona uma determinada região para realizar uma campanha de repressão. Sempre com a participação da população, como explica um habitante do oeste da ilha de Java:

- Meu vizinho ficou louco. De agosto a novembro de 1968, matou 17 pessoas, com ordem escrita do exército, porque meu vizinho queria agir corretamente. Ele cortava o pescoço das pessoas à noite, perto do rio. A escuridão era tanta que uma vez ele matou a irmã de sua mãe. Sem contar que ele também foi bem pago - 3 mil rúpias (70 cruzeiros) por cabeça de comunista.

Gabriel Romeiro

Recado Para Milton

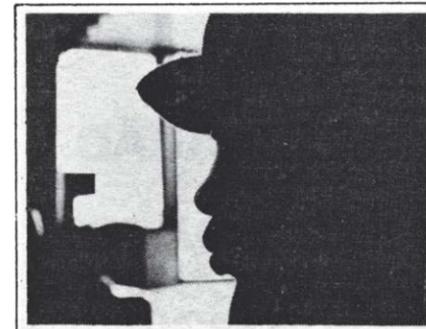
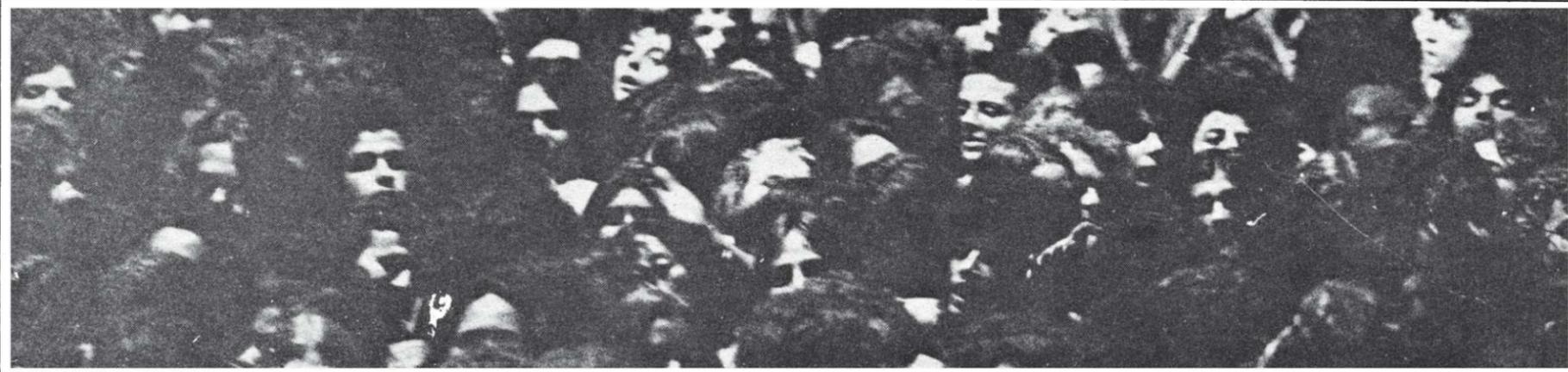


FOTO: WALTER FIRMO

Alô; Milton, queremos falar com você no ex-16. Precisamos saber o que houve, que o empresário Benil Santos te executou 180 mil. Esperamos que não aconteça coisa desse tipo com os outros.

ANALISTA PÕE A MÃO NA CONSCIÊNCIA. FAZ AUTOCRÍTICA



Somos Os Pais De Santo Da Elite

Me chamo Carlos Fernando Fortes de Almeida, tenho 39 anos, sou médico, casado, moro na Urca, tenho dois filhos e escrevo desde os 15 anos, já tendo publicado 8 livros, alguns premiados. Me assino literariamente Fernandes Fortes. Fui o analista mais jovem do Brasil: titulei-me aos 29 anos por uma Sociedade filiada à International Psychoanalytical Association. Desliguei-me em 1970, contra a vontade dos meus colegas, e tenho muito orgulho disto. Escrevi uma peça de Teatro inédita (só vale a pena escrever livros impubescíveis, hoje em dia): quando me retirei da sociedade, como já esperava, ninguém me seguiu e, pelo contrário, devem ter pensado que eu era louco em largar uma Cosa Nostra tão rendosa e fechada, onde os filiados detinham o monopólio da consciência e da inconsciência.

Entendo que a luta da análise é uma luta de contornos muito mais amplos: é uma

questão de sistema certo ou errado. Mas como um analista classe A trabalha de 10 a 12 horas por dia para ficar rico antes que a análise caia de moda, é natural que não tenha tempo para ler sobre política, economia, sociologia, arte, pelo menos não além do nível superficial dos jornais ou revistas. Esquadrinhar outros ângulos de visão da realidade, que não o analítico, é um programa que os analistas reservam, no bolso do colete, para quando forem suficientemente ricos, isto é, sempre mais tarde. Agora é trabalhar e dormir. Aliás, está em plena voga terapêutica a maratona, que consiste em reunir o grupo aos sábados de 2 às 7 da noite, numa tertúlia que é mais um esforço de cura bem pago.

Acho que superei os riscos sem fazer concessões. Hoje, 5 anos após, mantive a minha clínica sem favores de colegas, unicamente alimentado por clientes que ajudei. Trabalho, à minha maneira sócio-psíquica, procurando dar ao cliente uma visão integrada do mundo, e não a perspectiva mesquinha das interpretações meramente infanto-juvenis, porque creio e sei que um indivíduo se forma a partir de uma identidade coletiva e não egoísta, predominantemente humanística e não tecnológica; e que, ao contrário do

pensamento analítico oficial vigente, o ser humano começa a ser feliz e a se depurar, no sentido inverso do inconsciente, isto é, a partir do momento em que reconhece a responsabilidade perante os seus semelhantes como ser social, caminhando em direção à família até chegar ao indivíduo, e não de dentro para fora, como pensava o velho Freud.

Que eu saiba, é a primeira vez que um analista titulado vem a público expor os problemas de sua classe à crítica; é uma provocação altamente salutar, que aborda uma série de problemas clamando por urgente revisão. Não sei que riscos correi, mas, infelizmente, não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos! (*)

No dia em que a burguesia neurotizada se identificar com o processo gerador, e adquirir um conteúdo participante no governo, em termos de responsabilidade social criadora, começará a se sentir útil, a ser gente, a contar como fator de decisão. Então, haverá tanto o que ajudar que desaparecerão os vazios, as crises de solidão e outros faniquitos existenciais; pois a mãe-pátria de seus inumeráveis filhos-cidadãos propõe um lar inesgotável de problemas e situações propiciatórias à sublimação dos nossos maus instintos.

Daí porque, no futuro, a aplicação da psicanálise deverá ser muito mais uma tarefa de política social, do que um problema de divã; mas não um programa para obter um condicionamento através de mecetes demagógicos e sim de uma psico-socialização de massas. O importante é a ética da coisa, pois todos nós sabemos que a China, sem analistas formados, tem muito menos neuróticos do que os Estados Unidos, onde existe o maior número de analistas; o que vem mostrar que o problema não é só de análise, e menos ainda de analistas, mas de sociologia, de economia, e principalmente da ética do sistema. As compensações individuais de posse e de lazer, de lucro e ócio, já provaram conduzir as pessoas à alienação e à neurose e depois, quem se compensa, confessa implicitamente que não tem. A compensação é uma metáfora decadente de quem não se consubstanciou; é a falência confessada, o adjetivo sem o substantivo, o símbolo no lugar da matriz, a substituição da substância.

Se o ser humano já é um feixe tão forte de egoísmo não será patrocinado o seu american way of death que iremos proporcionar-lhe felicidade.

Por isso o papel dos governos, como via terapêutica de massa, deverá ser cada vez maior, no futuro. Com essa colocação e trato do problema estaremos dando um passo imenso, no sentido de cura da neurose, como problema de massa, que é o que interessa; pequenos desvios e casos resistentes ficarão para o consultório, mas depois.

Na análise tradicional há muitos problemas a serem revistos, por exemplo: o da relação médico-paciente. O velho Freud imaginava o analista um indivíduo neutro, onde o paciente projetaria seus problemas numa situação deliberadamente artificial, algo como uma tela onde seriam expostas situações conflituosas, mas essa neutralidade é ilusória e falsa. O analista é um ser humano, fundamentalmente um ex-neurótico que aprendeu a se conhecer e se equilibrar, e

está tentando transferir ao paciente um pouco da sua experiência de cura e do que aprendeu; e não um indivíduo misterioso, perfeito, neutro, equilibradíssimo, um magister-dixit na torre do marfim. Os analistas, mantendo essa postura asséptica e supostamente neutra, estão contribuindo muito mais abertamente para que o paciente os idealize e se exclua da responsabilidade da sua doença e cura: pois se o seu analista é um sujeito tão sério e auto-suficiente, que não precisa se comunicar espontaneamente com ele, nem deixar transparecer qualquer problema pessoal, então deve ser um deus onipotente capaz de curá-lo através da fé e confiança que inspira; o que é um excelente prato para a resistência de um neurótico que não se assume. É o Pai de Santo de Elite.

Acontece que os analistas são pessoas mais complicadas que a maioria, têm uma vida íntima quase sempre atribulada, não admitem facilmente críticas, nem se conformam em aplicar humildemente o método que aprenderam. Acreditam num sistema de valores fechado capaz de explicar, pelo inconsciente, todos os fatos humanos. Esquecem-se de que não foram eleitos para a sua profissão pelo grau de equilíbrio, e sim porque se apresentaram como candidatos, isto é, neuróticos disfarçados de médicos (pois para ser analista é preciso ser formado em medicina).

Encarando o problema em linha reta, a análise não tem feito mais do que substituir a religião decadente. Antes, a gente ia à Igreja, confessava, comungava, e estava livre para pecar de novo. Hoje em dia, é na psicanálise que se depositam as maiores esperanças da classe dominante (principal usuário) para neutralizar suas enormes culpas. A análise vende os melhores argumentos para o sujeito se tranquilizar. Basta provar a ele que os seus complexos vêm da primeira infância para assinar o cheque com prazer e sair do consultório para o seu negócio, onde explorará os empregados, com o orgulho de um patrão analisado, até que a morte os separe.

Quanto ao analista, esfregará as mãozinhas de satisfação, ante o polpudo óbolo, de que se vê que é mais fácil um camelo passar por dentro de uma agulha, do que um pobre entrar no reino da psicanálise. Aliás, outra mentira é a de que o cliente deve pagar uma quantia que represente um esforço ponderável, para ser curado. Eu já tive excelentes resultados tratando um grupo gratuitamente, no hospital Pinel, durante 6 anos. O cliente desacomodado é menos poluído e esconde muito menos os problemas; e quanto a essa história dele não compreender as interpretações é pura asneira: o analista que não é capaz de dar uma interpretação compreensível, ao nível do cliente, é que não o compreendeu.

O importante não é dizer, nem conduzir o indivíduo ao que ele deve fazer para se curar. É muito mais jogar com a sua capacidade de intuir o que ele não deve cometer para não ser infeliz, pois se os clientes não sabem como devem agir, sabem, e muito mais do que se pensa, como não devem agir. Evitando o adversário é que se chega ao gol.

Se os pais continuarem a perder pon-

VESTIBULAR NOVEMBRO 1975

(INSCRIÇÕES ABERTAS)

DIREITO
ARQUITETURA E URBANISMO
ENGENHARIA OPERACIONAL
COMUNICAÇÃO SOCIAL
ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO
LETRAS - CIÊNCIAS - PEDAGOGIA

ESTUDOS SOCIAIS - EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA
PSICOLOGIA CLÍNICA, EDUCACIONAL E INDUSTRIAL



**FEDERAÇÃO
DAS
FACULDADES
BRAZ CUBAS
DE MOGI
DAS CRUZES**

Informações e inscrições:
MOGI DAS CRUZES: Rua Francisco Franco, 133 - tels. 4200 a 4204 - Rua Manoel Caetano, 265 - tels.: 2255 e 4218 - Av. Francisco Rodrigues Filho, 1233 - tels.: 4437 e 4438
SÃO PAULO: Rua Álvaro de Carvalho, 50 - cj. 2 - tel.: 33-3597
SANTO ANDRÉ: Rua Cel. Oliveira Lima, 252 - s/ 35 - tel.: 444-5800
SANTOS: Rua Floriano Peixoto, 20 s/25 - tel.: 4-0642
GUARULHOS: Rua D. Pedro II, 201-A tel.: 209-1075

EX LANÇA A SEÇÃO NOVA HISTÓRIA. AI VAI O 1º CAPÍTULO.



tos na educação dos filhos, se os governantes insistirem em ignorar o povo, e se o patrão cada vez mais explorar o empregado, daqui a alguns anos chegaremos ao "descomplexo do Edipo", onde o justicamento da figura da autoridade será um gesto salutar (ao menos psicologicamente).

Depoimento a Democrito Moura
* (NR: depende da quantidade dos ovos).

Luz Del Fuego, a Que Foi Imprópria Até Para Maiores

A mais cobiçada nudista das Américas, a cabocla do Espírito Santo, a popular figura carioca, dançarina notabilizada pelas duas serpentes que a enlaçam em seus bailados sem véus. Autora de 2 livros "impróprios para menores". Estrela de filmes pornográficos. Aplaudida em pé nos seus números de rumba.

Carnaval de 50: barrada na porta do Municipal. Multada várias vezes por dançar nua. Presa e expulsa de bailes carnavalescos (...) jogada numa cela fétida e escura; hemorragias; agredida por militar no pátio interno do batalhão; seu companheiro marinheiro surrado impiedosamente num compartimento reservado.

Planeja abrir um Clube Naturalista Brasileiro, com sede na ilha do Sol, baía da Guanabara. Neste paraíso não há telefone, credores nem policiais. Tudo é sonho e tranquilidade. Contra a realidade social vestida e opressora, a realidade sem complexos. Cercada por mar alto com uma praia diminuta e rochas lindas, Luz Del Fuego vive ao lado do guarda portuário Hélio, do travesti carnavalesco Gilda, do velho vigia Edgar, de cabras, cães e cobras. No apogeu, a colônia de nudismo teve até 240 sócios.

Assim mataram Luz Del Fuego: os criminosos abriram o ventre da vítima e colocaram pedras e manilhas e afundaram o corpo dentro do próprio barco da atriz a 400 metros da ilha do Sol (início da década de 60).

A polícia prende suspeitos, marginais, mundanas. Gaguinho no rol: condenado uma vez por homicídio, outra por agressão. Gaguinho manda dizer que resistirá e matará o primo que o denunciou. Gaguinho preso: já levou 29 tiros. "Não matei Luz Del Fuego. Meu único crime foi matar o investigador José Júlio, que partiu pra cima de mim. Era ele ou eu".

Condenado a 60 anos de prisão, na 7ª Vara Criminal, lança maldição:

- Sou o rei dos reis e quando morrer vou virar santo. Quando eu morrer as águas vão invadir tudo e acabar com todos os homens.

Do livro Folias Brejeiras, de José Simão, editado pelo próprio autor; e pelo próprio autor colocado nas bancas de São Paulo e Rio. Além de Luz Del Fuego, reportagens e fotos de Elvira Pagã, Virginia Lane, Mara Rúbia e Elke Maravilha.

NOVA HISTÓRIA

O Tenentismo

O preso pediu para falar com o diretor. Fez um insólito pedido: o senhor me facilite a fuga, antes que seja tarde demais. O diretor nada disse, mandou o carcereiro conduzi-lo daquele jeito indiferente que têm os diretores de prisão e os barbeiros - de volta à cela. Lá fora fremia a revolução: breve bateria nos portões da penitenciária com seus punhos de ferro. E, àquele preso, no mínimo arrancariam os bofes: era o assassino de João Pessoa.

João Pessoa era o candidato a vice (derrotado) pela oposição, na chapa de Getúlio. E João Dantas o assassinou meio por política meio por paixão: o município de Princesa estava rebelado contra o governador da Paraíba (João Pessoa) e João Dantas era de lá - até ai vai o caso político. O jornal de João Pessoa, A União, publicou a correspondência erótica de João Dantas com uma moça finíssima da cidade e, num aviso, disse que quem quisesse saber mais era ir à redação - aqui, os tênues fios do amor entrelaçaram-se ao barbante forte da história. João Dantas se mandou para o Recife, coberto de opróbrio (como diziam nossos pais). Quis o destino que em julho o governador fosse a Recife, espárecer. João Dantas passava por uma confeitaria quando viu, numa roda, o desafeto.

"João Pessoa dirigiu-se/A rua Barão da Vitória/A antiga rua Nova/ Conhecida na história/Entrou com seu amigo/na Confeitaria Glória/ E mal tinham se sentado/ Viram entrar no salão/ Um sujeito apressado/ Ia puxando um revólver/ Que tinha à cinta enfiado/ O sujeito era João Dantas/ Que ia com seu cunhado/ Assassinar João Pessoa/ Como tinham premeditado...(Versão de um cantador do Norte).

Este crime deflagrou a revolução. Ela vinha se preparando, é claro, há algum tempo, como uma aranha que se move no escuro. O raio que incendiou a floresta foi esta morte. Passaram-se 4 meses e, em outubro, João Dantas estava encagachado na sala do diretor da prisão. Matou-se logo depois em sua cela: "Mato-me de consciência tranquila e ânimo forte, porque estou entregue a bandidos e o meu brio não suporta humilhações".

Em meados de 1930 a nossa pequena burguesia se achava mobilizada pelos tenentistas (a jovem oficialidade do Exército e seus amigos). Qual uma teia muito fina, eles haviam coberto o país inteiro com a conspirata dos quartéis.

Após a derrota eleitoral daquele ano (ganhou Júlio Prestes contra Getúlio) a pequena burguesia das cidades estava pronta para ir à revolução. Quanto ao grave problema de transformar energia revolucionária em força militar, os tenentistas o tinham resolvido, já em maio, pondo à disposição da liderança política um esquema de ação armada. Nessa transformação, Luis Carlos Prestes fora, indiscutivelmente, a principal turbina.

A pequena burguesia foi a força mais avançada na seio da frente única que fez a revolução de 30. Mas não foi a única, nem a que acabou por preponderar na luta pelo poder. Ao seu lado, alinhavam-se pelo menos 3 oligarquias importantes: a mineira, a gaúcha e a paraibana; a alta classe média e uma parte da burguesia cafeeira de São Paulo, amuada com Washington Luís; a burguesia industrial e os representantes dos interesses norte-americanos, que, como pescadores de águas turvas, esperavam algum benefício de uma brecha no sistema. Cercando-as, com a sua simpatia, estavam o proletariado: urbano e muitos conglomerados sem classificação certa das cidades. Olhando-se apenas do ângulo político (como Juarez Távora o fez nas suas memórias), esta frente única abrigava conservadores, liberais, revolucionários moderados, socialistas, comunistas extremados e até anarquistas. Amplo e colorido era o leque.

A campanha da Aliança Liberal, com Getúlio na cabeça e João Pessoa de vice, foi quem primeiro juntou todos esses grupos - mas a Aliança perdeu, num pleito em que o vencedor foi somente o que roubou mais. Conhecidos os resultados, a componente conservadora e oligárquica preparou-se, como fizera outras vezes, para voltar ao regaço da situação. Os militares, contudo, prepararam-se para o movimento armado. Tudo parecia indicar que mais uma vez, como nos levantes de 1922 (Os Dezoito do Forte) e 1924-27 (a Coluna Prestes) ela se sacrificaria só. Nisso, alguém foi assassinado numa confeitaria do Recife.

O assassinato político de João Pessoa, na tarde de 26 de julho de 1930, foi, para usar uma velha imagem, como o raio que se abateu sobre uma floresta variada em espécies. A conspiração tenentista cresceu rapidamente nos meses de agosto e setembro, a elevada temperatura. O general-capitão Prestes recu-



Prestes, já capitão

sou-se, porém, a continuar nela, perdendo a oportunidade de golpear, em outubro, um sistema cujos pontos de apoio nunca se estreitaram tanto, antes ou depois. Não acreditava que o golpe - desferido por forças tão heterogêneas - pudesse ser profundo. Permaneceu mesmo surdo ao argumento, levantado por Juarez Távora, de que o golpe seria mais profundo quanto mais ele participasse. Também não viu que, qualquer que fosse a sua atitude pessoal, a frente única estava pronta para desferi-lo. Enfim, uma brecha considerável ia-se abrir na muralha da República Velha - era melhor estar ao pé dela para entrar, do que distante.

A justa avaliação que fazia o tenente Juarez Távora, o tornou, naquele preciso momento, aquilo que por formação e ideologia nunca mais foi: um autêntico revolucionário. Carregando a amargura da defecção de Prestes, Távora assumiu o comando vago e conduziu a frente ampla antioligárquica à vitória. A amargura transpira nestas palavras (carta de 25 de julho de 1930): "E, menos exigente do que você (Prestes), apenas pretendo, guardando seu bilhete do dia 10, possuir um lembrete preciso de quanto é falha a justiça humana, mesmo quando distribuída por um desses homens a quem nos acostumamos, às vezes, a obedecer e estimar como se fossem semideuses" (sic).

Manifestação histórica da pequena burguesia militar brasileira, moralista, autoritária, elitista e nacionalista. Estes parecem ser os poucos elementos palpáveis de um movimento demasiado poroso e contraditório para ser contido em definições claras e finais.

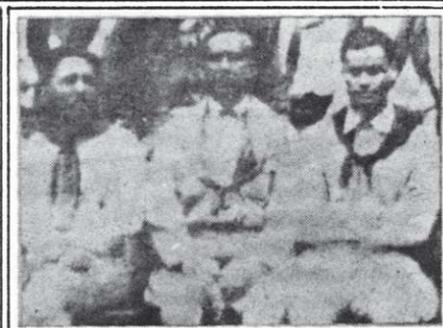
Naturalmente essas e outras características não se apresentaram todas de uma vez. O tenentismo só se revelou nacionalista, por exemplo, e ostensivamente autoritário quando chegou ao poder.

Nos anos de 1920, a camada pequeno-burguesa foi bombardeada de muitos lados, algumas vezes por petardos que identificava mas não era capaz de criticar. A década começou e acabou com crises econômicas e financeiras (as de 1919-20 e 1929-32), menos suportáveis, naturalmente, pelos que viviam de salários ou possuíam pequenos negócios e, além disso, eram consumidores regulares. A inflação e a carestia que os fustigavam, naqueles anos, decorria de uma política econômico-financeira antipopular, que permitia aos exportadores, que permitia aos exportadores de gêneros agrícolas manipular o câmbio a seu favor, como os "croupiers" do Cassino da Urca (sempre que o comprador estrangeiro baixasse a oferta, desvalorizava-se a moeda, compensando o prejuízo pela diferença entre o antigo e o novo valor).

Estas razões profundas permaneciam fora, contudo, da compreensão da pequena-burguesia. Como na brincadeira da cabra-cega ela desferia pancadas a torto e a direito, sem acertar no pote.

Em começos de 1922 (quando os efeitos da inflação atingiram o cúmulo) parece que a paciência dos seus elementos mais combativos esgotou-se também.

A década de 1920-30 viu intensificar-se, igualmente, a luta entre operários e patrões. No começo do seu governo, em 1926,



Prestes e Juarez, na "Coluna Prestes"

Washington Luís tranquilizou o país com as seguintes palavras:

- Temos, infelizmente, as graves questões que agitam as Nações do Velho Mundo e, por isso, não temos as reivindicações e reclamações em que se debatem estes povos.

Quem temia os operários, depois dos patrões, eram aqueles cujos sonhos eram, precisamente tornar-se patrão. Os pequenos-burgueses irritavam-se com as dificuldades econômicas e, ao mesmo tempo, com os políticos profissionais, corruptos e carcomidos, que não punham ordem na casa. Naturalmente, para uma boa parte deles, "por ordem na casa" era impedir a agitação operária e expulsar os "anarquistas estrangeiros que não compreendem nossa tradição de suavidade", etc, etc, etc.

Em consequência desta e de outras pressões, os componentes da baixa classe-média precipitaram-se, de maneira imprevisível, nas mais variadas direções. Logo que acabou a guerra, por exemplo, os militares recém-formados do Exército começaram a reclamar maior assistência à sua instituição. Enquanto as polícias estaduais e a Marinha recebiam meios bastantes para operar, os oficiais de terra "caçavam moscas" nas modorrentas tardes dos quartéis. Este protesto profissional foi a origem do tenentismo.

A origem foi esta, mas o movimento só se definiu na hora em que o jovem oficialato passou a combater diretamente oligarquias dominantes (além destas oligarquias, o sistema apresentava outros 2 tipos: as oligarquias tuteladas - como a baiana e a pernambucana). Esta hora soou quando Arthur da Silva Bernardes, num epílogo de ópera bufa, preparava-se para assumir a presidência - em julho de 1922.

Nosso Exército não tinha feito 30 anos de vida, quando derrubou a monarquia. Derrubou-a para receber do Estado um tratamento respeitoso, mas também tentar a "ditadura republicana do espírito científico". Pode-se dizer que os oficiais mais afastados do centro, na posição geográfica e no debate de idéias, queriam só e unicamente que os "casacas" do Rio de Janeiro os tratassem com respeito.

Quando Floriano Peixoto deixou o governo, em 1894, e os casacas retornaram ao poder, o intervencionismo militar, a juízo e critério dos próprios militares, baixou a zero. Na verdade, eles não deixaram de intervir. Continuaram a fazê-lo só que, agora, a mando do Presidente da República, com o passo rigidamente marcado pelo Catete.

Em maio de 1922, um desconhecido apresentou-se na redação do Correio da Manhã. Ofereceu algumas cartas ao redator-chefe, dizendo que eram do futuro presidente Artur Bernardes, e partiu. Foram estas cartas, junto com a Carta Brandi, invenção de Carlos Lacerda, em 1953, e o Plano Cohen, de 1937 - os pequenos documentos de mais graves consequências na História do Brasil. Todos os 3 grotescamente falsos.

Uma das "cartas de Bernardes" colocava os venerando Hermes da Fonseca abaixo de sargento e, por este e outros insultos, fez crepitar uma fogueira que os políticos paisanos estavam-se acostumando a ver como um monte de cinzas. O novo incêndio, que as mentirosas cartas em instante oportuno apenas reativaram, durou até 1933. Neste ano, acabou o tenentismo. A Revolução, que este mês faz 40 anos, morreu.

O pobre Dantas, ao fazer o pedido ridículo ao diretor do presidio, "me facilite a fuga, eles querem me matar", entrara como Pilatos no credo.

Joel Rufino dos Santos

ex-

**JORNAL DE TEXTO,
FOTO, QUADRINHOS E O DIABO.**

Compre o Ex! Melhor ainda: assine o Ex, mandando este cupon (ou cópia dele, pra não estragar o jornal) para a Rua Santo Antônio, 1043, São Paulo - CEP 01314

Nome: _____

Endereço: _____

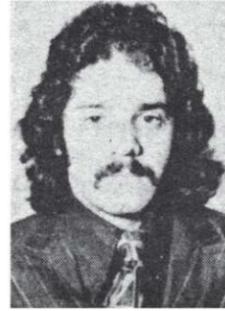
Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Data: _____

12 EDIÇÕES (Cr\$ 70) 6 EDIÇÕES (Cr\$ 35)

Forma de pagamento: cheque nominal para a Ex-Editora Ltda.

CONFESSE!



Hermes Ursini, ex-pedreiro, ex-vocalista do "Red Jets", ex-locutor em Sorocaba, ex-redator da Norton, Thompson e Standard. Atualmente ilustrador free-lancer, sem telefone para recados e colaborador do Ex. Um dos poucos redatores que desenha e vice-versa.

— Hermes, é melhor você confessar logo: de onde você chupou os anúncios e ilustrações que você fez?

— **Daquelas revistas bonitas e coloridas lá da Look.**
— Diz aí o nome das revistas e não se fala mais

NISSO.

— Não dá.

— Por quê?

— Em inglês eu só sei falar "maybe"

Look é o lugar onde você encontra revistas, livros e jornais escritos em quase todas as línguas, alguns até em português. Tem revistas de arquitetura, HQ, arte & decoração, cinema, moda, aviação, automobilismo, fotografia, ciências e, naturalmente, os The One Show, Graphis Annual e Modern Publicity da vida.

— **Mais alguma coisa a dizer, Hermes?**

— Queria aproveitar para deixar aqui meu endereço (rua Rodrigo Cláudio 478 - Acimação), oferecer ilustrações, textos e campanhas à preços módicos e agradecer às autoridades civis, militares e eclesiásticas por terem me deixado vencer na vida.



AGÊNCIA LOOK A fonte de inspiração

galeria Zarvos — av. São Luis nº 258 — loja 27 —
esq. r. da Consolação — São Paulo.

ATENÇÃO: basta dizer que leu este anúncio para você ganhar 10% de desconto. Oferta válida somente no mês de outubro.

JÁ ESTÃO NAS BANCAS OS LIVROS DE CABECEIRA DO HOMEM E DA MULHER Nº 2



OS LIVROS PARA QUEM GOSTA DE LER DE VERDADE DUAS ANTOLOGIAS PARA QUEM GOSTA DE LER A VERDADE

Poemas de Vinícius e Milton Nascimento
Conheça um crioulo de 120 anos que foi reprodutor de escravos
Rock: a pauleira que não houve, por Ana Maria Bahiana
Carlos Gardel, por José Lino Grunewald
Um perfil antológico de Tristão de Athayde, o dr. Alceu
Jaguar fala de humor - Um conto de Cony
Você gosta do presidente Horta? E de Francisco Franco?
Um conto de Stanislaw Ponte Preta e uma novela de Mary McCarthy

OS BONS E OS MAUS FLAGRANTES DA REALIDADE

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
CADA EXEMPLAR Cr\$ 25,00 - DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS:
FERNANDO CHINAGLIA



MALAGUETA, PERUS E BACNAÇO
O clássico velhaco de João Antônio - 2.a edição esgotada em 15 dias - 3.a edição já à venda - 160 páginas - Cr\$25,00



LEÃO DE CHÁCARA
O novo livro de João Antônio. O mundo da malandragem. Os personagens **quentes** de que até então ninguém falava. É o livro do momento. 105 páginas. Cr\$ 25,00



TIA ZULMIRA E EU
Primo Altamirando e elas. Rosamundo e os outros. São estes os 3 primeiros volumes das obras completas de Stanislaw Ponte Preta que a Civilização está relançando. Cr\$ 40,00 cada volume.

LANÇAMENTOS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



Pedidos pelo reembolso postal á
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua da Lapa, 120 - 12º andar - Rio

piadas

EX-15

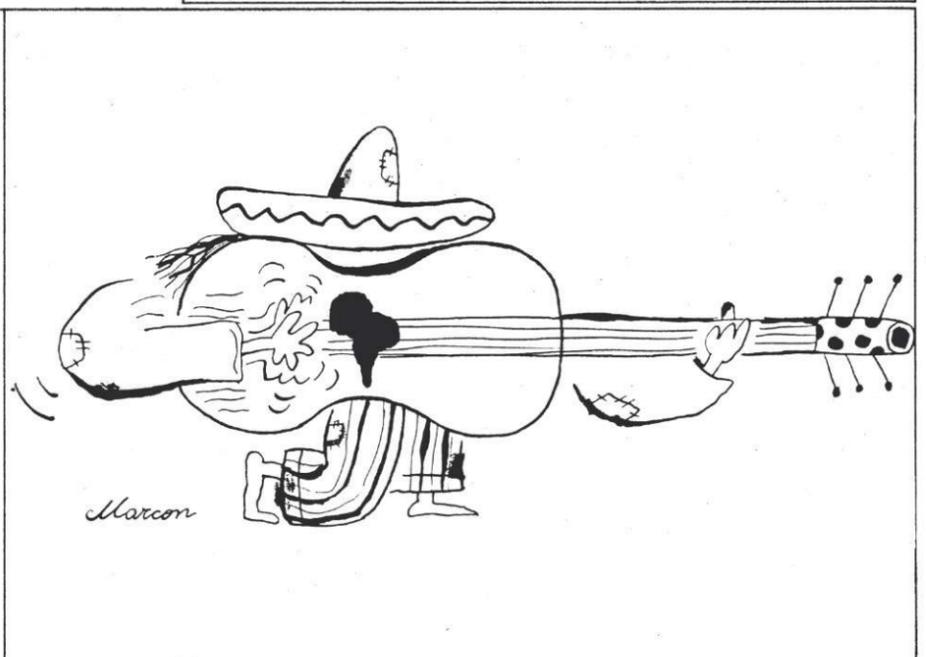
17

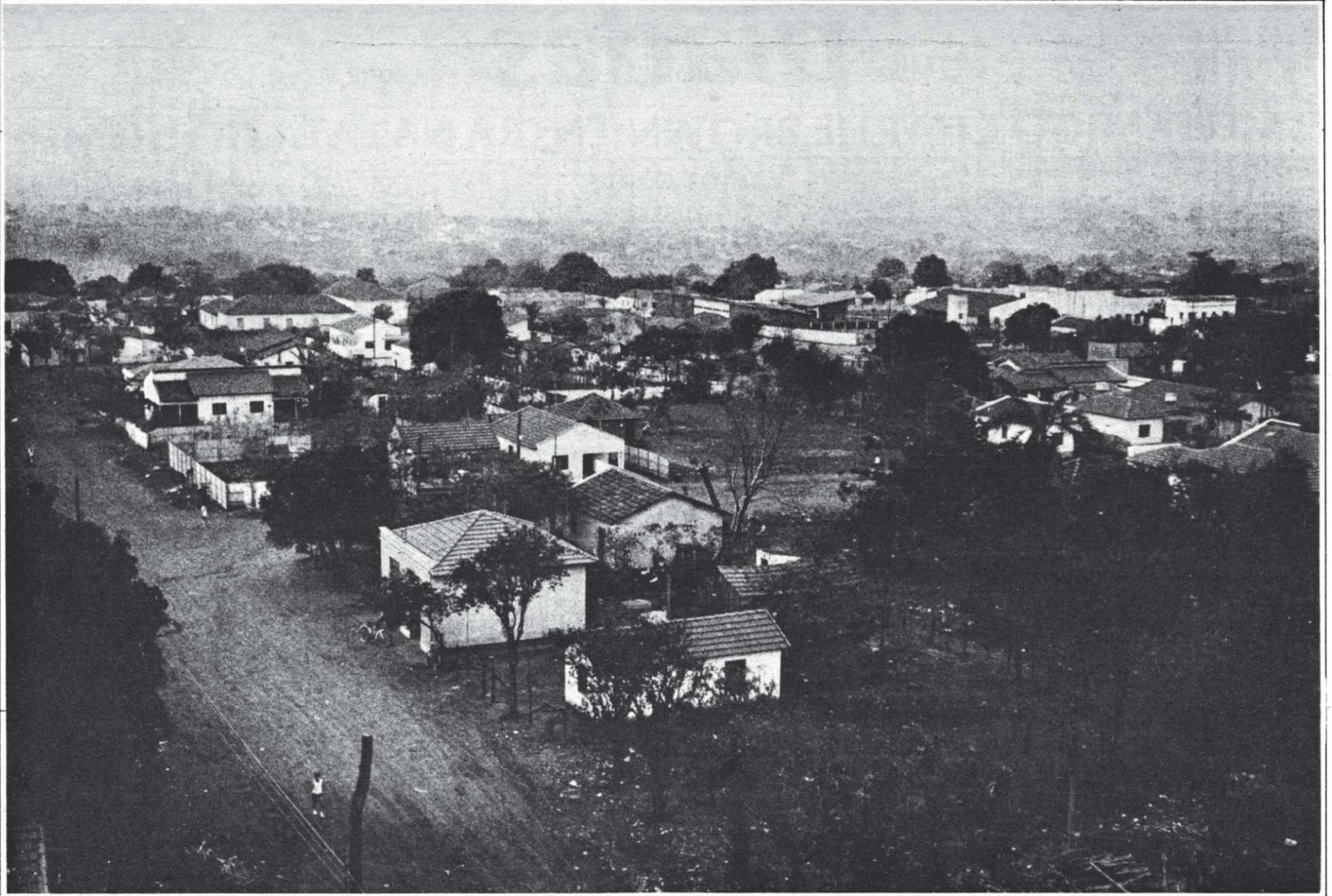
EI MEU AMIGO CHARLIE BROWN: ENTRA NA LATA, GO HOME!



Vamos comer da nossa própria cozinha?

Contra a importação do quadrinho enlatado, vendido a quilo, agente da lavagem cerebral (claro que um Wolinsky ou Reiser não é enlatado). Uma questão de mercado: penetrando com seu humor feito em computador, mostrando uma realidade que não é a nossa, os enlatados invadem um espaço que poderia ser dos nossos desenhistas, mostrando coisas nossas. Seria bom o Ford ou o governo americano baixar um decreto impedindo que os quadrinheiros multinacionais exportassem para cá o seu humor insosso, amarelo e rapinante. Se o Ford não puder, o que é provável já que está muito ocupado em escapar de atentados, que tal se desse um ataque de bom humor em nossos legisladores, e eles baixassem lei a favor do humor nacional? Não que a gente queira a proteção paternal, mas é que os gringos, além de não terem nenhum senso de humor, são fortes demais pra gente encarar sonhos. Já estamos enjoados de tanto comer enlatado. Vamos comer alguma coisa da nossa própria cozinha? a) Jota





No ar, Cassilândia.

**No meio do Brasil, sem telégrafo, estação de rádio,
telefone, jornal e - principalmente - sem televisão
Cassilândia vive.**

**E todos lá são muito bem informados.
Do que lhes interessa.**

Reportagem de Hilton Libos



A Aldeia

Vou começar contando como a televisão morreu, barbaramente assassinada pelo irmão mais novo do pistoleiro Camisa de Couro, sujeito que botou mais gente em baixo do que em cima da terra, em Cassilândia. Deixo pra contar depois como aquela terra boa assim mesmo está progredindo, mas tanto, tanto, que vou dizer: o Banco do Brasil já está de olho no dinheiro que tem lá. Antes quero dizer que só se chega por terra a este jovem município mato-grossense, e que os ônibus mais batem lata do que andam: levam 16 horas pra chegar a Cassilândia, a apenas 800 km de São Paulo; se eu ficasse todo esse tempo a bordo de um avião, não estaria a 300 km de Brasília - estaria no Japão.

Assim que o prefeito de Itajá, ali perto mas do outro lado da fronteira, em Goiás, instalou uma antena repetidora em comum acordo com o prefeito de Cassilândia, o baiano Zé Santanna - dono do bar do Zé - correu até São Paulo e comprou um aparelho de tv, à prestação. Foi o primeiro que chegou lá, em 1972. E, correndo, Roberto Lopes de Oliveira - dono da loja de eletrodomésticos - mandou vir de Cuiabá uma porção de televisores também. Zé Santanna colocou o dele no barzinho à frente de um sofázão bonito e uma mesa de centro. Quem sentasse ali para beber, pagava 20 centavos a mais em cima duma cerveja, e assim por diante. Tudo bem, até que 3 meses depois as 100 famílias cassilan-

denses que já tinham televisão, quando sentaram à noite para assistir "Uma Rosa Com Amor", ligaram e não viram Marília Pera na tela. O prefeito Ibe Fabres de Queiroz era o culpado. Caloteiro, não porque quisesse, mas porque a Prefeitura não tinha mesmo o dinheiro, não tinha pago ao prefeito de Itajá a metade das despesas com a antena, conforme haviam combinado. Então o prefeito vizinho pegou a antena, instalada na serra do Baú, e virou só pro lado da cidade dele.

Mas o vivaldo do Zé Santanna deixou o aparelho no bar mesmo assim, cheio de chuva e sem som. Continuando a cobrar mais pela cerveja. Uma noite, de passagem pela cidade, Marinho - o irmão caçula do pis-

toleiro - cismou de beber no bar do Zé. E quando pediu a conta chiou:

- Se em todo lugar a cerveja é 3 cruzeiros, por que aqui é 3 e 20?

Era por causa da tv, ia explicando, murcho, Zé Santanna. Seo Jerominho Pio, testemunha do ocorrido, conta que o rapaz, igual ao irmão em ruindade, exclamou "ah, é?", puxou o Taurus 38 e meteu 6 balas na cara da tv. De lá pra cá, a Rede Globo nunca mais piou nada naquelas paragens. E Zé Santanna, 6 filhos, não quis mais saber de tv - da qual agora anda dizendo despeitado que traz mal exemplo para as crianças.

Vacas e chifres

Domingo de manhã, nos bares vermelhos de pó, os homens começam a beber e ao meio-dia estão bê-

bados, de cócoras nas portas, conversando. De vez em quando, carros de luxo passam levantando o pó, mesmo nas 15 ruas asfaltadas do centro. Eles sabem quem é que está no volante, quantos alqueires de terra, quem matou para conseguir o que tem; e se for mulher de fazendeiro infiel:

- Essa aí dá mais que cadela em cio. Esta não, mulher honesta. Mas aquela lá, gostosa, tá enxergando? pois não tem quem não tenha uma boa pintura aqui em Cassilândia, que não tenha comido. Vacona braba.

E o fazendeiro é considerado tão chifrudo quanto os bois que tem nos pastos. O juiz de Direito, José Maranhão como é conhecido por ser de São Luiz, está impressionado com o número de desquites que viu desde que chegou: 50 e tantos, fora as separações extra-oficiais, em apenas 4 meses. Porém é mais sobre a seca que os homens discutem acirrados, de cócoras neste domingo de manhã, com raiva nos lábios rachados de segura, as pelinhas se soltando. Há 6 meses não cai chuva de molhar chão, enxarcar a terra até no fundo. De boca em boca, pelos bares, casas revendedoras de ração, horticida, semente, pelos pontos de encontro dos pecuaristas e agricultores, por todo o "bolsão matogrossense" (Cassilândia fica no fundo de um imenso vale cavado pelo rio Aporé, que começa numa chapada 105 km ao norte, onde também nascem outros 3 rios, entre eles o Araguaia) - as notícias são de que a seca vai de mal a pior.

Nenhum grande jornal chega à única banca da praça São José; *Sétimo Céu*, *Tio Patinhas*, *Status* e *Capricho* estão nas prateleiras empoeiradas, junto com a sonolência de Neide. Mas nenhuma publicação diz uma palavra sobre as pastagens que começaram a secar em maio, preocupando os 382 arrendatários e proprietários de gado; enfraquecendo e matando lentamente 130 mil reses da região. Pelo menos 20 mil já morreram, sem contar a queda de preço por cabeça (de 2 mil para 800 cruzeiros). A estiagem "normal" de novembro a fevereiro foi esticando até queimar tudo, secar todo o verde, plantação e pasto; para piorar, caiu a geada em julho. Aí o gado ficou sem ter o que comer em definitivo, e toda a banana que se cultiva na região queimou. Só na plantação de Filisteu Camargo, ali perto da cidade, foram 50 hectares:

- Essa terra é boa. Parece que não, seca assim como está, mas é boa, conta o velho Filisteu na porta do bar de Zé Santanna, afinando um palito de fósforo com o canivete, cabeça baixa, falando com a boca vincada, endurecida, para dentro, e volta e meia dando uma cuspidinha que - splhachi! - se espalha, a chamada çagada de pato, logo chupada pela poeira que atapeta a calçada.

- Precisa de chuva aos poucos, entende? Se chove tudo de uma vez, a água bate no chão, lava a terra e sobe com o sol.

Normalmente é segunda-feira o dia mais movimentado, mas nos últimos tempos não tem aparecido ninguém, a cidade fica às moscas (muitas moscas, com esse calor), lojas de portas abertas mas vazias, balconistas solitários se mescando a roupas, brim coringa, chita xadrez, botas de couro grosso com esporas de prata, discos, aparelhos elétricos, à espera de alguém para fazer negócio: a vista ou a prestação. Loja que nunca tinha feito isto, vender a prestação, agora está correndo o risco de depender da safra, preço do gado, para receber a mensalidade: se der tudo bem, jóia! Caso contrário, ficam como os homens do campo, sem dinheiro. O resto da semana,

terça, quarta, fica como na sexta-feira que cheguei, à tarde, com os passos acompanhados por olhares curiosos.

Na manhã de domingo passado, ao saírem da missa, as mulheres e crianças avistaram da praça duas mangas de chuva passar uma de cada lado, abraçando a cidade. Correram para alertar os homens nos bares, e todos ficaram de queixo pra cima, esperando que as nuvens desviassem para as terras de Cassilândia. Nada. Choveu um pouco em Três Lagoas naquele dia, 380 km ao sul; e em Aparecida, 100 km a sudeste, para o lado de São Paulo. As mulheres foram para casa fazer o que comer e os homens voltaram para beber mais uma, deixando os cavalos pastar o que ainda resta de verde na praça.

Inconformado, o *Diário de Cuiabá*, da capital, que tem 5 assinantes entre os 13 mil moradores de Cassilândia (mais 17 mil na zona rural), criticou a seca em nota de 1ª página, sob o título "Dissonante do Dia":

"É o calor insuportável, a fumaça e a poeira que impiedosamente estão tomando conta do Mato Grosso, que há muito tempo não sabe o que é chuva. Bem que São Pedro poderia mandar chover...er...er..." (*Diário de Cuiabá*, 16/9/75).

As duas estradas que trazem o resto do mundo a Cassilândia (uma vinda por Santana do Paranaíba, chegando de São Paulo; outra vinda por Três Lagoas, chegando do sul matogrossense) estão com um palmo e meio de pó; quando passam os ônibus esculhambados da Viação Itamaraty, o pó levanta e desce sobre a cidade. Os grandes proprietários usam máquinas para limpar o que está seco, mas os pequenos ateiaram fogo na roça e ficam esperando chover para poder semear. O fogo passa para outras fazendas soltando uma fumaça branquíssima que paira todo o tempo sobre Cassilândia como se fosse névoa da manhã, mas que sufoca as pessoas com o calor e a falta de perspectivas de que chova.

Na butique dela

Sábado, o "presidente da Arena mais novo do Brasil", que se chama Giroto e tem 27 anos, ou vai ao cinema (6 cruzeiros) ou ao baile (15 cruzeiros, mas aí ele não paga pois é da diretoria). Giroto e seu amigo Manuel Afonso (os dois são sócios num escritório de advocacia) me convidam para o baile, no Cassilândia Tênis Clube, com sede social ainda em construção, mas que já tem salão para as noites impulsionadas por uma vitrola e duas potentes caixas de som. Tirando isso, volta e meia aparece circo na cidade, com dramas e duplas sertanejas, como Zico e Zeca, os "reis do riso". Vamos ao baile, então, com uma advertência: chegante, forasteiro que quiser dar uma namorada em qualquer moça, ganhar a gurria no baile e "depois sair para dar uns amassos e, dependendo dos amassos, comer", tem que primeiro ver se ela não está sendo seriamente observada por algum gavião dali mesmo - segundo Giroto. Caso contrário, é puleira na certa, vira a maior bagunça, que será amainada pelo cassetete do cabo Moreira - um dos 6 policiais da delegacia local. Tudo isso ao som de Hamilton Lello na vitrola, que grava seus discos pela gravadora Chororó, particularmente, ele mesmo custeando a produção; Antonio Francisco, dono da loja de discos A Cuiabana, garante que se Hamilton fosse gravado pela RCA teria estourado:

- Pode-se dizer que ele é o Vicente Celestino do Brasil hoje. Começou com umas músicas que cantava quase chorando, dizendo que estava mal de coração e bolso. Hoje ele tá mal só de coração: cobra 10 mil cru-

zeiros por cada show em circo aí pelo interiorzão.

No salão de baile, umas 100 pessoas dançando a *Severina Xique-Xique* de Hamilton Lello:

"Ele tá de olho
é na butique dela,
ele tá de olho
é na butique dela!", mas assim que entramos substituímos por uma balada-rock melosa lá do norte, dos states.

- Por que tiraram o baião? - perguntou a Giroto.

- Primeiro porque sou um dos diretores do clube e não gosto dessas músicas. Segundo porque eles entendem... a diferença, né? Nós estudamos, fomos jornalistas em São José do Rio Preto, eles entendem...

- Você me faz um favor? Coloca o Hamilton Lello de novo?

Fui atendido. Giroto chamou o discotecário, e me joguei para dançar. Peguei a Marli, loirinha de olhos verdes joíssima, filha de fazendeiro e, por isso, cobiçada pelos paqueras.

- De onde você é - foi a primeira pergunta que fez, 2 minutos depois.

Estava escrito na cara dela que já sabia que eu era de São Paulo, mas mesmo assim ela fez um "ah!...", sem me olhar. Voltou rebolando para a mesa, onde estavam suas duas irmãs e algumas amigas. Todas ficaram olhando ora para mim, ora para minha bolsa no encosto da cadeira, dando risinhos. Outra música e Marli estava esperando alguém para tirá-la. Pois não. Pouco a pouco, Marli, 17 aninhos, foi encostando o rosto no meu, e encostou mesmo quando a vitrola vibrou com

*Te asseguro
que esta noite
voltarei para quem amo;* Giroto tinha engatado outra garota e só Manuel Afonso ficou chupando o dedo. No meio da música de Odair José,

*Esta noite você vai ter
que ser minha,
esta noite vai ser feita
pra nós dois.*

*Nem que seja desta vez
e nunca mais,
só não quero deixar nada*

pra depois, então Marli perguntou se eu era comprometido com alguma mulher em São Paulo. Disse que sim. Marli reagiu bem, disse:

- Esta mulher está em São Paulo. Eu estou aqui, né?

Ou porque eu era "de São Paulo", ou porque estava com duas "autoridades" de Cassilândia, nenhum rapaz me olhou torto quando peguei a menina e saí. Marli define a juventude da cidade:

- A gente sai do cinema e entra no baile. Meio chato...

Os rapazes endinheirados ficam esmerilhando carangas envenenadas, talas largas, levantando poeira na praça São José - para deleite das garotinhas. Os pobretões, os plebe ignara, os do povo dizem que elas são uma marias-gasolina. Por certo os rapazes trabalhadores de balcão de bar, roça, farmácia, ajudantes de encanador, que normalmente estudam até ginásio e tentam fazer a Escola Técnica de Contabilidade ou Curso Normal - maiores graduações escolares que Cassilândia oferece - também sonham possuir carros como os filhos dos fazendeiros ou os jovens que trabalham em profissões de mais status, como o bancário, o escriturário, profissões difíceis de arranjar ali.

Depois do baile, bate um vento fresco graças à água corredeira e gelada do Aporé. O breu da escuridão que aborça a cidade fica pontilhado pelas lâmpadas vistas nas janelas das casas, parecendo tomates maduros que se vão apagando até virar um filamento incandescente, subindo de novo, deixando tudo

claro, e depois voltam a parecer tomates maduros pendurados em fios elétricos. Alguns *chaveiam* a eletricidade para 220, obtendo assim os desejados 110 volts para fazer uma lâmpada iluminar perfeitamente, mas correndo o perigo da energia subir para o nível normal e queimar, além das lâmpadas, toda a instalação da casa.

Diarréia e progresso

Na casa de Ermelindo Barbosa, um lavrador de 52 anos, o banho à noite foi proibido pelo vizinho, que já reclamou até para a Câmara Municipal. Quando alguém liga o chuveiro de 220 volts na casa de Ermelindo, a luz apaga na casa do vizinho, seo Quinzinho.

- Não tem nada não, diz Ermelindo. O Quinzinho é boa pessoa, mas o que ele tem de entender é que a culpa não é minha, nem dele, e sim dos governos, não é?

O marido de Gabriela veio para Cassilândia quando isso nem fazenda era, Gabriela durante muito tempo teve vontade de ir pelo menos para Santana do Paranaíba, um lugar melhor, mas o marido dizia que não, que aqui é que era o lugar bom para progredir na vida; porém morreu faz 10 anos e até hoje Gabriela nem televisão assistiu direito:

- Tem dois problemas, moço: televisão e luz. Porque o senhor veja, sem luz não dá para colocar indústrias, e eu tenho duas filhas fortes para trabalhar. E depois, a gente tem que ver os artistas na tv, né?, é o único passatempo que eu sempre sonhava.

Iluminação pública, claro, não existe. A praça São José fica às escuras. O último resquício de vida são os estudantes que saem das 7 escolas, aos grupos, medrosos, às 10 horas. Depois é o cricrinado e o coaxar, às vezes um latido. As duas usinas a 2 km da cidade, no entanto, continuam produzindo os mirrados 5 mil KWA por dia com seus 2 motores que, juntos, somam 700 cavalos - enquanto Cassilândia precisaria de pelo menos o dobro.

Nenhuma geladeira da cidade jamais fabricou um cubo de gelo inteiro. O cinema, o clube, quem precisar de energia a 220 ou mais volts, precisa instalar por conta própria um gerador, que custa por volta de 25 mil cruzeiros, e ainda por cima continua a pagar a taxa mínima de consumo ao município. Os geradores municipais funcionaram 20 anos em Paranaíba e foram vendidos a preço irrisório para Cassilândia, em 1960.

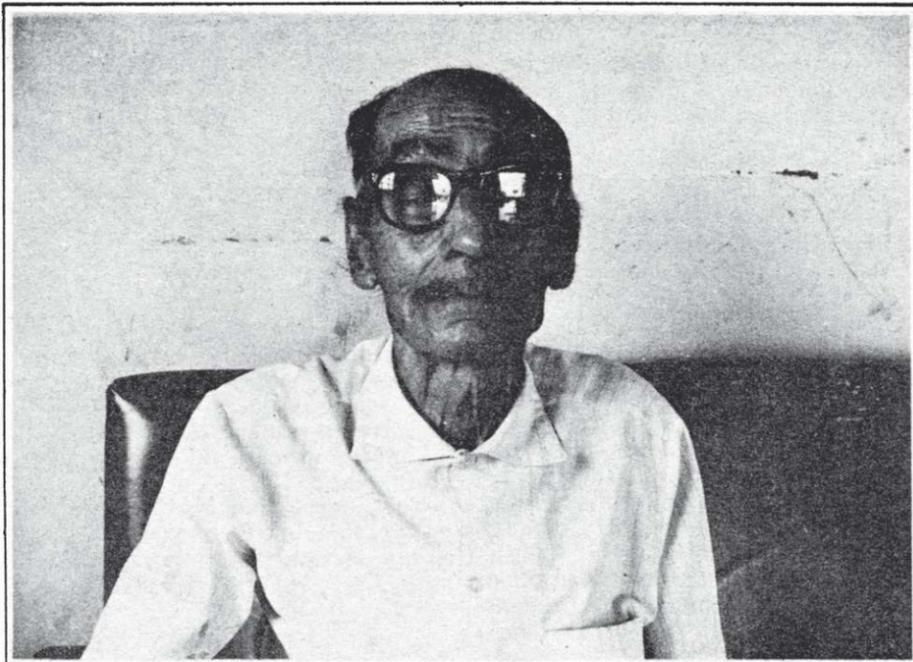
Os olhos de João Giroto, o jovem líder arenista do lugar, brilham:

- O governador Garcia Neto fez promessa pública de que a energia elétrica chegaria até o fim do ano. E ele só fez 3 promessas na região: eletricidade, mais uma escola para nós e outra, menor, para Três Lagoas!...

Conversa pra boi dormir, considera José Tenório, o presidente local do MDB (que só tem 203 filiados). José Tenório é um dos raríssimos industriais de Cassilândia, dono de uma fábrica de refrigerantes. Diz:

- Sabe que nós temos que pagar os impostos federais em Paranaíba, porque Cassilândia não tem exatária? Sabe que a água que nós bebemos é suja e - isto eu garanto - metade dos cidadãos caga mole de tanta verminose e diarréia? Pois é. Imagina então a eletricidade, quando chega?

Apesar de todos os percalços, Cassilândia está em franco e permanente progresso. É o que todos acham, gente de toda estirpe, pois já existiram tempos piores, bem piores, bem piores. Só para exemplo de pujança, vejam vocês que o Banco do Brasil vai instalar uma agência na cidade. No ano passado, a Prefeitura passou



Amin José, o fundador.

uma lista entre determinadas pessoas, pedindo 800 cruzeiros emprestados a cada uma (a serem mais tarde descontados do imposto municipal), para comprar o terreno onde ficará o Banco. Pegaram dinheiro até do pessoal da oposição, que chiou, aproveitou para meter a boca na administração, mas deu o dinheiro pedido direitinho:

— Nós somos a favor do progresso — afirma José Tenório.

Com terreno de graça e vontade de ir para Cassilândia, o Banco do Brasil só espera que o município também dê um jeito na energia elétrica para instalar-se de uma vez.

Política da lambeção

A política de Cassilândia é das mais conhecidas em todo o sudeste de Mato Grosso. Terra onde todo mundo discute acaloradamente o tempo todo, em níveis de afirmar que o prefeito Joaquim Pernambuco é joguete do deputado Waldomiro Alves Gonçalves, além de ser analfabeto.

— Ele encontra um correligionário nosso — diz o homem do MDB — e tem a coragem de falar com o sujeito dessa maneira: “Ó, xente, ficando com aqueles comunistas lá em vez de vim pro nosso lado, bichim?”

Diz-se também que Pernambuco defende os interesses das famílias que dominam economicamente a região, como é o caso da família Cadete, da qual o deputado Waldomiro faz parte. O velho Joaquim, filho de caboclos que nasceu naquelas bandas muito antes de existir a primeira casa em Cassilândia, afirma:

— O deputado Waldomiro é gente boa, sim senhor. Homem direito e honesto. Só que ele tem dois irmãos ruins que nem a doença quando pega e não sai mais, que já mataram muita gente, meu Deus!

Política que a princípio era na força, no voto comprado, lambeção pela frente e língua viperina pelas costas. Não se envolver de cara com os homens do poder: é uma recomendação que os mais velhos fazem aos que chegam, afoitos de riqueza. Amin José, mesmo fora de sua terra natal, o Libano, há 63 anos, ainda mantém o sotaque, o que torna engraçada a pronúncia de certas palavras como “macaco”, que ele diz *magago* quase dando um nó no maxilar inferior afilado, ossudo, assim como todo o corpo frágil mas capaz de incrível agilidade no caminhar de um lado para outro enquanto fala. Aos 83 anos, Amin José fixa as pessoas bem na cara, mas não consegue ver nenhum detalhe a mais do essencial para guardar uma fisionomia, coisa para o que ele tem boa

memória. Pode-se dizer que os olhos, assim como a carne pelancosa do rosto estão ficando translúcidos. A cabeça, um globo coberto por algumas mechas de cabelos brancos empastados com ainda uma vaidosa brilhantina, a voz rouquenha de porteira que há muito tempo ninguém abre. Após as aulas, grupos de crianças ficam na varanda de sua casa, na praça São José, escutando histórias do passado de Cassilândia, que ele fundou em 1944 junto com o Cassinha, já morto.

— Nunca me meti na política daqui não. Nos velhos tempos tinha 2 partidos: PSD e UDN, que agora são Arena 1 e Arena 2. Eu era amigo de todos, de maneira que era amigo das pessoas filiadas tanto num como noutro partido. Mas quando Fernando Correia da Costa ganhou as eleições para governador, montei num cavalo e fui até Paranaíba, onde ele estava, para cobrar uma promessa que tinha feito. Fui perguntando: “Como é que vai ficar o 1º Cartório de Registro de Terras em Cassilândia, governador?” Hoje, meu filho mais velho, Edil Amin, é efetivo deste cartório, enquanto que outro mais novo é do de Três Lagoas. Com a política daqui, tem que saber lidar com dedos finos, tato, meu filho.

Tomaram a rádio

Entro na Telefônica, uma salinha com balcão, mesa com painel PABX:

— Por favor, queria fazer um interurbano para São Paulo.

A moça me olha espantada:

— Olha, moço, daqui não dá, por enquanto. Os políticos dizem que estão providenciando o interurbano mas ainda não veio. Só em Paranaíba, mesmo assim já vou avisando: demora muito a ligação.

O correio, prédio clássico, diferente de todas as construções de Cassilândia, encardido de poeira, nunca mais foi pintado desde a sua inauguração, 1958, “na presidência da República Juscelino Kubitschek”, conforme diz a placa de bronze.

— Telegrama? Não é possível. Estamos sem telegrafista. O prefeito já está providenciando um, que deve chegar daqui uma semana, sei lá. Mas quando ele chegar, o telegrafo quebra. Então ficamos sem o aparelho mas com o operador, que vai embora daí uns tempos, depois de esperar pelo conserto. É sempre assim.

Pergunto a seu Jerominho no bar do Zé Santana como fazem nessa situação.

— Você podia ir na estação de ônibus e pedir a alguém que esteja indo a Santa Fé pra botar recado no rádio. Teu pessoal lá em São Paulo não ouve rádio?

As mulheres de Cassilândia ficam o dia inteiro com o rádio ligado; e



Cassilândia fica na região conhecida como “bolsão mato-grossense”, a sudeste de Mato Grosso, ocupando a área de 2.340 km² equivalente a 0,18% da superfície do Estado. A densidade demográfica no “bolsão” varia entre 1 e 9,9 habitantes por km². Eles consideram o café uma “cultura de jardim” (na geadada de julho só foram prejudicados os 30 alqueires que Cassilândia reserva aos cafezais). E há apenas 4 anos começou o plantio de arroz em larga escala, no Chapadão dos Gaúchos, onde também existem reservas de mármore. A base da economia do lugar é a pecuária e o arroz, apesar do solo quebrado, ideal para o cultivo de abacaxi, ananás e cajú.

mesmo que o destinatário do recado não esteja atento, logo aparece um menino informando. Como é normal em todo o interior do Brasil, os problemas mais elementares de uma família ficam do conhecimento de toda a região, quando são divulgados pela Rádio Difusora de Santa Fé do Sul, a 200 km de distância, no Estado de São Paulo. Os recados são gratuitos, intercalados com música sertaneja e propagandas do Elixir Chapéu de Couro — “bom para tudo quanto é dor no corpo”; a voz do locutor dá uma entonação a cada tipo de recado, inclusive opina, como:

— “Ó, José, teu pai manda avisar você aí em Cassilândia — eta, terrinha boa que dói! — pra você trazer, além das sementes de salsão, abobrinha, milho híbrido, é pra comprar também 200 gramas de sementes de alface, que tá bom pra comer nesse calorão dos diabos!”

E notícias de casamento, como o de Miriam “que agora vai passar a ser chamada de senhora Miriam Silveira Pires, depois do esforço danado que o João Pires fez pra casar com ela”. E notas de falecimento:

— “... pede-se o comparecimento especial de Jovino Camargo, lá de Aparecida, para completar as despesas do enterro com o dinheiro que estava devendo para o falecido faz tempo...”

Cassilândia já teve estação de rádio própria, até 1964. Seo Quarentino era o dono, mas na Revolução apareceram um cabo e um sargento a mando do antigo DCT (Departamento de Correios e Telégrafos), e confiscaram todos os aparelhos, só não confiscaram a concessão que ele ainda não vendeu porque não quis: apareceu gente pagando até 300 mil cruzeiros nos dias que correm. Mas seo Quarentino tem uma posição:

— Quando eu podia falar, falava mesmo. Agora não vou aí vender pra qualquer um, pra depois os sujeitos não fazerem uma rádio como deve ser.

Aí vem a tv!

Se Cassilândia agora está progredindo, uma parcela se deve aos sulinos, gente do Rio Grande do Sul, que comprou as terras da chapada, 100 km ao norte, e lá plantou arroz que por sorte foi colhido antes da geadada. Era terra que ninguém dava a mínima, barata, 10 cruzeiros um alqueire de 80 litros; 48 mil metros de terra, o dobro do alqueire comum. Dizia-se que não compensava cercar, pagar a taxa mínima exigida pelo Inca (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), para só ter lucros 3 ou 4 anos depois.

Pois é. Agora a chapada está sendo conhecida como Chapadão dos Gaúchos, 500 famílias descendentes

de alemães, organizadas em cooperativas, com 60 mil cruzeiros em maquinarias para beneficiamento e uma estimativa de 1 milhão e 200 mil sacas de arroz para a próxima colheita. Plásticos de pregar em para-brisa já anunciam o lugar como a Futura Capital do Arroz no Mato Grosso. Outro dia os gaúchos procuraram Roberto dos eletrodomésticos para, junto com a Prefeitura de Inocência, município vizinho, instalar 3 retransmissores do Canal 4 — Tupi de São Paulo — através de Araçatuba. Coisa que Roberto vê com simpatia, pois só para o Pessoal do Chapadão vai vender uns 200 televisores.

Na porta da delegacia, o cabo Moreira relata histórias do tempo em que esteve no Exército — por 8 anos — e saiu por causa dos processos que acumulou, por homicídio (arquivados). Goiano, tipo magro e simiesco, agora na farda cheia de bolsos da PM que veste há 15 anos, estala os dedos apontando para um lado — como os meninos fazem de conta que estão com um revólver na mão:

— Atirava não para acertar, só queria dar susto. Mas a bala parece que desviava no ar e batia no cabra em cheio. Agora resolvi parar.

Toda quinta e domingo, o prefeito Joaquim Pernambuco vem à delegacia, trazer aos presos um engradado de coca-cola, comida e doces. Depois sai e fica conversando um pouco com o cabo e com o escrivão Zé Maia. A oposição comenta que Joaquim Pernambuco faz isso para “fazer média” e depois colocar seu filho Assis em liberdade, sem julgamento.

Assis era um rapaz como qualquer outro na cidade. Dois meses atrás, num pileque de *Paranaíba Velha*, foi fechado por um carro e começou a brigar com outro rapaz. O promotor saiu de casa e interferiu. Assis avermelhou de raiva por não ter podido dar umas porradas no outro, foi em casa, pegou um revólver e acertou o promotor e seu sogro, que ficaram feridos. Não se arrepende:

— Saio daqui fácil, fácil.

O escrivão Zé Maia não dá opinião. Está no cargo de delegado interino, o que já fez 12 vezes em 10 anos de polícia em Cassilândia, aonde chegou como alfaiate. Delegado lá nunca parou mais que 2 anos:

— É a política.

Nós mugimos diferente

De verdade, pelas plagas de Cassilândia, só existe uma pessoa que nunca se envolveu com questões de política, de luz, esgoto, rua asfaltada ou não, nem vai ver televisão quando ela chegar. Um cego, Adauto, que ao primeiro ano de vida pegou uma congestão de leite de cabra: a mãe, que já morreu faz tempo, tentou socorrer colocando nos olhos um bife tirado de vaca ainda viva, com milho verde moído por cima, mas não teve saída. Ele pára na porta do açougue que já foi do Luís Neves, da mercearia do Aristides, da quitanda, e fica cantando:

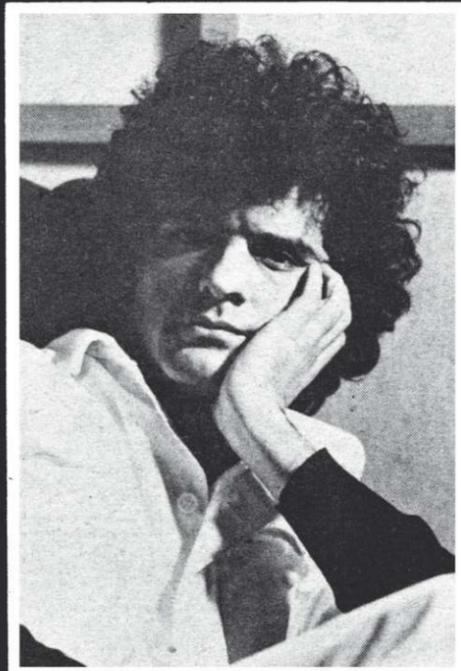
Oôôôô! Vida amargurada,
Vida perdida!

Enquanto não lhe dão algumas gramas de charque, arroz, meio litro de óleo, cenoura, rabanete, continua cantando com a voz estridente. Cheguei perto dele e puxei conversa. Adauto virou o nariz para o meu lado, bateu com o bastão na minha canela:

— E senhor não é daqui de Cassilândia não, né?

— Como é que você sabe se não enxerga minha cara?

— Ói, a gente está acostumado com o mugido de cada boi da boiada. Quando um boi estranho chega na boiada e muge, a gente reconhece que não é mugido da nossa boiada, né?



PROFISSÃO DE FÊ DE ELIFAS ANDREATO

Só tem sentido desenhar se você fizer disso o que faz com a palavra.
 Reclame! Grite!
 Quem desenha é a cabeça, a mão obedece ordens superiores.
 Desenhar é uma atitude como qualquer outra.
 A vida é importante.
 A arte o resultado.
 Se a vida tem um propósito digno, o que ela gera seguramente terá a mesma dignidade.
 O que vale no papel é o que você sente, o resto indica fraqueza de caráter.
 Tudo que você fizer poderá ser usado contra você. Cuidado!
 Ninguém é importante por desenhar bem, mas pelo **que** desenha.
 A escola só ensina o ofício, como praticar você aprende na rua.
 Ou não aprende nunca, e aí não valeu, porque só vale muito, caso contrário é pouco. E pouco você não precisa fazer. Objetos de uso doméstico; é melhor que cada um faça o seu como bem entender.
 Pinte você mesmo a sua parede!
 A capacidade de se comunicar depende de como e quanto você se parece com o outro lado. O que dá a isso grande significado é a quantidade e a qualidade dela.
 O ato de pintar um quadro pode ser importante, mas fica invalidado pela posse pela exclusividade do uso, e isso invalida a pose.
 Quem decide o que pintar é quem paga.
 A favor do pintor e contra os televisores "Philco".
 Mais importante que os grupos é o que os separa.
 Você precisa saber.
 Não confundir ascensão social com subir na vida. A primeira pode ser necessária. A segunda pode querer a sua cumplicidade.
 Você pode ganhar dinheiro pelo que faz, não pode é fazer pra ganhar. Pela grandeza de caráter.
 Contra a subserviência.
 Se a escola engana, o enganado é você. Você escolhe a escola e pode ser autodidata. A responsabilidade é sua.
 Desenhar tem muita gente que sabe, o que não tem muito é quem desenha e sabe mais. Isso decide a escolha e a utilização dos temas.
 Use pra questionar as contradições do tempo e lugar que você vive.
 Use os meios.
 Os fins justificam qualquer atitude que atenda honestamente as necessidades de transformar o que você não aceita.
 Se você não concorda. Desenhe!
 Ninguém sabe tudo. Pergunte sempre.
 Vale mais o que está associado a outros projetos de valor maior, que ajude na compreensão das idéias e estimule as sensações que correspondam aos legítimos objetivos dessa soma.
 Ter consciência da necessidade de limitar o indivíduo pelo bem social.
 Contra a parede, a favor do cordel.
 A unanimidade não tem discussão.
 Pela arte que a gente pode passar o dedo.
 Contra a corrente que protege o cavalete dos imbecis.

Eu nasci em Rolândia no tempo em que ainda era Caviúna. Norte do Paraná. Com 8 anos fui para uma fazenda, onde meu pai era colono. Não me lembro de muita coisa e do que me lembro não gosto. Mas me lembro de um cara que esculpia em mármore as estatuetas pro cemitério que eu ficava espiando. É daí talvez o gosto pelo que eu faço hoje.
 Vim para São Paulo com 13 anos. Morava perto da Sofunge, na Vila Anastácio e foi lá que aprendi a ler num curso de alfabetização para adultos. Comecei a transar arte esculpindo nos blocos de gesso que a Sofunge usava para fundir motores e jogava na beira de um esgoto, em frente de casa. Durante o dia trabalhava como lustrador de móveis.
 Quando completei 14 anos fui pra fábrica, a Fiat Lux (**fábrica de fósforos cujas caixas de luxo são ilustradas por Ziraldo - N.R.**). Fui ser aprendiz de torneiro mecânico. E trabalhei lá até os 17 anos.
 Comecei mesmo a desenhar em 64, no jornalzinho da fábrica; fazia os desenhos no banheiro, escondido. Um dia apareceu um subgerente, acho que se chamava Paulo, a quem eu devo basicamente esta mudança de carreira profissional. Esse cara me botou pra fazer cartazes e decorar o salão de festas da fábrica. Lá tive que aprender desenho e pintura e foi aí que comecei a trabalhar nos meus quadros. Fui descoberto como gênio: na ocasião, o **Diário da Noite** (SP) deu página inteira: "o menino-prodígio", aquelas coisas...
 Quando fui dispensado do Exército, resolvi mudar minha vida e a partir daí começou a barra pesada.
 Sair de uma fábrica para ser artista não é exatamente o que dizem naquele anúncio da Panamericana (**escola de arte, em SP**), que garante que você fazendo o milagroso curso, em 2 anos será um cara importante e terá carros, mulheres bonitas e até piscina.
 O preço dessa mudança pode ser a volta atrás ou o resto da vida deslocado, porque, se você não consegue de fato assumir integralmente a nova atividade, será um profissional mediocre. Ou volta e vai ser um mecânico frustrado e não apenas como profissional, mas principalmente como pessoa.
 Qualquer um que tente passa por essa coisa.
 Trabalhei muito e só saí por cima porque fui forte. Mas muita gente dançou.
 Tive que trabalhar em agências de publicidade, fui para alguns estúdios pequenos e fui assistente de cenógrafo na TV Record.
 Em 67 entrei na Editora Abril e trabalhei em 4 Rodas, Cláudia, Manequim e fui depois para a Abril Cultural. Em 70 voltei pra Editora Abril para fazer o projeto de Placar. Voltei em seguida pra Cultural e fiz a coleção de MPB.
 Depois passei a diretor de arte de toda a divisão de fascículos e livros. Em 73 saí, já estava fazendo o jornal **Opinião**, e aí comecei a trabalhar como freelancer.
 Em 1974 desènhei a revista **Argumento** e este ano transei com o Raimundo e Tonico a fundação do jornal **Movimento**. O resto está aí na rua e no coração. Gosto muito do que faço.

EXPOSIÇÃO

ELIFAS ANDREATO

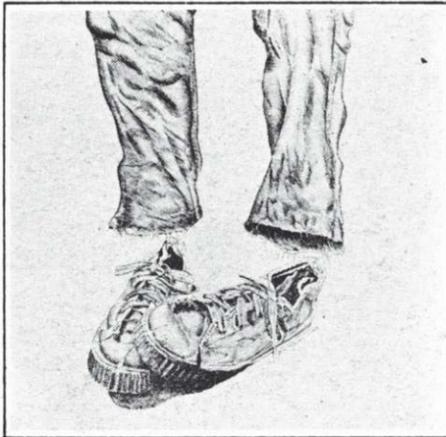
Trabalhos dos últimos 3 anos: capa de Paulinho da Viola; capa de Opinião; poster de peça teatral; desenho para o livro de Roberto Drummond, "A Morte de D. J. em Paris" (ed. Atica); duas capas de Argumento (revista extinta); cartão de Natal (ed. Atica); posters para Martinho da Vila (RCA); outras duas peças de teatro, e promoção da leitura (ed. Atica). Na outra página: desenhos para o LP mais recente de Paulinho da Viola; e para o novo LP de Martinho da Vila; depois, 4 desenhos para o livro "O Pirotécnico Zacarias", de Murilo Rubião (ed. Atica); e 4 desenhos do já citado livro de Roberto Drummond.



Pedro Casaldáliga: O BISPO DOS OPRIMIDOS
 Aguinaldo Silva: OS AMANTES DE CANOAS
 Celso Furtado: REFLEXÕES DE UM MARCIANO



Com o alto Patrocínio da
 PREFEITURA DE CAMPINAS da
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA e do
 DEPARTAMENTO DE CULTURA



OTHON BASTOS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS APRESENTA

CAMINHO DE VOLTA
 DE CONSUELO DE CASTRO
 DIREÇÃO FERNANDO PEIXOTO

TEATRO ALIANÇA FRANCESA
 D. CENTEAL - LA DUNIM 199

VOCE PRECISA LER

PRODUÇÃO INTELLECTUAL DA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

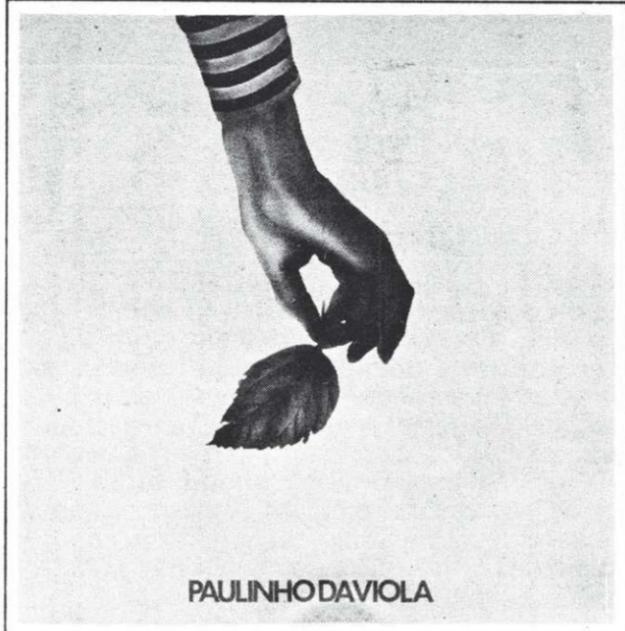
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS SAIRÃO MENSALMENTE

EQUUS

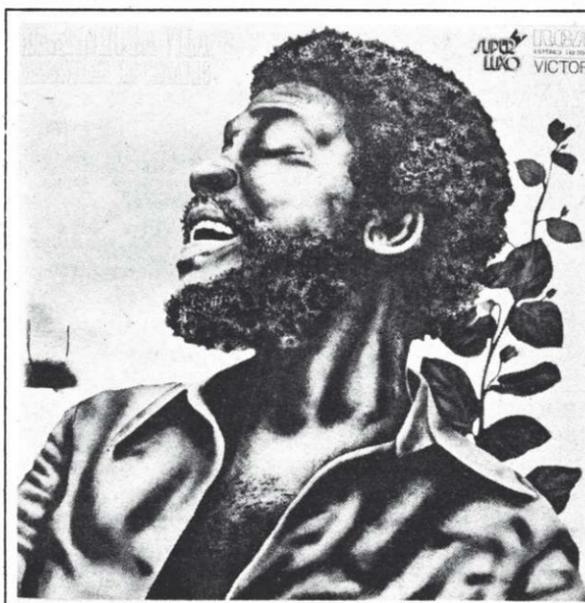
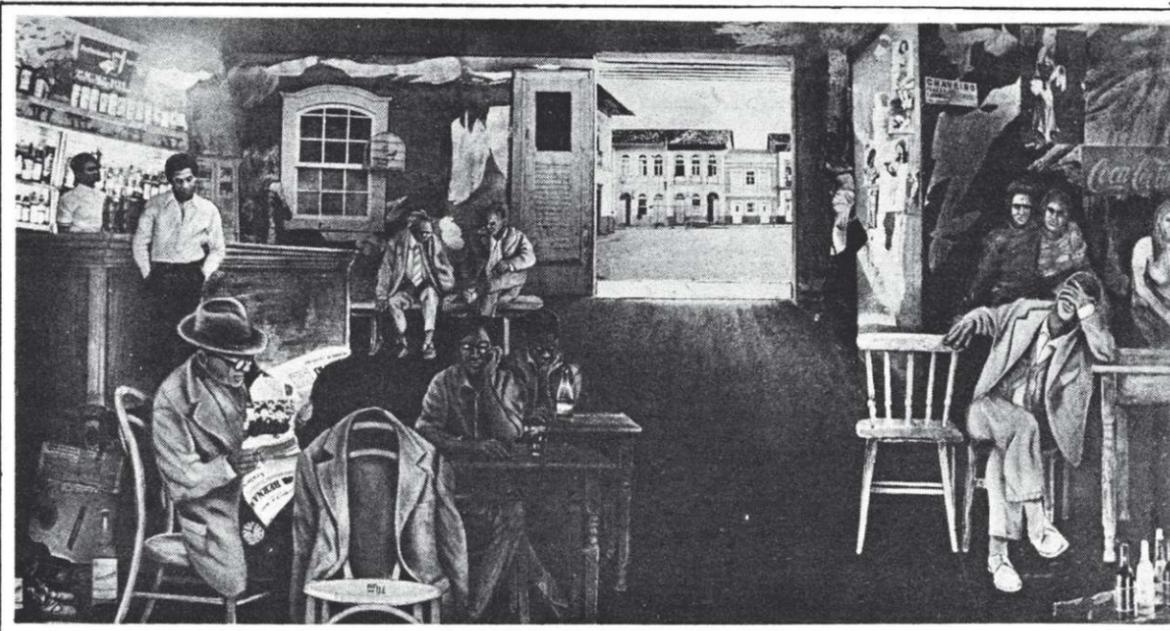
PAULO ZUTRAI DE JESU GATFEL
 EWERTON DE CASTRO

DIREÇÃO CELSO MUIES

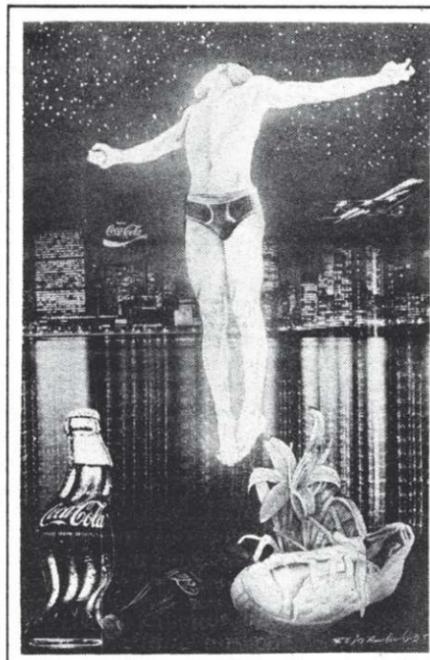
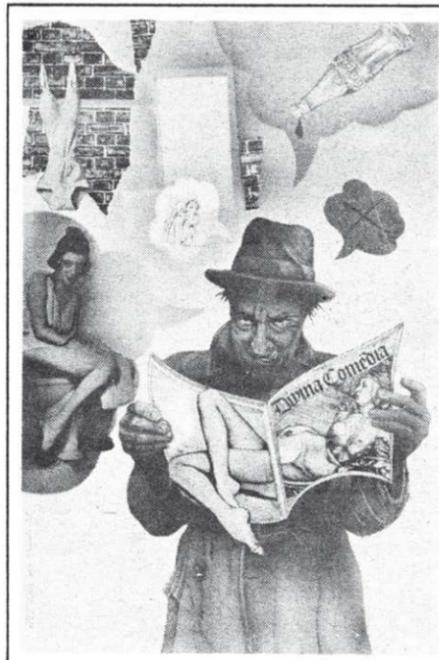
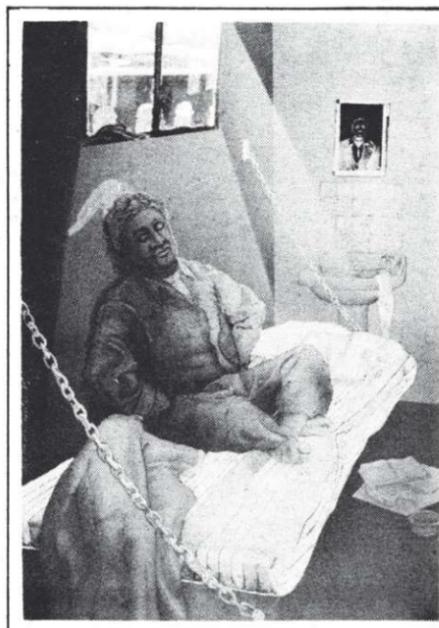
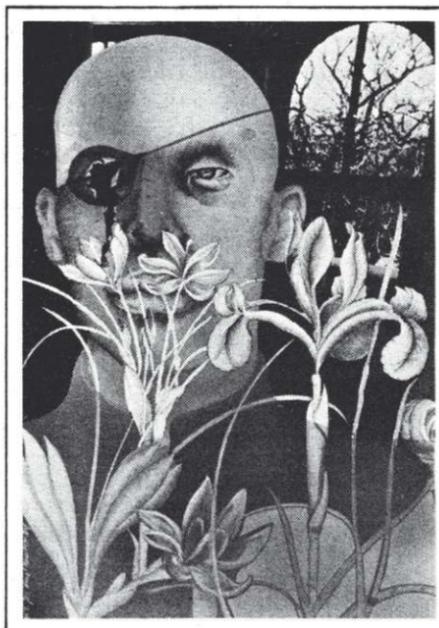
TEATRO PATRIARCA DE J. COSTA
 P. 1111 PART. 121 NOV. 2011



PAULINHO DAVIOLA



SUPER LUPO VICTOR



Olá, Professor,

ESTA REPORTAGEM DE JOÃO ANTÔNIO, ESCRITA EM MARÇO PASSADO,

Nono andar.

Havia policial à paisana, grisalho e blusão fora da camisa na porta de entrada do edifício e com ele precisei deixar tudo, embora fosse avisando, tinha hora marcada, 6 da tarde, com o professor. O homem me pegou nome, ar, endereço, barba por fazer, a que vinha e quanto tempo ia demorar. Percebo. O professor está sendo sondado à risca, todos os movimentos. Então, abri o braço, como se já fosse desguiar:

— Meu senhor, se isso vai criar qualquer tipo de problema não visito ninguém. Não estou aqui porque quero, estou a trabalho. Não quero galho, até já estou querendo ir embora.

O grisalho de blusão claro fora da camisa, provavelmente julgou estar diante de um maluco. Acho, nessas ocasiões, melhor botar a boca no mundo ou fechar o bico de vez. Assim passo por pirado e me tiram o olho de cima. O recurso, reconheço, não é tiro e queda. Já vi policiais batendo em doente mental. E quando a polícia mata alguém, a cidade não põe luto.

O policial garatujou, com esforço, errando duas vezes os meus dados num caderno de anotações. Não era um homem habituado a escrever e devia tomar o registro de todas as visitas ao professor.

Peguei o elevador, pé atrás.

O professor havia envelhecido pouco. Apesar de nunca tê-lo visto era o mesmo homem das fotografias, 11 anos antes, ministro, antes de o cassarem e de ir para o exílio. Lépidio, miúdo, baixinho, rosto escafnhado, olhos firmes, vivos, alegria das pessoas dinâmicas, coisas que não tenho.

Com sotaque nosso, blusão fora da calça, me atendeu de pés no chão no seu apartamento do Posto Seis, em Copacabana. Aquele, o homem. Eu lhe apertei a mão, duas vezes: a segunda, ele notou, para lhe olhar nos olhos.

Tímido, pelo menos a princípio chamando de senhor um homem de pés no chão do apartamento amplo, ele percebendo que eu dissimulava mal a admiração. Leve, rápido, não fumando, foi pedir café à empregada, ofereceu suco, preferimos café. Pedi para fumar. Grossura — claro que aquilo o incomodava.

Aí, lhe peguei num lance, o tamanho e a personalidade. Concordeu discordando, como se dissesse: “O, rapaz, eu já me esqueci de fumar e, você vem me lembrar — tenha jeito, dê-se ao respeito”. Falou como um mais velho:

— Fuma. Você pode.



Achou graça e começou a falar, engraçada, pitorescamente. Curioso alguém se interessar em como ele havia vencido o câncer. Despejou tudo de vez, quase tudo. Ou: o trânsito ridículo de médicos estrangeiros que lhe escondiam a doença, dizendo tuberculose. Ridículos, principalmente em Paris, onde ele exigia ver e ouvir os resultados de todos os exames. As pessoas evitavam o nome da doença como se evitassem a morte. Era um câncer mortal. Havia percebido pela primeira vez que ele também era mortal e, como amasse a vida, sentiu que não iria ter nada para colocar no lugar. Afinal, câncer era coisa que poderia acontecer a um primo seu, a um parente ou contra-parente distante, ao vizinho de prédio, não a ele. Nunca havia pensado, sentido, amargado, que era mortal.

Confessa que deu-lhe medo. E pressa. Urgente fazer as coisas, terminar um livro. Resolveu jogar franco com o médico parisiense:

— “O senhor pode me dar 3 meses de vida lúcido?”

Nada. Tinha de operar.

— O senhor tem uma bomba no peito.

A bomba iria explodir a qualquer momento, tomaria conta do corpo todo. Não havia ilusões, no entanto. Mesmo operando, um fato líquido e certo, 95 por cento das pessoas operadas de câncer pulmonar não escapam. Não operasse, não ficaria nem entre os ralos 5 por cento restantes. Até lhe dizerem que era câncer, passou por vários dribles dos médicos franceses. Um deles dissimulou, com jeito, fazendo o exame clássico de tuberculose pulmonar e o professor teve de pronunciar, repetidamente, 33, em francês. Aí o médico cometeu uma ingenuidade de bom tom, verificando-lhes os olhos: “O senhor está pálido”. O espírito brasileiro do professor universitário cortou rente com uma coisa que causa vexame ao espírito francês: “Não estou muito pálido. Na verdade sou um mulato”. Paris é o grande centro dessa medicina na Europa e já tinham tudo para, em 3 dias, operá-lo. Mas preferiu operar no Brasil. Os franceses torceram o nariz, escandalizados.

Todos que o deixaram entrar aqui, contavam com a sua morte infalível, inadiável, cancerígena. Por isso, exilado político de 64, foi deixado vir. O apartamento de sua propriedade, na rua Sousa Lima, estava ocupado, alugado. Então, o permitiram num hotelzinho do Leme, sob a vigia permanente. Ridículo, um homem tão miúdo e grande, guardado pelos profissionais da Polícia, pequenos, broncos e patoludos. Miudinho, não se sabe tenha aprendido karatê, aikidô, Kun-fu ou judô lá no estrangeiro por onde andou, lecionou, trabalhou, sobreviveu estes anos todos, 11. Ele falando, procura tirar a prisão domiciliar de letra, cariocamente. Humorado, recebe e responde à estupidez que o vigia. Oficialmente, comunicam-lhe, está protegido contra atos terroristas. Olhos miúdos, cara limpa, aconselha:

— Ótimo. Mas me protejam só a 5 metros de distância, pelo menos.

Câncer ma!dito mesmo. As vezes, as pessoas que o cercavam, amigos, um irmão, parentes, amigas, botavam uma cara de pavor. Parecia que tinham a doença e não ele, a um passo da operação delicadíssima. 95 por cento morriam.

A diferença entre ele e os outros, uma só, esta: os outros pensaram que 95% morrem; ele procurou encarar o outro lado — 5% se salvam. E tratou de se meter entre os 5%. Provavelmente todos, além dos homens que o vigiam, contavam com a sua morte. Os amigos, os admiradores, o geral das criaturas. Todos a um.

Ele está enrascado na poltrona e, neste momento, sou mais entrevistado que ele. Um brilho nos olhos miúdos, notando os ritos da minha cara e imediatamente jogando na linguagem um palavrão leve, uma descida para a giria. Tem domínio da conversa, detém o poder da mudança de tom e rumo dos assuntos. Inteligente nessa manobra assume uma liderança natural. o núcleo da conversa está em suas mãos. Sempre.

Revelou, sem modéstia. Não acreditava em suas habilidades literárias a ponto de produzir algo útil ou de exemplaridade sobre o capítulo do câncer, provavelmente o mais cavernoso (uma caverna no peito) de sua vida.

— Mas se o senhor escrevesse como fala...

As pessoas não escrevem como falam. Comportam-se, disciplinam-se empostam-se. Há imposturas, a naturalidade vai embora, ninguém deixa passar a chance de parecer inteligente, espirituoso, um homem que, de certo modo, está acima dos outros.

— Por que você está me chamando de senhor?

Falando, é colorido, vivo, direto, humorado. Tem o poder da condução, o que já foi dito. É líder, está em tudo e, se não mostrou esta qualidade ao longo dos anos, terá sido por outro motivo que não a vocação.

Veio uma amiga depois da operação, lhe disse que ele nem supunha quantos amigos o queriam bem e quantas pessoas, das mais diversas faixas o admiravam. Naquela tarde, por exemplo, só se falava dele lá no cabeleireiro.

— De mim ou do câncer?

Há Quanto Tempo!

É A NOSSA CANDIDATA AO PRÊMIO ESSO DE JORNALISMO DE 1975.

Está aí. Mas não havia ironia, hostilização, amargura na observação. Era o que era. Por mais que ele fosse assunto, o câncer seria repercussão nacional maior que ele.

Haviam mandado distribuir nota oficial, câncer. Indisfarçável, a crueldade seca da nota. Neste mundo todo, a doença quer dizer morte. Certamente contavam fazer o seu enterro. Depois, iriam recolher uma boa imagem.

Um policial o acompanha, aonde vá. Vai à praia, o protetor segue. Vai a um chopinho com amigos, no calçadão de Copacabana, ali pelos lados do Posto Seis, atrás vai o policial. Atravessa o calçadão, ganha as areias, senta-se. O protetor fareja. Procura as águas, o protetor se levanta, avança na vigia. Lá no hotelzinho do Leme, uma vez, um desses policiais que o guardam dia e noite, o perde. Quando volta ao hotel, o policial está verde:

— Professor, eu pensei que tivesse perdido o senhor.

— Sim? Mas eu estou vivo, olhe aqui, não está vendo?

O policial cheio de pavor. Confessou que se o professor sumisse, morresse ou lhe houvesse acontecido algo, certamente lhe iriam botar num pau de arara até que dissesse tudo o que sabia e também o que não sabia.

O professor, sério, rosto crispado pela primeira vez em mais de uma hora de conversa. Que história é essa? Os policiais também têm medo de serem torturados?

Sérios, os 2. De vez em quando olhávamos maquinalmente para a porta de entrada do apartamento. Devíamos falar naturalmente aquelas coisas ou baixar o tom de voz?

Faz menos de 10 dias, um advogado da rua Uruguaiana, indo a seu escritório, foi sequestrado por homens que se disseram do DOPS. Levado ao Alto da Boa Vista, encapuçado, interrogado, torturado por policiais encapuçados. Não tinha nada a declarar. Os torturadores preferem, segundo o advogado, esse tipo de homem — o que não tem nada a declarar. Foi batido, surrado, submetido a choques, metido em cela que mal cabia homem. Ameaçavam o homem que não tinha nada a contar: trariam sua mulher e ele iria ver as coisas. Abobalhado, dizendo nada ter a declarar, concordou. Trouxeram sua mulher, fizeram o que entendessem. Havia outros presos, gritos à noite e barulhos de trambolhões pesados. Sofreu 3 dias. Aturdido ou inconscientemente, o fizeram assinar uma porção de papéis de que não se lembra. A bestialidade não pode ser contada diante de mulheres ou crianças. Os encapuçados o soltaram depois, com esta frase.

— Passe bem, doutor, precisando de alguma coisa é só nos procurar.

Depois de 3 dias debaixo da mesma pergunta:

— Qual é o seu codinome?

Saiu. Procurou a Ordem dos Advogados do Brasil, catou os jornais. Um único, "O Estado de São Paulo", publicou nota na edição de 8/3/1975. Mas há outro advogado sumido, provavelmente sequestrado, mesmas condições.

O professor universitário me ouviu, olhos baixos. Olhamos, quando em quando, para a porta da entrada do apartamento. Lá fora, na França, ou Inglaterra, dizem que quando se vê um policial, imediatamente se tem a sensação de segurança e se fica mais à vontade. Aqui, ontêm, passando diante da PMGB, da rua Toneleiros, procurei a outra calçada da rua, evitando olhar os fardados e andei depressa. Não estaremos ficando frios, nós, um povo sentimentalóide, outrora vivendo num país cordial, onde havia, segundo um poeta, escola risonha e franca?

O professor diversifica assuntos, passamos aos desenhos de Poty, humor, jornalismo, indianismo, vida universitária, futebol, polícia, sexo, violência, literatura, futebol de novo. Atiçadamente criativo, imaginoso, me sugere rápido, duas ou três idéias para a publicação nova em que trabalho. Baixinho, poucos cabelos brancos, rosto escanhado, enrascado na poltrona, descalço, falando simples e bem. Um homem que libera o espírito do interlocutor, embora o envolva com liderança. Literalmente, como diz, é um otimista.

Idéias loucas tem e gosta, ainda mais dos efeitos. Tem carioquice ao contá-las, saboreia os efeitos. Narrador hábil, extrapola.

Nunca pensava que pudesse e teve de deixar o cigarro. É o melhor dos vícios, nem é um vício. Chamar o cigarro de vício menor é outra impropriedade. Quando vivermos numa sociedade realmente civilizada, teremos cigarro de tudo: de proteínas, vitaminas, de gustações variadas, leves e pesadas. Haverá uma geração de homens e mulheres incrivelmente elegantes, nenhuma barriga, ombros largos, nenhuma celulite. Pois cigarros alimentícios motivarão a chamada digestão sem excrementos. Veja, a princesinha da Inglaterra comendo chocolate. Todos sabem que ela comerá e depois fará um cocô fedido na privada real. Mas um vagabundo da Galeria Alaska fumará um cigarro e não produzirá nenhum dejetos. Tomamos café, mas café é só boca de pito, para acender a vontade do cigarro. O bom da comida fina e regalada é o cigarro que vem depois. Como é bom o cigarro, depois de duas horas no cinema em que não se pode fumar. O cigarro, como é bom. Amar também é bom, o melhor dos esportes o que exercita e mexe diretamente com tudo, músculos, cabeça, tronco e membros. Boba-

gem, essa história de agora se praticar judô, karatê, yoga. O exercício sexual é mais completo. Voltando ao cigarro, ele não é um vício, é um companheiro, uma segurança psicológica. O professor fumava 3 maços por dia, hoje lamenta que o cheiro do cigarro, lhe chegando, lhe faça mal. Até o beijo na boca das mulheres, naquele tempo, era melhor. Não lhes sentia o gosto do cigarro.

Amar é bom para a saúde. Mas o bem-bom é aquele espaço entre uma vez e outra, longamente, na hora neutra em que não se sabe se continua ou não e, então, fuma-se um cigarro. Ah, entre uma e outra, o cigarro. O mal é que contém nicotina. Nas civilizações futuras, o homem pensará em cigarros de proteínas, vitaminas e sais minerais. Serão todos fortes e limpos, espadaudos sem barriga, maravilhosos e enxutos. O cigarro não mais um vício e, sim, um companheiro de utilidades.

Pensavam que ele morrera. De repente, seu nome pula nos jornais e revistas, está escrevendo coisas. Estão longe de supor tudo sobre o homem e seu despojamento. Provavelmente alguém tenha medo de suas verdades. E não dele, criatura miúda, naturalmente bem-humorada, ar fundamente brasileiro, cara limpa.

Olha-me. Passei duas horas em seu apartamento e não ouvi uma lamentação do homem cassado, perseguido, sofrido, um pulmão fora do peito, o câncer jogado fora, abriram-lhe todo o peito na operação.

Mais alegre, descontraído e saudável que eu, o professor disse:

— A gente não pode dar trela. Se não, os policiais sentam à mesa com a gente e tomam conta.

Verbete da Enciclopédia Delta Larousse:

Ribeiro (Darcy), antropólogo brasileiro (Montes Claros MG 1922). Bacharel em ciências sociais pela Escola de Sociologia e Política da Universidade de São Paulo (1946). Etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios (1947), dirigiu a secção de estudos daquele órgão (1952 - 1956) e criou o Museu do Índio (1953). Foi diretor da divisão de pesquisas sociais do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1957) e fundador e diretor da revista Educação e Ciências Sociais. Em 1958 foi encarregado do setor de pesquisas sociais da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo e no ano seguinte planejou um programa de pesquisa interdisciplinares sob o tema "urbanização e industrialização, seus efeitos sobre a família e a escola". Ministro da Educação e Cultura (1961), organizou e instalou a Universidade Nacional da Brasília. Posteriormente reitor daquela universidade (1962 - 1963), deixou o cargo para assumir a chefia da casa civil da presidência da república (1963 - 1964). No magistério, foi professor de antropologia da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (1953 - 1954), professor-regente de etnografia brasileira e língua tupi da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1956 - 1961) e professor de antropologia da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República Oriental do Uruguai (1964 - 1968). Realizou pesquisas de campo entre os indígenas Guaraní, Terêna, Kadiwéu, Ofaié, Urubus-Kaapor, Kai-gâng, Xoklêng, Karajá, Borôro, Kamayurá e Kuikúro. Publicou, além de artigos em revistas especializadas, os livros: Religião e Mitologia Kadiwéu (1950); Línguas e Culturas Indígenas do Brasil (1957); Arte Plumária dos Índios Kaapor (1957, em colaboração com sua mulher, Berta G. Ribeiro); A Política Indigenista Brasileira (1962); O Processo Civilizatório (1968) (edição em língua inglesa, publicada nos EUA no mesmo ano); A Universidade Necessária (1969). Teve seus direitos políticos suspensos por 10 anos (1964).



Para
menores
de
21
anos

SALAZAR LEVARÁ PORTUGAL À GUERRA CIVIL?

Por Samuel Wainer



Quase 30 anos depois, continua de pé a pergunta de Samuel Wainer, fundador de Última Hora. O título acima é o mesmo de uma série de 7 reportagens publicadas, entre 11 e 18 de março de 1946, pelo jornal Diretrizes, o 1º que Wainer fundou. A seguir, uma condensação das reportagens.

Confesso que entrei em Portugal algo deprimido e pessimista.

Afinal de contas, pensava eu, um povo não pode escapar à degradação de 20 anos de ausência de liberdade e de presença da opressão.

Poucas horas depois de chegar a Lisboa, pedi ao chofer de um dos seus pequenos e pitorescos táxis que me levasse a alguns bairros pobres da cidade.

O chofer não pôde disfarçar um sorriso de satisfação.

— Pois é isso que os estrangeiros devem vir ver aqui. Venha, eu o levarei a conhecer a Portugal que Esteves esqueceu.

E antes mesmo que eu lhe perguntasse a quem se referia, disse-me:

— Este é o apelido que damos a Salazar. Leia os jornais e V. Ex.a verá que eles somente anunciam no passado às atividades do ditador. Esteve ontem com o presidente do Conselho fulano de tal... Ontem o presidente do Conselho esteve em tal lugar.. Nunca publicam *estará* porque temem um atentado ao povo.

E as piadas, anedotas, sátiras mostraram-me como esse povo sabe utilizar com a máxima eficiência a grande arma do ridículo que tem sido um dos mais corrosivos instrumentos de combate aos ditadores.

Padreca, Faraó, Monge, são outros dos característicos apelidos populares de

Salazar. SS, as iniciais de Gestapo de Hitler, é como o povo denomina o Socorro Social, um dos temas prediletos da propaganda de Ferro (Antônio Ferro, o Geobbelts português).

A MAIOR MISÉRIA DA EUROPA

Portugal visto do Estoril é um paraíso; visto da Mouraria é um inferno.

Lamentavelmente, porém, o Estoril representa apenas alguns quilômetros do país, enquanto que a Mouraria, embora seus nomes sejam diferentes, cobre 4 quintos da nação.

Um trabalhador disse-me com tristeza:

— Aqui, na Mouraria, a miséria é tão grande que um homem nem depois de morto pode sair de casa.

E explicou, mostrando-me o alto de uma de suas casas de 5 pavimentos.

— Os quartos são tão estreitos e as escadas tão apertadas que os bombeiros devem ser chamados para retirar o caixão pela janela.

Suas ruas são tão estreitas que um homem de braços abertos não pode passar por elas: suas casas parecem furnas, eu mesmo tive que encolher-me com cuidado para não bater com a cabeça nos vãos de suas portas.

Subi por suas escadas, caminhei por entre suas teias de aranha, passei por suas divisões sanitárias. Uma única privada, incrustada no canto de uma escada, servindo edifícios de 4 a 5 andares.

E de suas janelas, como tristes mastros sem bandeira, saem longos pedaços de pau. É sobre eles que as roupas são penduradas para secar ao vento, pois jamais uma daquelas casas conheceu um banheiro ou um quintal.

Entretanto, ali vive a imensa maioria do povo português. Mouraria, Alfama, Casal Ventoso, Barredos, Campo d'Ourique, seus nomes são diferentes, mas sua miséria é igual.

É nesses bairros que morrem 161 crianças entre cada 1.000 que nascem, o mais alto índice de mortalidade infantil da Europa, depois da Rumânia. É ali que morre um português tuberculoso em cada quarto de hora. É dali que descem as multidões de *miúdos*, garotos raquíticos e miseráveis, que nos cercam às portas das igrejas e dos teatros, aos gritos de *uma esmolinha, meu benfeitor*.

Mas, subi mais além; vi os miseráveis barracões de madeira podre e pedaços de lata. O vento que desce das 7 colinas de Lisboa, arrasta consigo, muitas vezes, esses sinistros barracões, onde se acumulam famílias de 10 a 12 pessoas.

Caminhei por suas tortuosas ruas, onde alguns porcos bem alimentados grunhem sobre a lama ao lado de mulheres de olhos tristes, mulheres cujas filhas acabarão sendo empurradas pela miséria para as largas calçadas da Avenida da Liberdade, onde a prostituição reina depois de uma hora da manhã, pois a moral de Salazar não admite que ela se ostente sob a luz clara do dia.

Parece-me que jamais um governo confessou de tal forma a sua falência como este que vi à minha frente apelando para a caridade privada com o supremo meio de remediar a miséria do povo.

Os jornais oficiais de Salazar reclamam contra a espantosa mendicidade que vem transformando o país num verdadeiro Pátio de Milagres. Mas não é a miséria que os parece impressionar. Eles falam, isto sim, no espetáculo desagradável que aqueles milhares de crianças e mulheres maltrapilhas oferecem aos olhos dos turistas.

— Mas, como pretende Salazar resolver esse problema?

Por toda parte vi cartazes, artisticamente desenhados aconselhando o povo a contribuir com os seus donativos para que o ditador possa levar avante as suas 3 grandes batalhas: mendicidade, habitação do pobre, assistência infantil.

Procurei ver por mim mesmo como se exerce essa barulhenta caridade.

Bem ao pé da aburguesada rua das Quintinhas, entrei na *Cozinha Econômica nº 1*, onde estava sendo servida, para longa fila de miseráveis, a Sopa da Caridade.

Não pude permanecer ali mas de 1 minuto, tal o insuportável odor que se exalava daquela mistura de água negra, onde mergulhavam alguns feijões e nadavam algumas folhas de couve.

E este era o prato para um dia inteiro.

Samuel Wainer vai lançar, talvez ainda este mês, mais uma publicação da Editora Três: o semanário "Aqui São Paulo".

Um pequeno funcionário público, cujo salário não passa de 600\$000 por mês, comentou para mim:

- O verdadeiro socorro social é um salário compatível para todos. Que vale um almoço de caridade no Natal, uma enxerga uma vez por ano? O homem tem necessidades todos os dias. Entretanto, quando a gente fala disso os *bufos* nos metem na cadeia. Os ditadores puseram o apelido de comunista em todas as pessoas decentes.

DITADURA E LIBERDADE

Encontrei Lisboa coberta de cartazes. Mas só muito dificilmente consegui ler o que diziam, pois quase todos estavam dilacerados ou riscados a cartão ou piche.

Um amigo bem informado explicou-me o fenômeno:

- Você chega a Portugal depois de uma curiosa batalha eleitoral em que só um dos lados participou. Os cartazes eram de propaganda eleitoral do Estado Novo. A resposta do povo, que se absteve de comparecer a essas eleições, consistiu em destruir num dia o que o Secretário de Propaganda afixava na véspera.

O povo apelidou essa consulta de *eleições para inglês ver*.

Raramente ouvi uma definição política mais feliz.

Em verdade, Salazar somente recorreu a esse remédio desesperador, porque julgava que mediante um simulacro de eleições, democráticas, o mundo esquecerá sua roupagem de *ditadura paternal* e o admitirá na comunidade das nações, sem contudo exigir-lhe o mínimo sacrifício em seu poder pessoal.

E foi assim que numa discreta manhã de fins de setembro de 1945, Salazar anunciou pelos seus jornais que seriam realizadas em meados de novembro eleições gerais para a renovação da Assembléia Nacional.

Simultaneamente, sempre com o objetivo de tapear a opinião pública mundial, Salazar anunciou que durante o período eleitoral o país gozaria de *liberdade suficiente* para poder organizar-se e exprimir seus desejos através das urnas. Um pequeno resumo de sua nova lei eleitoral nos mostrará suficientemente seu espírito *democrático*:

1 - A oposição só disporia, praticamente, de 13 dias para apresentar seus candidatos e organizar-se para as eleições.

2 - A oposição não poderia participar da apuração e fiscalização das eleições.

3 - Em certas colônias, como Moçambique, a oposição só disporia de 6 dias para arregimentar-se e concorrer às urnas.

4 - A oposição só poderia reunir-se mediante licença expressa das autoridades e em presença delas.

5 - Ficaria vedada à oposição a propaganda pelo rádio.

6 - Nenhum funcionário público poderia ser apresentado como candidato, sem autorização prévia do governo.

7 - Nenhum candidato poderia concorrer às eleições, sem uma declaração antecipada de que acataria os *princípios fundamentais da ordem estabelecida*.

8 - Ficaria proibida a participação de *eleitores que professassem idéias contrárias à disciplina social*. (Mas a lei não definiu o caráter dessa disciplina ou o instrumento que o eleitor poderia usar para provar sua conduta).

Como todo regime que não nasceu da vontade do povo, Salazar vive do apoio de uma pequena casta de privilegiados que formam a base do seu poder pessoal.

E, como não pode deixar de acontecer numa ditadura que se originou de um golpe militar, é o exército que Salazar colocou no ápice de sua pirâmide social.

Um trabalhador que comentou para mim a nota de um jornal, em que se descrevia uma grande parada militar, realizada por Salazar pouco antes das eleições, disse-me:

- Não sei para que precisamos de tan-

tos soldados. Um país pequeno como Portugal, quando não pode ganhar pela razão, perde pela força.

Aquele modesto homem de rua não sabe, porém, que Salazar conta com o seu exército muito menos para enfrentar um hipotético inimigo externo do que para lançá-lo contra o seu inimigo interno, o próprio povo.

E não teria sido para menos que o seu orçamento de 1943 reserva para as forças armadas cerca de 40% das despesas do Estado, enquanto deixa para a educação menos de 5,5%.

A censura, a polícia política e a justiça de exceção de Salazar foram entregues à direção de coronéis, majores, capitães e tenentes que carregam assim para si a reação do povo contra esses 3 instrumentos de opressão.

Mas Salazar é prudente. E por isso mesmo tem seguido uma linha invariável de manter nas grandes cidades, onde a consciência política do povo é mais viva, somente oficiais de sua inteira confiança, todos eles muito bem armados.

Naturalmente, os oficiais suspeitos de republicanismo, ou de qualquer tendência democrática, são sumariamente removidos para os pequenos e desarmados quartéis das províncias.

Finalmente, os velhos sargentos, cujo contacto com a tropa é sempre perigoso, viram pouco a pouco suas funções absorvidas por alferes e tenentes da mais absoluta confiança do regime.

Contraopondo-se, porém, a esses cuidados e mimos com o exército, surge diante de nós a penúria educativa em que Portugal se debate.

Mas de uma vez ouvi um trabalhador, ou um funcionário público de Lisboa, dizer-me:

- Não me atrevo a pensar nisso, mas posso dizer a V. Ex.a que tenho até a impressão de que esse governo nos quer manter na ignorância.

O funcionalismo público é selecionado dentre cidadãos que a polícia considera não perigosos ao Estado.

Desde 1931 que os ministros de Salazar dispõem do direito de destituir qualquer funcionário que *mostre espírito de oposição à política nacional do governo*.

A Legião Portuguesa, criada por Salazar no começo da Guerra Civil Espanhola, transformou-se numa milícia política armada, a exemplo dos SA de Hitler.

A Mocidade Portuguesa, cuja finalidade é a preparação pré-militar e a formação racionária de todos os jovens portugueses, dos 7 aos 14 anos, está moldada na organização dos célebres *balilas* de Mussolini.

A Polícia de Vigilância e Defesa do Estado - PVDE - foi reorganizada de acordo com o sistema da Gestapo de Himmler.

E por fim, para completar esse macabro panorama, que todos nós julgávamos enterrado para sempre nas ruínas de Berlim, Salazar mantém até hoje campos de concentração para prisioneiros políticos.

Não falarei dos lúgubres calabouços de Aljube, Caxias, Peniche, Angra, onde centenas de antifascistas portugueses estão encarcerados por não se terem amoldado ao *único padrão ideológico com direito à vida neste país*, segundo a expressão do manifesto que um grupo de 85 heróicos jovens de Coimbra lançou ao país nos agitados dias da campanha eleitoral de 1945.

Falarei apenas sobre Tarrafal, o campo de concentração das ilhas do Cabo Verde, onde o sol e a febre são mensagens de morte para os seus prisioneiros.

O CAMPO DA MORTE LENTA

Depoimento de um prisioneiro que voltou vivo de Tarrafal:

O campo de concentração de Tarrafal é um retângulo de arame farpado, exteriormente contornado por uma vala de 4 metros de largura e 3 de profundidade.

Tem 200 metros de comprimento por 150 de largura e está encravado numa planície.

A 29 de outubro de 1936, na pequena baía de Tarrafal, desembarcávamos 150

presos antifascistas, os primeiros que Salazar atirou para o campo de concentração de Cabo Verde.

Muitos dentre nós não tinha sequer sido julgados ou não tinham processo.

NÃO QUEREMOS REVOLUÇÃO

Alguns minutos antes de eu tomar o trem que me reconduziria às ruas livres de Paris, um dos meus novos e bons amigos portugueses, despediu-se de mim com essas palavras cheias de ânimo:

- Até breve, companheiro. Este é o último ano de fascismo em Portugal. Quando voltares, Salazar será apenas uma triste página virada de nossa história.

Entretanto, mal atravessei as fronteiras da França, li nos jornais a notícia de que Salazar mandara fechar violentamente todas as sedes do Movimento Democrático Unificador, proibiu novamente a arregimentação do povo em associações democráticas, suprimiu os derradeiros vestígios dos direitos que foram obrigados a conceder durante o famoso mês de *liberdade suficiente* que antecedeu às eleições de novembro último.

Salazar, porém, não pode invadir todos os lares prendendo toda a sua ação.

Talvez aquele amigo que me acompanhou até a estação já esteja preso.

Mas, não me preocupo por sua sorte. Ele sabe que está engajado numa luta em que todos os riscos devem ser aceitos. Ele sabe que não é sem sacrifícios que um povo pode conquistar seu direito a uma vida mais digna e humana.

Lembro-me ainda da expressão decidida com que me anunciou a reação policial que Salazar não tardaria a desencadear:

- Aproxima-se de novo o eclipse da liberdade em Portugal. Mas nós não queremos revolução: queremos apenas eleições livres. Salazar, porém, já verificou que nas urnas está a sua derrota. E por isto procurará lançar-nos novamente na ilegalidade, fará todas as provocações para que lhe proporcionemos um pretexto para uma nova e sangrenta repressão contra o povo.

Mas, o mesmo brilho de desafio que bailava nos olhos desse meu amigo, um dos mais nobres líderes democráticos de Portugal, encontrei-o nos olhos de quase todos os portugueses com quem conversei, senti-o tanto entre suas camadas populares, como entre os mais diversos elementos que formam as suas elites dirigentes.

Tenho ainda nos meus ouvidos a voz firme de um estudante de Coimbra, lendo-me um trecho do bem divulgado manifesto clandestino dirigido aos moços de Portugal:

- Continuaremos nossa decidida oposição a um regime que, em 19 anos de governo, não resolveu um só dos problemas básicos da vida nacional. Uma juventude que viu a sua liberdade e a sua felicidade destruídas e frustrada a própria realização da sua vida por um governo que a reduziu à ignorância, à miséria e ao terror não pode deixar de alinhar sempre nas fileiras do Movimento Democrático Nacional.

E por isso, diante dessa indomável disposição do povo português para reconquistar a sua liberdade, ocorre-me novamente a mesma inquietadora pergunta que já lancei: *estará Salazar disposto a lançar o país numa guerra civil, seu último e desesperado recurso para poder perpetuar o seu regime impopular?* (até a folha 13 Parágrafo - O programa que o povo deseja).

O PROGRAMA DO GOVERNO

Tenho diante de mim o programa de emergência do governo provisório, editado clandestinamente pelo Conselho Nacional de Unidade Antifascista em agosto de 1944:

1) destruir a ordem fascista; 2) instaurar uma ordem democrática; 3) melhorar as condições de vida do povo português; 4) democratizar o crédito e as instituições bancárias; 5) defender e desenvolver a instrução e a cultura; 6) dignificar e baratear a justiça; 7) organizar a defesa da nação; 8) defender a unidade de Portugal com as colônias; 9) colocar Portugal ao lado das Nações Unidas.

Iludem-se os que pensam que somente agora o povo português veio manifes-

tar seu ódio à tirania e seus anseios de liberdade.

A resistência contra a ditadura de Salazar se tem manifestado através desses 20 anos por várias insurreições de caráter militar e popular, por greves e protestos, sufocados pela mais bárbara das violências e disfarçadas pela mais rígidas das censuras.

E esse caminho que parece estar perfeitamente delineado no manifesto lançado em novembro último pela mocidade de Coimbra, do que transcrevo aqui um de seus trechos, como ponto final de minha reportagem:

Podemos afirmar que entre nós, a juventude se recusa a prolongar um regime que a Nação repudia. E, só por este fato, o sistema ruiria quando tivesse de renovar os seus quadros.

Mas não será preciso aguardar esse dia, porque já hoje se ergue uma juventude marchando corajosamente com toda a Nação na vanguarda desta luta pela liberdade, luta a que um simulacro de eleições não porá fim, porque o futuro de Portugal depende de ao Povo ser dado o direito de escolher o seu destino livre e honesto.

Por isso, acompanhamos a Nação na sua abstenção perante as urnas.

E por isso ainda a incitamos a aumentar a coragem que tem revelado neste seu combate por um Portugal livre, feliz e democrático. Só pela Democracia, o Povo Português poderá conquistar a Liberdade, o Pão e a Cultura.

SOCIEDADE BRASILEIRA DOS AMIGOS DA DEMOCRACIA PORTUGUESA

No dia 3 de agosto de 1946, o *Diário Oficial* (p. 11.678) publicava o documento - resumido a seguir - referente à criação de uma entidade em defesa dos democratas portugueses:

Estariamos renegando a nossa causa de brasileiros se esquecêssemos o nosso dever de solidariedade à causa dos portugueses que lutam pela democratização de seu país. São muitos os laços que nos unem a Portugal, e acreditamos na comunidade dos nossos destinos e da nossa cultura, mas, sabemos também, que a fraternidade luso-brasileira se acha ameaçada pela tendência fascista do governo português. Só num ambiente de liberdade e de legalidade em Portugal, poderão as nossas relações, de povo para povo, restabelecerem-se sobre os seus legítimos fundamentos históricos. A causa da democracia portuguesa é, sob esse aspecto, uma causa brasileira.

A segurança do mundo no período de reconstrução pacífica que se inicia com a destruição do nazi-fascismo exige que sejam aniquilados todas as possibilidades de ressurgimento da odiosa doutrina que levou os povos ao massacre. Dentro da Europa, esse perigo está evidente na permanência dos governos de Franco e Salazar. Não podemos esquecer que Franco subiu ao poder com o apoio de Salazar, além de Hitler e Mussolini, todos unidos na agressão ao povo espanhol.

Fundando a Sociedade Brasileira dos Amigos da Democracia Portuguesa, é nosso intuito prestigiar os esforços daqueles que pretendem substituir o governo salazarista por um regime compatível com as tradições de dignidade e independência, tornando possível, no plano oficial, o restabelecimento das relações de fraternidade e confiança, que nunca deixaram de existir entre os 2 povos irmãos.

(Assinam, entre outros:)

Gilberto Freire, Manoel Bandeira, Caio Prado Júnior, Graciliano Ramos, João Mangabeira, Hermes Lima, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, José Lins do Rego, Sérgio Buarque de Holanda, Jorge Amado, Aparício Torely, Osvaldo de Andrade, Odilon Batista, Moacir Werneck de Castro, Osório Borba, Alvaro Moreira, Anibal Machado, Ruben Braga, Carlos Lacerda, Juraci Camargo, Pedro Mota Lima, Danton Jobim, Guilherme de Figueiredo, Oscar Niemeyer, Di Cavalcanti, Joel Silveira, Prudente de Moraes Neto, Francisco de Assis Barbosa, R. Magalhães Júnior, Augusto Rodrigues, Carlos Scliar, Emilio Farah, Samuel Wainer, Gastão Cruis, Raul Lins e Silva, Cândido Portinari, Campos da Paz, Genolino Amado, Rafael Correia de Oliveira, Ascendino Leite, Murilo Mendes, Fernando Carneiro, Miguel Costa Filho e J. Etcheverry.

ESPAÑHA,

1939

Esta é a síntese do livro **O Ano da Vitória. É assim que os franquistas chamam 1939, quando esmagaram a república espanhola com a ajuda de Hitler.** O autor Eduardo Guzmán, 63, era nos anos 30 um jornalista participante, de tendência anarquista. Durante a guerra civil dirigiu o **Castilla Libre**, órgão central sindical UGT (União Geral dos Trabalhadores), que desenvolveu grande campanha antifascista. Após um período de inatividade forçada, Guzmán voltou a trabalhar em traduções, roteiros de filmes e reportagens. Ele sobreviveu aos campos de concentração da Espanha de Franco. A edição desse livro em Madri foi uma surpresa: os temas de que trata são malditos na Espanha. A saída de **O Ano da Vitória** foi uma das causas da substituição do ministro da Informação, Pio Canabillas, e do diretor-geral do Ministério Ricardo de La Cierba, em novembro de 74. Em maio deste ano, o livro recebeu o Prêmio Internacional de Imprensa, em Nizza (Itália), concedido pelas revistas **L'Espresso**, da Itália; **Newsweek**, dos Estados Unidos; **Nin**, da Iugoslávia; **Nouvel Observateur**, da França; **Tages-Anzeiger Magazin**, da Suíça; **The Observer**, da Inglaterra e **Triunfo** da própria Espanha.

Deixamos atrás, ao longo do porto, os corpos daqueles que não souberam ou não puderam superar a dor da derrota. Eles ficaram no porto, entre uma dupla fila de soldados inimigos. Caminhamos lentamente, em silêncio. Cada um carregava consigo o pouco que conseguiu salvar do naufrágio geral, aquilo que pôde carregar para começar nova vida em alguma distante terra estrangeira: uma mala, um saco, cobertas, algum documento. Muitos estavam com as mãos vazias.

Não posso esquecer as discussões de uma hora atrás entre os defensores e os adversários do suicídio. Partindo da constatação de que não restava mais nenhuma saída para nossa existência, que iria se reduzir a uma série infundável de torturas, devíamos enfrentar este calvário como uma última e definitiva contribuição à causa que todos tínhamos defendido.

- Não quero poupar a eles nenhum crime - dizia Manuel Amil.

- Se eles me querem morto, terão de me matar.

Era, ao menos aparentemente, um argumento definitivo: um suicídio coletivo teria livrado o inimigo de muitos embaraços. Nosso sangue não pesaria na consciência deles. Assim falava Juan Ortega, fechado no seu inflexível sentimento de sacrifício e de dignidade no enfrentar a morte, pronto a ser um exemplo para quantos, menos preparados ideologicamente, temessem ter a morte ao seu lado. Ninguém podia negar

o valor do raciocínio de muitos como Rubiera, Antona, Zabalza, Mayoral Molina e Acero. Para eles a simples presença nos campos de concentração ou prisões era uma negação da propaganda inimiga: os franquistas estavam dizendo que os nossos chefes militares tinham fugido em massa, abandonando a tropa à própria sorte. Até os militares de carreira, como Burillo, Fernandez Navarro e Ortega sustentavam que um fuzilamento em massa teria demonstrado ao mundo que o fascismo violava as leis de guerra, a começar pela famosa Convenção de Genebra, e que uma execução de prisioneiros teria uma excepcional repercussão na opinião pública mundial.

Mas agora, deixando o porto, eu me perguntava se aceitávamos este raciocínio apenas por instinto de sobrevivência, se tínhamos caído facilmente na armadilha da esperança. E me volta à memória o conto de Viliers de l'Isle Adam, que descreve a tortura que a Inquisição aplicava às suas vítimas. Com sadismo, os inquisidores agiam como se estivessem convencidos de que às dores materiais deveriam acrescentar as dores morais, a morte da esperança. Na noite da execução, os prisioneiros eram deixados juntos, como se os carcereiros estivessem negligenciando no trabalho.

Os carcereiros dormiam profundamente e os prisioneiros podiam conversar nos corredores e quartos. O desgraçado acredita-se salvo e, quando alcança a estrada, descobre a verdade: o forno que o queimará vivo já está no ponto. Próximos à porta da prisão estão os assassinos, pacientes, esperando os homens que levarão à morte.

Em um certo sentido, foi isso o que aconteceu a todos nós.

Afundados na linha de frente entre o 26 e o 28 de março (de 1939), pudemos fugir de Madri, quando o inimigo já tinha penetrado na cidade, porque tinha deixado uma brecha para alimentar nossa esperança. Horas depois, em Valença, assegurava-se que seria possível uma rápida retirada. Nos encaminhamos para Alicante porque um navio inglês ancorado em Gandia podia nos salvar. Pouco depois, no porto de Alicante, 20 mil pessoas começavam a viver uma aventura dantesca que duraria 3 intermináveis dias: sem poder dormir nem comer, sem quase poder respirar, tremendo de frio durante horas e horas, esperávamos, com os olhos no mar, que o navio chegasse. A cada momento, vinha alguém com uma mentira.

- Vocês não correm nenhum perigo, o porto foi declarado zona internacional.

Palavras, frases que nos tranquilizassem, garantias solenes. Mas os navios que vêm e vão estão distantes do porto. Explodem entre nós casos de loucura: incapazes de aguentar a tensão, muitos suicidam-se, jogam-se na água, estouram os miolos. Finalmente, e já estávamos no dia 31 de março, somos convencidos a largar as armas, incondicionalmente, para que os navios franceses possam entrar no porto. Mas é outro navio que chega, é o Vulcano, espanhol, com canhões e metralhadoras apontadas para o cais. Desembarcam soldados. Olhamos quietos e silenciosos para os soldados de metralhadora na mão. E a triste procissão começa. Em algum lugar, mais à frente, os prisioneiros começam a ser interrogados. Ao longe, confusas, começam a chegar palavras de comando ou de ameaça. De vez em quando se ouve um disparo, um grito de agonia, lamentos de dor...

O fim da coluna retoma a marcha. É manhã de céu limpo. Passamos na frente de uma praia de Postiguet.

- Olhem os russos! - grita alguém.

- Os russos! Os russos! - fazem eco outras vozes.

Isto me surpreende: "Mas onde estão os russos?"

- Os russos somos nós - responde

bem-humorado David Antona, que caminha ao meu lado.

Entendo. Dou de ombros. Daqueles milhares de pessoas que tinham passado a noite no cais, talvez 20 ou 30 não fossem espanhóis. Mas russo ninguém era.

- Fora. Fora. Mulheres e crianças não podem passar aqui - grita um soldado.

A coluna aperta o passo de novo. Um grupo de soldados esbarra em alguma coisa, a uns 20 metros. Gritam. Agitam os braços. Os Iguardas ficam irritados. Famílias são separadas com violência desnecessária. Três mulheres e duas crianças são levadas para um canto da estrada. As crianças choram, uma mulher pergunta a um guarda:

- Por favor, meu senhor, para onde levam meu marido?

- É melhor que você não saiba.

- Como? - grita a mulher - Vão matar meu marido?

- A força é o mínimo que um verme-lho merece.

- Mas ele não é criminoso, eu juro que não, sempre foi um trabalhador honesto!

- Quieta, Marga, não vê que não adianta nada? - grita o marido.

- Ah, tu não cala o bico, hem? - grita o guarda, que pega a arma e enfia no capote do preso. O outro empurra a arma. O guarda dá com a arma na sua cabeça. Os prisioneiros atiram as malas e sacos no chão, avançam contra o soldado. Ele recua, a arma na mão.

- Parem! O primeiro que der um passo é um homem morto:

Metralhadora em punho, um tenente que observa a cena de longe, aproxima-se rapidamente. Grita. Dá ordens. Os soldados apontam os fuzis contra nós. O velho Juan Ortega, de cabelos brancos, toma à frente. Olha os oficiais na cara, e lhes mostra as mãos desarmadas.

- Atenção, atenção tenente. Nós estamos desarmados.

Mandam o velho calar a boca. Sob a mira da pistola e do fuzil, pegam as nossas coisas, recomeçamos a marcha.

PRISÃO DE ALBATERA. MAIO DE 1939.

- Vamos fuzilar dois caras. Tentativa de fuga!

É a primeira notícia que chega. Não entendemos nada. Muito menos que uma execução possa se tornar espetáculo público. Mas qualquer dúvida logo desaparece, quando mais 35 homens chegam à prisão. O número de sentinelas é triplicado. A cada 50 metros, metralhadoras estão apontadas para nós, prontas para disparar.

Não sabemos quantos serão fuzilados nem se haverá qualquer espécie de julgamento. Nos breves momentos em que corre qualquer informação - instantes intermináveis - parece que há sempre alguém mais bem informado do que nós. Cochicha-se: "são 3!"

Um grupo está saindo de trás de uma barraca. É escoltado por vários soldados, por um padre e uns 4 ou 5 funcionários que os acompanham à distância.

Os 3 condenados, as mãos presas por algemas, vestem calça simples, camisa cáqui. A cara deles me parece conhecida. Acho que são 2 tenentes e 1 comissário e que, alguma vez, falei com eles, ainda que não os conheça, nem saiba seus nomes. Mas os nomes não me interessam: o que conta é que são prisioneiros como nós. E serão fuzilados.

Eles têm entre 30 e 35 anos. Um é loiro e magro; o outro careca e robusto, altura semelhante à minha, o 3º é moreno, rosto de traços duros. Caminham lentamente, passo firme, cabeça levantada, olham os guardas com ar de desafio.

- Calma companheiros - grita o loiro - é uma provocação!

Um dos soldados aperta seu braço para que pare de falar, mas ele faz um gesto brusco, e grita:

- Eles querem matar todos, todos.

- Silêncio! - ordena um capitão.

- Calma, calma companheiros - grita o

loiro com voz firme - Não caiam na armadilha.

Soldados e oficiais o cercam correndo, para que pare de falar, mas ele já tinha dito o que queria. Suas palavras têm um efeito terrível sobre os milhares de prisioneiros reunidos no campo. As caras se fecham; eles apertam os punhos, enraivecidos. Muitos dão, instintivamente, um passo à frente. Os soldados metem o dedo no gatilho das metralhadoras.

- Calma companheiros, é uma provocação!

O grito é o último aviso. Estamos diante de uma trágica realidade. Entendemos que eles querem fuzilar 30 mil homens, e não 3.

O grupo que cerca os condenados aperta o passo e chega rapidamente ao lugar escolhido para a execução. O padre se aproxima deles; repudiado sem uma palavra, mas com gestos expressivos. Um sargento quer vendar os olhos dos prisioneiros. Nenhum dos 3 aceita. O padre e o sargento saem de perto.

Muito nervoso, o tenente grita:

- Via a... - A última palavra dos condenados se perde no rumor dos disparos. Pelo que gritavam naquela hora? Pela revolução? Pela anarquia? Pela república? Jamais poderemos saber.

Depois de uma breve pausa, o tenente aproxima-se dos corpos caídos na terra. Tem uma pistola na mão. Está pálido, ligeiramente curvado. Aproxima-se e dispara o tiro de misericórdia.

A estes fuzilamentos oficiais e públicos de Albatera seguem-se outros nos dias seguintes. O motivo é sempre o mesmo: tentativa de fuga. Os prisioneiros, em perfeita formação militar, devem assistir a todas as execuções. Só os presos das solitárias ficam livres do espetáculo. Mas depois das execuções temos de marchar diante dos corpos dos companheiros. Aind aquando ficamos enajaulados, passamos horas amargas. Vemos os outros passando, ouvimos as vozes de comando, os disparos, os tiros de misericórdia. Mentalmente seguimos a cena que não vemos. Os fuzilamentos repetidos provocam uma grande dor em todos. Ninguém tem vontade de falar. Por horas inteiras, especialmente depois de cada fuzilamento, segue-se um silêncio impressionante. Mudos fechados, sentados na terra, cada um rumina seus pensamentos. Mas se pensam assustar os prisioneiros com o fuzilamento público e fazer que a gente desista de fugir, o resultado é exatamente o contrário. O desespero incita os prisioneiros a tentar a fuga por todos os meios possíveis, ainda que se perca a vida.

Neste período se assiste a um episódio incrível. É o caso de um homem muito alto e muito magro, dominado, segundo seus companheiros, por um terrível medo. Uma manhã, ele vai pegar uma caneca que caiu fora da cela. Um sentinela de cor escura o imobiliza, sob a ameaça da arma, enquanto chama o chefe aos berros e diz que o prisioneiro tentou fugir.

Apesar dos protestos de inocência, fuzilaram o prisioneiro no dia seguinte. Já está mais morto do que vivo quando o levam para o lugar da execução. Cai de joelhos, porque suas pernas não conseguem aguentá-lo, chora, implora. Quando o pelotão dispara, as balas raspam sua cabeça. Devem disparar de novo. Mas não o matam na mesma hora. Precisam disparar de novo. E não é ainda desta vez que morre. Ferido e ensanguentado, o prisioneiro caído na terra continua a gemer. Por fim, o oficial que dá o tiro de misericórdia erra o alvo e tem de apertar o gatilho 3 vezes.

- Por que não tentar fugir se a gente termina mesmo como ele? - perguntam-se os prisioneiros.

Quando, dias depois, continuávamos pensando nesta história, chegou a Albatera um frade de Prohuela, o padre Jesus. Ele falava num tom gandilhoquente. Começou tocando em nossos crimes.

ATÉ QUANDO?

pelos quais devíamos implorar o perdão do senhor. Devíamos nos arrepender de todo coração para depois libertar nossas almas do fogo eterno. Acrescentou, piedosamente, que nem toda a culpa era nossa, mas dos chefes, que nos enganaram, fugindo no momento crítico.

- Sois culpados - disse - mas aos olhos do Senhor Todo Misericordioso vossos graves pecados são desculpados pela falta de luz, pela estreiteza mental na qual viveis, no vosso completo analfabetismo. Sois pecadores vilmente enganados...

Parece que ele ia continuar nesse caminho quando Rodriguez Vega, que não aguentava mais, o interrompeu, com um tom doce:

- Você acha que eu sou um desses analfabetos enganados?

- Mas por que pergunta? - exclamou o padre, surpreso.

- Porque eu sou o secretário-geral da União Geral dos Trabalhadores.

- Secretário da UGT?

- Sim. Sou o sucessor de Largo Caballero. Serei um dos enganados?

- Nem pensar nisso - exclamou o padre. - Tu és um dos culpados de que eu falava antes.

- E veja só que não fugi carregado de milhões. Ou acha que eu tenho uma mala cheia de dinheiro?

Antes que o padre dissesse qualquer coisa, uns 20 de nós começamos a imitar Rodriguez Vega e a perguntar ao padre Jesus se tínhamos sido enganados:

- Eu sou advogado e deputado socialista.

- Eu sou médico e chefe de um corpo sanitário do exército.

- Eu sou metalúrgico e comandante de uma divisão em Jarama.

- Eu sou professor e governador civil.

- eu sou jornalista.

O padre Jesus estava assustado. Com as mãos na portinhola que o separava de nós, a boca tremendo, não dizia o que estava pensando.

- O, padre, ainda acha que a gente foi enganado? - perguntou Rodriguez Vega.

- Enganados? - reagiu o padre. - Não, não! Eu acho que eu estava enganado. E que vocês devem ir todos para as chamas do inferno.

PRISÃO DE MADRI, JUNHO DE 1939.

Nesta primeira hora da manhã de 16 de junho, preso na rua Almagro (Madri), vejo dezenas de feridos, ouço lamentos. De repente, entram 2 guardas gritando:

- Antonio Trigo Mairal. Venha logo!

Trigo Mairal é um homem robusto, de uns 40 anos, foi governador civil de Madri, e se comportou no cargo sem rancor, sem ódios. Ele se levantou sorridente, caminhou tranquilo para a porta. Mairal merecia o respeito não só do Partido Socialista (ao qual pertencia) como dos outros antifascistas e até dos inimigos. Alguns, otimistas, achavam que ele ia ser libertado.

Mas ele demora a voltar. Neste meio tempo, a porta se abre mais 3 vezes: outros 3 homens vão e não voltam. O dia avança lentamente e nós podemos ver a luz que passa jpor uma janela com grades. Apoiado na parede, cansado diante de todos os incidentes da penosa jornada, paro alguns instantes. Nisto, chegam 4 tipos com revólveres na cintura e atiram Mairal no chão.

- Este fica aí!

O aspecto de Mairal é impressionante. O corpo é uma massa de sangue. Está semi-consciente, vomita, tem convulsões. Os companheiros curvam-se sobre ele, limpam o sangue de seu rosto. Ele respira com dificuldade, ofegante. Tem muitas feridas na cara, geme, põe a mão na parte baixa do ventre, no fígado, nos rins.

- Matem-se se chamarem vocês - diz com voz apagada.

- Matem-se, é melhor.

Começa a vomitar sangue. Dá impressão de sufocamento.

- Eles fizeram comigo coisas que não podia imaginar. Eles me fizeram comer

um retrato de Pablo Iglesias... Chutaram minha cara... Estou destruído, destruído. Matem-se se chamarem vocês, matem-se. Os gritos e lamentos de Trigo Mairal produziram efeito profundo: Ficamos quietos.

- Matem-se, matem-se antes de ir para lá.

Abrem de novo a porta. Olhamos. São os 4 tipos com as calças escuras, fuzis na mão. Uma nova chamada:

- O diretor de Castilla Libre e do Mundo Obrero...

Vacilo um instante. Tremo, enquanto olho a figura de Mairal. Os homens voltam a gritar. A 15 passos move-se também Navarro Ballesteros. Um novo grito:

- Saiam logo ou a gente tira vocês daí a porta-pés.

Navarro vai na minha frente. A porta bate às nossas costas.

- Quem é o comunista? - pergunta um deles.

Navarro volta-se para eles, olha serenamente, responde com uma palavra:

- Eu.

- Que carinha, hem?

A mão fechada cai na cara de Navarro. Eu olho a cena, impotente e calado. De repente, sinto uma dor nos rins enquanto outro sujeito grita:

- E você, por que não ri?

- Ele tinha batido em mim com o fuzil e eu fui jogado contra a parede.

- É só um aperitivo - diz um deles, sem conter o riso. - Você vai ver o que te espera.

São estes os jornalistas? Vamos embora. Caminhamos para um minúsculo jardim. Sentimos nos rins o cano dos fuzis.

- Atenção, rapazes, eles podem querer fazer uma besteira.

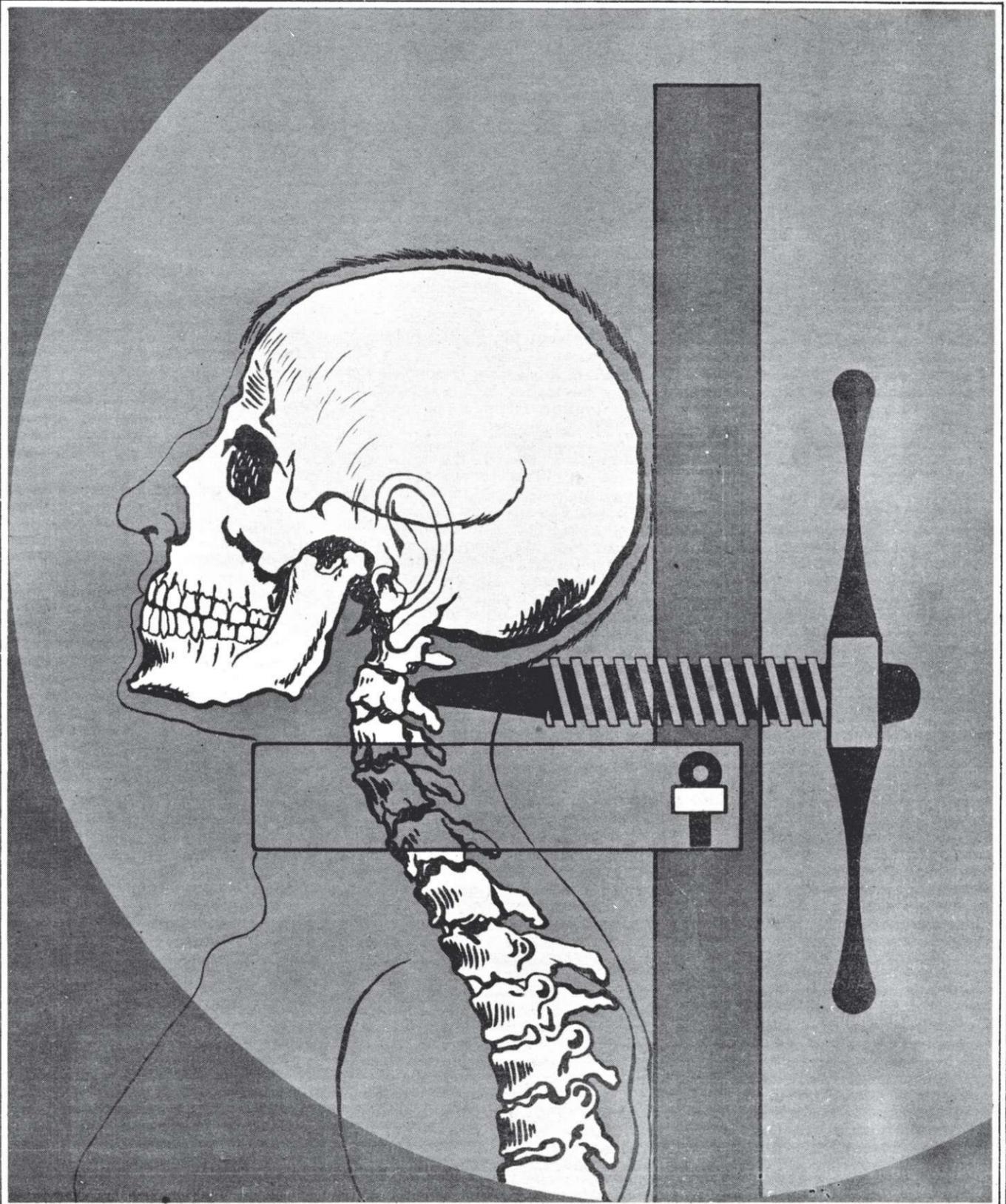
- Tomara - responde um dos que caminham atrás de nós. - Eu preciso voltar a praticar tiro ao alvo.

Estamos na rua Almagro. Atravessamos a rua para continuar pela calçada, os 2 juntos. Ao chegar ao portão da frente, lanço um rápido olhar para o prédio. Recordo, ainda, as árvores, o sol, a vida. O cano do fuzil nas minhas costas me leva para a frente, enquanto uma voz me diz: - Entra!

1975

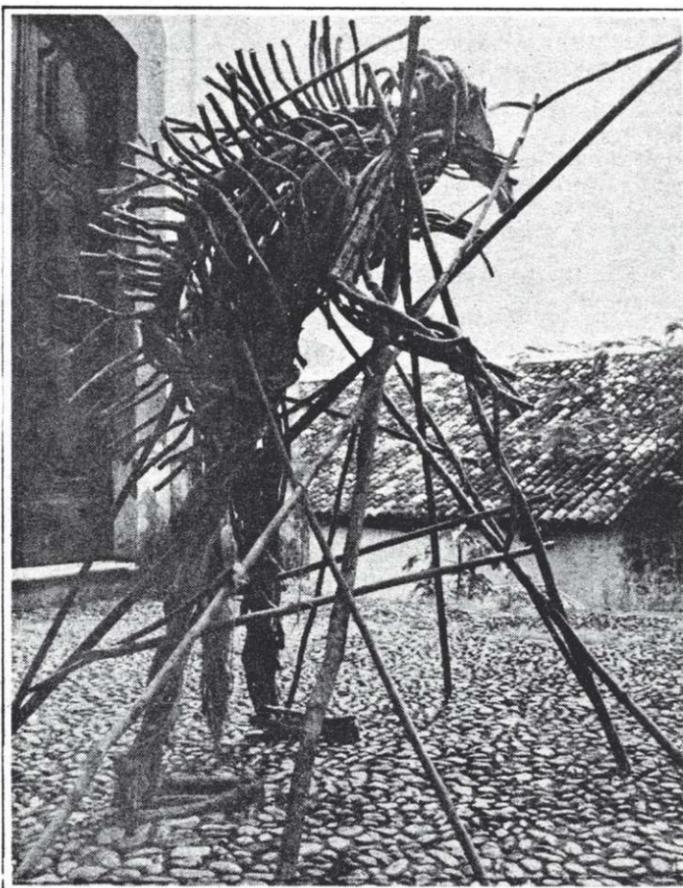
O garrote vil foi oficialmente reconhecido por decreto de Fernando 7º (1784-1833): uma argola de ferro prende o pescoço do condenado, encostando-lhe a nuca na ponta de um parafuso. Por trás vem o carrasco e, com as duas mãos, vai girando o parafuso de ferro até quebrar o pescoço e estrangular a vítima.

Parece que Franco decidiu aposentar a máquina: no dia 27 ordenou que 5 dos condenados fossem fuzilados, depois de comutar a pena de 6, inclusive as duas mulheres.



ETSEDRON

O que os frequentadores da Bienal vão dizer quando virem isto?



FOTOS DE DILTON MASCARENHAS E VANDER PRATA

Matilde Matos: No Brasil e na Bahia particularmente, a arte brasileira se limita a uma cópia de segunda e terceira mão dos movimentos que se fazem na Europa e Estados Unidos. Um pequeno grupo de artistas faz uma arte regional e por isso se acham nacionais, apenas pela temática, que recebem de graça: na Bahia retratam a baiana, o tabuleiro de acarajé, o casario, mas à maneira européia ou à maneira de um artista primitivo. No Brasil, os artistas não estão interessados no contexto social, em fazer um estudo aprofundado da sociedade e dos vínculos culturais do povo, das tradições, das origens. Eles querem fazer um trabalho bonito para vender. As vezes aparecem outros que fazem uma vanguarda que é o oposto do bonito, fazem o "não-bonito", que já esteve na moda. Na Bahia, década de 60, quando começou o movimento Etsedron, este quadro era claro: havia o grupo dos primitivos, sempre mais numeroso, faziam o casario. Um grupo menor se limitava a repetir os artistas da geração de 45, que introduziram na Bahia o movimento de 1922. Um outro grupo pretendia ser mais avançado e copiava uma vanguarda recente que chegava ao Brasil com pelo menos 10 anos de atraso.

O Etsedron começou exatamente pela revolta de um grupo de artistas a este estado de coisas. Eles não se conformavam com o fato de que brasileiros e sul-americanos, com todo manancial nas mãos, em circunstâncias especiais da América Latina, que poderiam explorar, não fizessem isso. Lançaram uma espécie de manifesto: "Nós queremos romper com a frouxidão da transparência da beleza, do quadrinho na parede"! O Etsedron sempre se revoltou contra este tipo de arte, já que era uma arte que não dizia nada.

Pretendiam e pretendem que o artista tem por obrigação não só fazer uma arte que fale, que tenha conteúdo mas principalmente que fale de hoje, deste momento, deste lugar. Começaram a estudar o nordeste rural brasileiro, que conheciam melhor.

Viveram sem luz elétrica, rádio ou televisão.

Sentiram e viveram o animismo da região, atentos a tudo que se pode despertar porque há uma força que leva o espectador a conseguir uma pedra, uma árvore, uma imagem que não pode ser estereotipada. Há 200 mil árvores e todas diferentes, cada elemento representa a força da região. O Etsedron quis transmitir isso. Por este aspecto e principalmente pelo fato de que o artista brasileiro, não podendo competir com artistas estrangeiros pela falta de recursos e técnicas, achavam que se devia fazer uma arte dentro das limitações do brasileiro, do meio em que o brasileiro vive e que os próprios moradores da região reconhecessem o material e a possibilidade de transformá-lo, se quisessem.

Depois de muita busca, encontraram o cipó e começaram a fazer figuras onde homem e animal se confundiam na dependência total à natureza. O cipó foi um achado importante, era um material oferecido espontaneamente pela natureza. Esta ambientação foi levada à Bienal de São Paulo de 73 e ganhou o prêmio Governador do Estado.

Sentiram que havia a necessidade de sair do quadro de parede, sem cair na escultura como arte final, o que o movimento Etsedron rejeitava. Assim, partiram para uma ambientação com várias figuras, um valor conjunto e complementar o trabalho com música, dança, filmes, fotografias, textos, um trabalho de arte integrada. Foi mostrado um segmento de um trabalho contínuo, - não acabou na Bienal. Continuarão a trabalhar. Mesmo quando estavam fazendo gravuras ou pintura não era como antes da ambientação. A gravura deixou de ser um detalhe e passou a ser segmento de um todo, um prolongamento do que fizeram na ambientação, passado ao papel ou à madeira. Olhando a ambientação, ninguém dirá: "isto é de fulano, aquilo é de fulano". O trabalho não está preso a qualquer corrente específica, apesar de que cada artista do Etsedron, tem sua marca pessoal facilmente reco-

nhecida.

Existe uma coisa que acontece sempre no mundo todo ao mesmo tempo - acontece em jornalismo, com escritores, dançarinos - existe um fermento qualquer no ar que transmite e se pega em qualquer lugar - há uma necessidade de saírem do quadro e da escultura e entrem num contexto muito mais amplo, fazer artes plásticas integrando outras áreas de arte. Num segundo trabalho já integraram ciências (antropologia e arqueologia) porque dariam informações necessárias. Se a ambientação pretende atingir o espectador coletivo, deve ter um conteúdo muito forte, informações exatas.

Fazer o trabalho sem conteúdo é como decorar o Teatro Municipal para o baile de Carnaval: qualquer artista pode fazer isto mas quando acabar o carnaval acaba a decoração, não quer dizer mais nada!

O principal do Etsedron é exatamente esta linha nacional, não por ser brasileira mas acontece que os artistas nasceram aqui e que jamais poderiam estar fazendo a guerra do Vietnã ou o pop de Andy Warhol. O artista nacional tem tanta coisa a dizer, não é? É só querer ver, abrir um pouquinho os olhos.

Mostrar uma realidade que não é a nossa acho absolutamente ridículo, não entendo como o artista brasileiro se recusa a falar da nossa realidade! Escritor ainda diz alguma coisa, teatro alguma coisa, mas não deixam, prejudicam; o artista plástico não diz nada, fica olhando para a infância, para o século XVI e XVII, para o barroco, para os renascentistas: só não olha para o que está acontecendo aqui e agora!

O movimento artístico revolucionário brasileiro marcou um pouco a literatura, nas artes plásticas havia apenas a imagem de um trabalho brasileiro à maneira de um Picasso, por exemplo; não estavam inovando.

Falei sobre o Etsedron I e que o conteúdo é o Nordeste rural brasileiro. Para o projeto II, viajaram à região Amazônica (Itaituba, Pará) e ficaram lá seis meses.

A estrutura de cipó permaneceu, porém, recoberta de couro cru. Na região era jogado fora, aqui em Salvador, caríssimo!

Edison da Luz: O couro era a atmosfera da região, entendeu? Do primeiro para o segundo projeto queríamos agregar novos materiais que identificassem a região e que não quebrassem a força do próprio cipó. Couro é escudo, defesa, a própria pele do caboclo lá é áspera, se identifica com o animal. O trabalho identifica o homem-animal, dentro de sua metamorfose, circunstâncias em que vivem.

Matilde: o júri da Bienal de 73 havia crítico chinês, chileno, norte-americano, belga e brasileiro. São culturas completamente diferentes, eles entenderam o trabalho, gostaram e premiarão. Recentemente, na pré-bienal de 74, o impacto foi muito maior, foram críticos brasileiros que julgaram e escolheram, entre outros trabalhos, o projeto Etsedron para representar o Brasil nesta Bienal de 75.

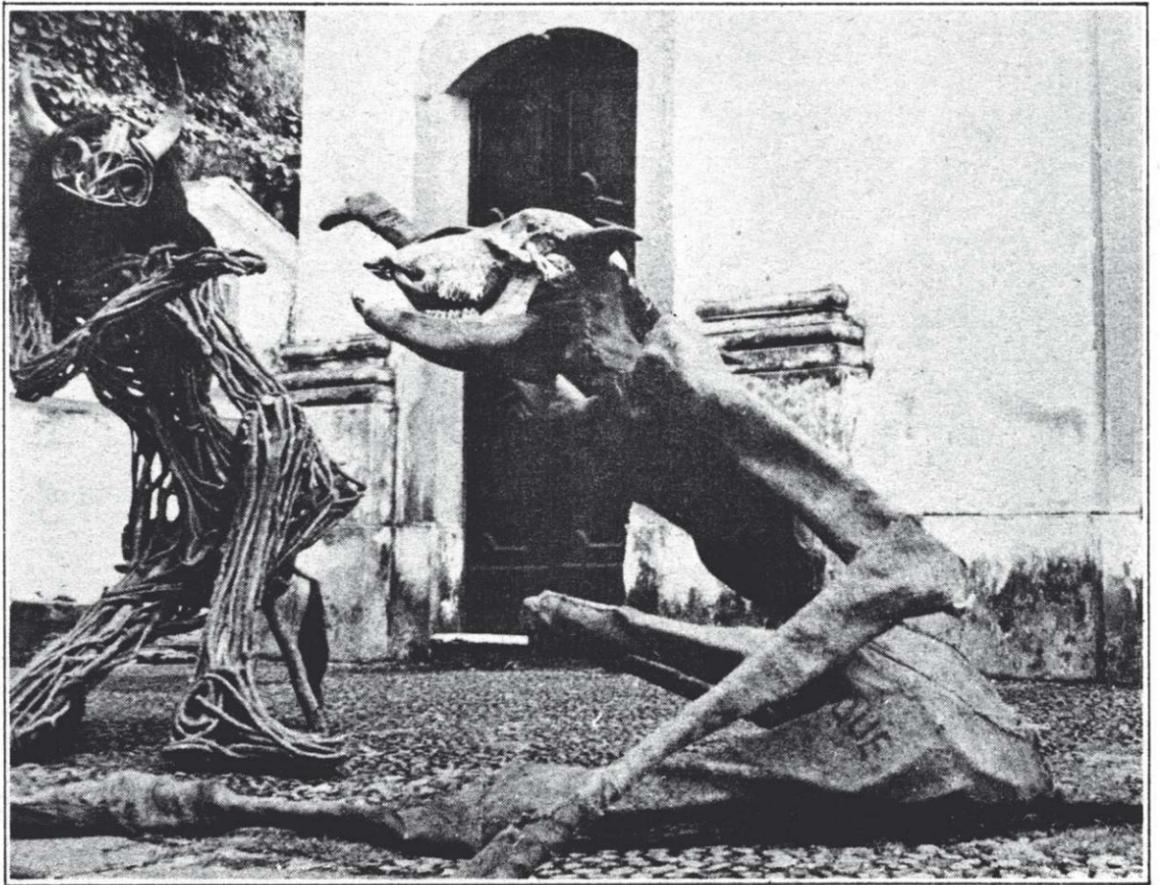
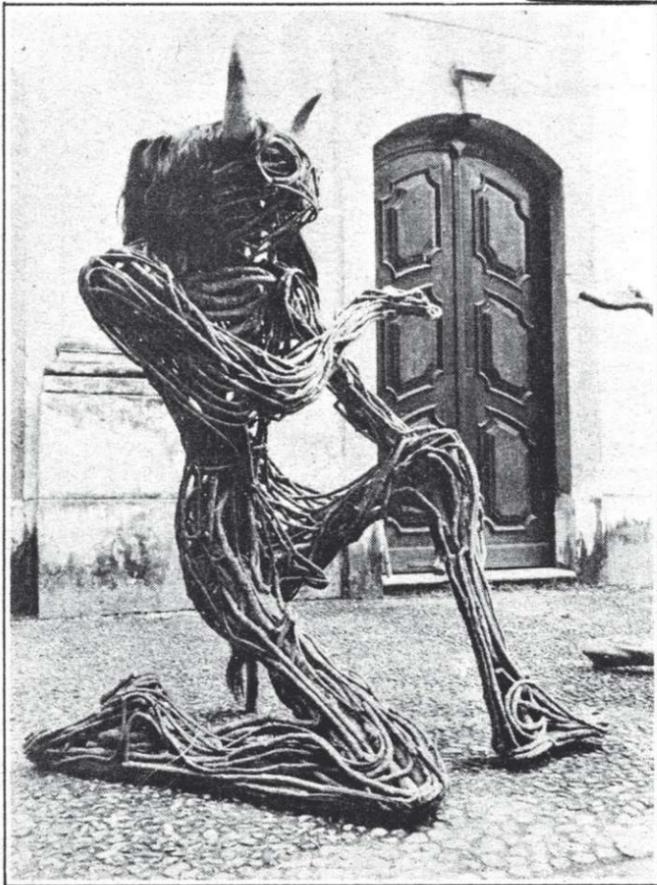
O difícil foi manter a linha durante todo este tempo, ninguém pode imaginar as dificuldades de um trabalho que não está à venda e que absorve o artista integralmente. É preciso acreditar muito, ter grande abnegação, estar ciente de que estão fazendo algo correto e necessário. Qualquer oscilação põe tudo água abaixo. Edison é o único artista que ficou do grupo inicial. A idéia base é dele e o grupo se formou à sua volta. Entraram e saíram muitos principalmente porque não acreditaram no trabalho.

Edison: Um artista bem acadêmico, por exemplo, que não está preocupado em fazer arte social, não está preocupado com o povo, não está preocupado com arte coletiva nem nada disso, esse cara não se encaixa direito dentro do trabalho do Etsedron, conflita. O Etsedron atinge não só o homem urbano, atinge também o homem rural, que reconhece o cipó, transformado em arte. Prova disso é que sempre tivemos grande afluxo de pessoas em Arembépe ou no Pará.

- **Matilde:** Houve uma tentativa em 69

ETSEDRON

O que os frequentadores da Bienal vão dizer quando virem isto?



quando fizeram a primeira manifestação do Etsedron. Por coincidência havia uma mostra "Salão do Jovem Artista Baiano", no Museu de Arte Moderna. Entraram, ingenuamente. Foram aceitos sem que o diretor visse os trabalhos, por que já desfrutavam de alguma fama. Passaram no museu dois dias montando a ambientação. Quando o diretor Renato Ferraz viu, disse: "O que é isso? O que os frequentadores vão dizer? Isto não é arte!" e mandou retirar tudo imediatamente, alegando que Edison não poderia participar por ser artista premiado. Acontece que muitos dos outros participantes eram artistas premiados. Pois é.

Edson: Não foi só isso. O trabalho ficou escondido no museu. Pra ninguém ver mesmo, sem tratamento o trabalho apodreceu.

Matilde: Temos a idéia de criar um Centro Cultural em Salvador, onde o artista possa desenvolver seu trabalho com facilidades. O local existe, basta que haja um apoio.

Edison: Nós quebramos o conceito do artista só estrela. Matilde Matos, por exemplo, é crítica, vive o trabalho, o processo Etsedron. E faz uma transcrição literária. O crítico, o antropólogo, o sociólogo podem atuar dentro de um mesmo sentido. A atmosfera é a mesma, o sentido é o mesmo. O Etsedron integra áreas de manifestação que não tiveram oportunidade de aparecer. Um antropólogo que nunca pode publicar seu trabalho, um escritor que tenha um trabalho que se identifique com a da gente. Não procuramos manter uma linha temática rígida como o cubismo ou dadaísmo.

Nossa linha é versátil, desde que esta versatilidade vá ao encontro de nossa proposta, que seria identificar não só o processo de arte brasileira como também a própria vida do brasileiro, o que faz, como vive, qual a situação dele neste momento. Praticamente, o Etsedron não marca o amanhã, como o surrealismo, nós queremos saber o que é hoje, o que está se passando aqui.

O artista que tem por finalidade fazer da arte comércio não encontrará condi-

ções de trabalhar para o Etsedron. Respeitados no sul, fomos ignorados em Salvador e resolvemos sair, foi quase uma fuga que acabou se revelando proveitosa, porque ampliou o sentido, a abrangência social do Etsedron. No Ceará, no Piauí, a atmosfera é a mesma, a vivência é a mesma, o mesmo rio, o mesmo alimento, as mesmas dificuldades. Começamos aqui porque conhecíamos mais, acabamos saindo e mesmo assim isolando Rio e São Paulo que para nós já estão checados.

Para o sul o Etsedron pode ser o contraste do que existe entre eles e nós. O sulista talvez fique mais interessado no Etsedron que o nordestino porque retrata a problemática daqui.

Eu não vejo condições de existir arte pop no Brasil porque o próprio Brasil já é pop!

Estávamos interessados também em retratar o processo ecológico no Etsedron, mas isso é problema de cidade grande. Temos a idéia de que seria interessante não se repetissem nas cidades menos favorecidas os crimes ecológicos ocorridos nas grandes cidades.

A coisa vem aumentando de tal forma que o processo IV do Etsedron vai ter que ser um negócio para acabar! O trabalho passa a ter uma formação mais política; no início era a descoberta da gente mesmo em querer provar o que temos e também conseguir com nossos próprios recursos botar pra fora nossas manifestações, nosso ideais. Mas a partir daí, quando já conseguimos checar os elementos já existentes, o trabalhar pede uma nova dimensão. Talvez daqui pra frente o cipó não entre em mais nada,

entendeu? Ele foi um marco mas a partir daí tem que partir pra outra, vai ser uma luta, já intelectual entre nós mesmos, para descobrir o que é que o Etsedron pode continuar a dar, porque ele é efeti-

vamente contínuo, não pode ser uma arte estática, no momento em que parar vira um objeto e morre. Tem que ser um

processo de arte viva. A dança tem acompanhado o processo Etsedron, é um elemento vivo representando a mesma atmosfera de um elemento inanimado.

O cipó nos deu uma escola escultórica e pode ser que a gente execute esculturas de ferro, com o mesmo sentido do processo Etsedron. O ferro liga-se também à preservação: não é apenas as pessoas de agora que devem ver sentir o processo Etsedron. Pretendemos levar o trabalho a cidades, estados, algo como uma manifestação de arte itinerante. Em cada lugar existe o cipó para trabalhar, a caveira de boi, o barro, ficamos seis meses no Piauí, por exemplo, trabalhando junto com os artistas locais e deixamos o trabalho lá, em exposição permanente.

Isso se a gente tiver ajuda. Nós não queremos que o próprio objeto do Etsedron se transforme em objeto de consumo, entende? No momento em que isso acontecer, já está checado, não quer dizer mais nada!

O Governo de cada Estado deveria dar todo apoio para que pudessem desenvolver seu trabalho. O prêmio em dinheiro da Bienal - que hoje parece concurso de Miss Brasil, está decadente - quando o artista ganha, mal dá pra voltar e aí começam todos os horrores por que passou no início do trabalho, que acaba morrendo dentro da bienal, não é visto em outro lugar. O artista é tratado como um marginal, às vezes acaba desistindo de tudo que é seu, para fazer a arte que os críticos gostam e impõem ao público: fazer comércio, não arte.

CRONOLOGIA

1968 - Edison da Luz, José Cunha, Palmiro Cruz, Lígia Milton, Vera Lima: "Queremos romper com a frouxidão da transparência da beleza, do quadrinho na parede!" Nasce o movimento artístico Etsedron, Nordeste ao avesso, a busca das raízes, a identificação do processo de arte brasileira, da vida do brasileiro, do que faz, sua situação neste momento. Surgem os Espantalhos, esculturas em madeira.

1969 - O grupo é expulso da Mostra do Jovem Artista Baiano, no Museu de Arte Moderna, em Salvador. Renato Ferraz, Diretor do Museu: "O que é isso? O que vão dizer os frequentadores? Retirem esse trabalho imediatamente! Isto não é arte!"

1971 - Os Espantalhos, de duplo sentido, ganham prêmio nacional na Bienal de São Paulo. Representavam o homem do campo e seu sofrimento e simultaneamente a configuração do admirador de arte brasileira de idéias e materiais importados, o mimetismo cultural. Na Bahia, este trabalho ficou retido numa saleta do Museu de Arte/Moderna, onde apodreceu por falta de cuidados.

1972 - Encontro com o artesão popular Bibi do Caçua. Caçua é cesto de carga para burros. Bibi usava cipó trançado. Nasce a idéia de que o cipó poderia substituir o ferro como elemento estrutural de esculturas. Integram o grupo: Lígia Milton, Jasmim e Edison da Luz. Os demais se retiraram, entre outras razões pela falta de rentabilidade do trabalho. Matilde Matos participa fazendo transcrição literária do processo Etsedron.

1973 - Etsedron na Bienal de São Paulo. Espantalhos, terra, pedra, casa de taipas, dançarinos, som, fotos, textos e filmes. Estava introduzido o conceito de "arte viva". Os artistas trabalharam durante toda a bienal mostrando o segmento de um processo de trabalho artístico. Recebe o Prêmio Brasil. Integram o grupo: Palmiro Cruz, Joel Estácio Barbosa, Carlos Negreiro, Matilde Matos e Edison da Luz.

1974 - Viagem à região Amazônica. Fixam-se em Itaituba, Pará. Os habitantes perguntam se o artista plástico faz copo plástico. Tentativa de ensinar artesanato, acabam dando aula de higiene rural. Contato com índios e técnica de manuseio do barro. Descoberta de grande quantidade e qualidade de cipó. O couro, jogado fora na região, passa a recobrir as esculturas. Em dois meses realizam onze figuras de até 3 metros à base de cipó e couro. Luta para trazer o material a São Paulo, onde é selecionado para representar, ao lado de outros trabalhos de artistas nacionais, o Brasil. Retiraram-se do grupo Palmiro e Negreiros. Chico Diabo, escultor baiano radicado em São Paulo, passa a integrar o Etsedron.

LUÍS PONTUAL

Ex-15 na Terra do Marlboro

Por JAYME LEÃO
e MYLTON SEVERIANO

SE O CIGARRO
TE FAZ MAL,
SE PODE TE
PRESENTAR
UM DIA
COM UM CÂNCER
NO PULMÃO OU
UM ATAQUE
DO CORAÇÃO,
COMO É QUE
TODOS MÊS
—SÓ DE
CONTINENTAL—
NÓS
FUMAMOS
70 MILHÕES
DE MACOS?
COMO É QUE
SOMANDO
CONTINENTAL,
HOLLYWOOD E
MINISTER, VÊ-SE
QUE A CADA BRASI-
LEIRO CABE MAIS DE
UM CIGARRO POR DIA?
E O PODER DA PU-
BLICIDADE, QUE NA PRÓXI-
MA GERAÇÃO DE BRASILEIROS
VAI CONQUISTAR 7 NOVOS
MILHÕES DE INVETERADOS
FUMANTES. SE COMPRAMOS COISAS QUE
NÓS FAZEM MAL, QUEM SABE NOSSO CÉREBRO NÃO TERÁ
SIDO LAVADO COM FORÇA TOTAL E ESTARÁ MAIS BRANCO
QUE O DO UZINHO, PRONTO PARA EXECUTAR A ORDEM: COMPRE!

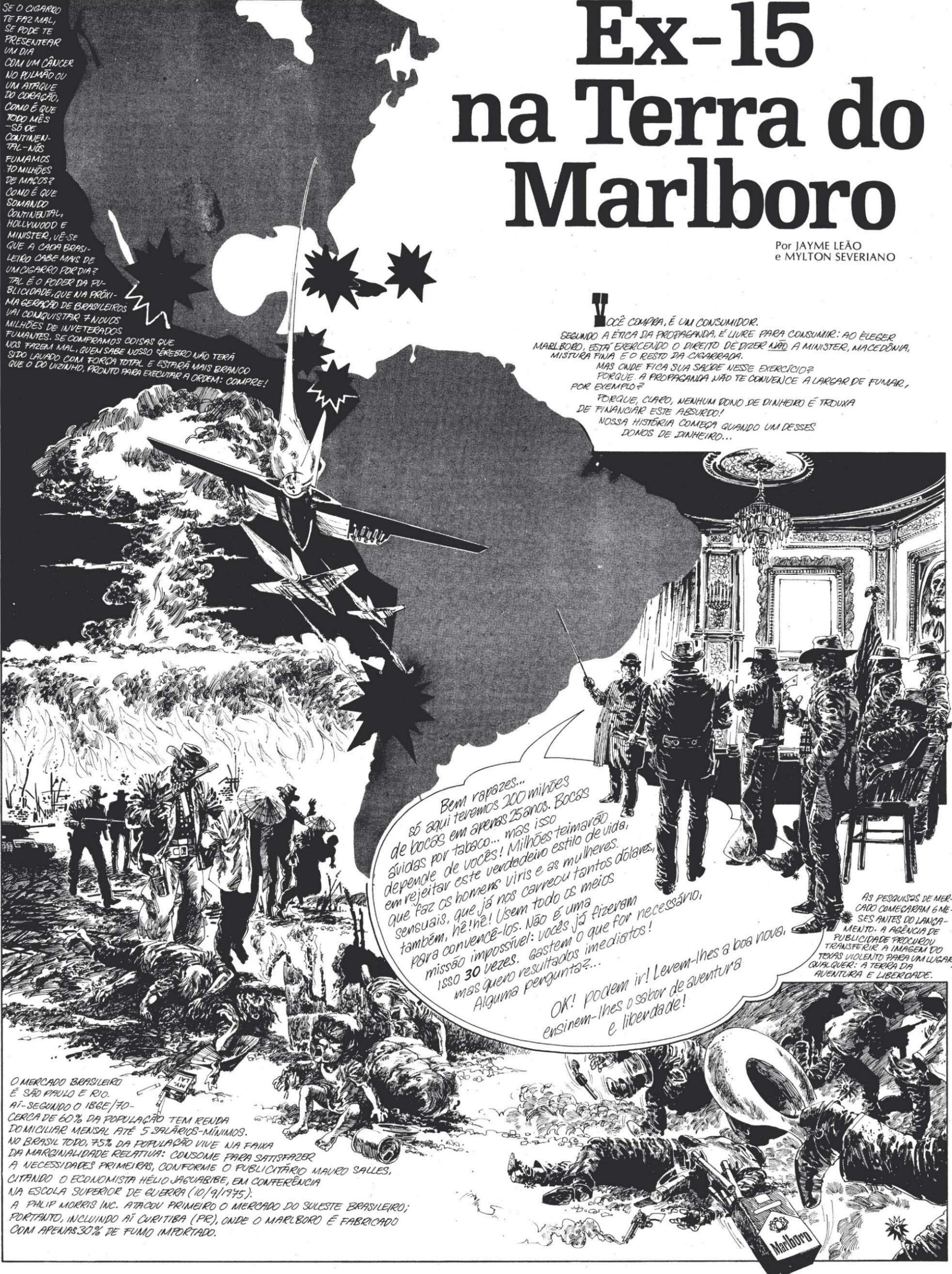
VOCÊ COMPRO, É UM CONSUMIDOR.
SEGUNDO A ÉTICA DA PROPAGANDA, É LIVRE PARA CONSUMIR: AO ESCOLHER
MARLBORO, ESTÁ EXERCENDO O DIREITO DE DIZER NÃO A MINISTER, MACEDÔNIA,
MISTURA FINA E O RESTO DA CIGARRADA.
MAS ONDE FICA SUA SAÚDE NESSE EXERCÍCIO?
PORQUE A PROPAGANDA NÃO TE CONVINCE A LARGAR DE FUMAR,
POR EXEMPLO?
PORQUE, CLARO, NENHUM DONO DE DINHEIRO É TROUXA
DE FINANCIAR ESTE ABSURDO!
NOSSA HISTÓRIA COMEÇA QUANDO UM DESSES
DONOS DE DINHEIRO...

Bem rapazes...
só aqui teremos 200 milhões
de bocas em apenas 25 anos. Bocas
svidas por tabaco... mas isso
depende de vocês! Milhões teimarão
em rejeitar este verdadeiro estilo de vida,
que faz os homens viris e as mulheres
sensuais, que já nos arreou tantos dólares,
também, hê! hê! Usem todo os meios
para convencê-los. Não é uma
missão impossível: vocês já fizeram
isso 30 vezes. Gastem o que for necessário,
mas quero resultados imediatos!
Alguma pergunta?...

OK! podem ir! Levem-lhes a boa nova,
ensinem-lhes o sabor de aventura
e liberdade!

AS PESQUISAS DE MER-
CADO COMEÇARAM 6 ME-
SES ANTES DO LANÇA-
MENTO. A AGENCIA DE
PUBLICIDADE PRECISOU
TRANSFERIR A IMAGEM DO
TEXAS VIOLENTO PARA UM LUGAR
QUALQUER: A TERRA DA
AVENTURA E LIBERDADE.

O MERCADO BRASILEIRO
É SÃO PAULO E RIO.
ATÉ SEGUNDO O IBGE/70-
CERCA DE 60% DA POPULAÇÃO TEM RENDA
DO MÍNIMO MENSAL ATÉ 5 SALÁRIOS-MÍNIMOS.
NO BRASIL TODO, 75% DA POPULAÇÃO VIVE NA FAIXA
DA MARGINALIDADE RELATIVA: CONSUME PARA SATISFAZER
A NECESSIDADES PRIMEIRAS, CONFORME O PUBLICITÁRIO MAURO SALLES,
CITANDO O ECONOMISTA HÉLIO JAGUARIBE, EM CONFERÊNCIA
NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (10/9/1975).
A PHILIP MORRIS INC. ATACOU PRIMEIRO O MERCADO DO SULESTE BRASILEIRO;
PORTANTO, INCLUINDO ATÉ CURITIBA (PR), ONDE O MARLBORO É FABRICADO
COM APENAS 30% DE FUMO IMPORTADO.



A sala de reuniões da agência DPZ, no conjunto de casas de esquina da Av. Brasil com Av. Colombia, SP, já estava armada, às 19 horas do dia 22 último. Luz total, indireta, a grande mesa de centro totalmente arrumada, no melhor estilo "brain storm": copinhos com vários lápis apontados, canetas e blocos de papel, em frente a cada cadeira. No fundo, sobre um armário baixo, vários pratos de bufê com salgadinhos - castanhas de caju, batata frita, amendoim, biscoitos -, copos de uísque e uma garrafa de 100 Pipers, selada. Roberto Dualibi e Ivan Pinto, os publicitários convidados para o debate (o terceiro, Enio Mainardi, não pôde comparecer), já estavam e receberam a equipe de EX. Depois dos cumprimentos, ao entrarmos na sala, diante de nossas exclamações, Roberto Dualibi fez graça:

- Não pareçam que é sempre assim. Uísque só quando recebemos jornalistas de esquerda.

- Mas tem algum aqui?

O cenário estava armado para mais um debate sobre a publicidade e a consciência dos homens que fazem publicidade - preocupação do EX, desde o seus primeiros números. Debates até às 23,30 horas, quando Dualibi se recusou a continuar. Mas ao final, Paulo Patarra, Hamilton Almeida, Luis Pontual (do EX) e Ivan Pinto convenceram Roberto Dualibi que o bate-boca devia continuar. E para esta continuação, todos os jornalistas e todos os publicitários estão convocados. Apareçam, vamos marcar hora e local.

PP - Seria bom a gente começar com cada um colocando a sua posição, dizendo quem é e tomando posição da publicidade.

HAF - Seria mais ou menos um quem visto por vocês mesmos.

Ivan - Bom... É muito abrangente isso. Olha, eu sou publicitário há 20 anos. Sou publicitário por opção, muito consciente. Eu fui estudante de direito - não por opção, mas por circunstância. No último ano eu arrumei minhas malas e fui fazer propaganda. Exatamente porque eu fui fazer isso, é muito difícil. Existem várias razões. Desde um primo que trabalhava em propaganda até o fato que era uma excelente mistura de técnicas com generalidade que me dava a oportunidade, entre outras coisas, de ganhar um bom salário. Continuo achando a profissão útil, válida na medida em que o sistema em que a gente vive precisa de alguém que ajude a vender caramelos, guaraná, sabão, coisas desse tipo... E acho que me desempenho bem nessa função.

HAF - Você está há quanto tempo na profissão?

Ivan - 20 anos. Com uma passagem longa por uma área paralela, o marketing. Ai eu virei cliente de agência durante 10 anos.

PP - O que é que você faz na Lintas?

Ivan - Direção de atendimento, que vem a ser a pessoa operacionalmente responsável por todo o contato com o cliente.

HAF - Roberto?

Dualibi - Olha, eu sou um redatorzinho que tem a sorte de ser sócio do Petit e Zaragoza há 7 anos. Era um cara que estava destinado a estudar medicina. Abandonei para trabalhar em propaganda na Colgate-Palmolive, de triste memória. Nem tão triste: afinal, era vizinho lá de casa, dava pra ir a pé, foi onde conheci minha mulher. Fui atraído pela propaganda pelo desenho. Eu desenhava, toda a minha vida ali, principalmente história em quadrinho, conheço o nome de todos os desenhistas. Então eu estava encaminhado mais ou menos pra isso, e acabei escrevendo porque eu venho de uma família de leitores compulsivos, todo

mundo lia e escrevia muito, se correspondia, era isso.

HAF - Quanto tempo você tem de propaganda, e quanto tempo você esteve sem ser responsável por uma agência, no sentido de propriedade?

Dualibi - Eu estou na propaganda há 20 anos, a DPZ tem 7, o que significa que por 13 anos participei ativamente da luta de...

LP - 13 anos você ganhou salário e 7 anos que você ganhou dinheiro, é isso?

Dualibi - Não. Eu diria que eu sempre tive muita iniciativa, eu sempre fiz free-lancer. Porque se vai pra propaganda, se faz isso ou se faz aquilo, realmente é um conjunto de circunstâncias. Eu nasci numa loja comercial. Pra mim, negociar, comprar, vender, montar vitrine, mostrar pano, etc., sempre foi parte da minha vida.

HAF - A profissão de vocês é nova na realidade brasileira. Como vocês estão...

Dualibi - Nós já somos a 3ª geração - né Ivan? - de publicitários. Talvez nós tenhamos tido a sorte de participar da industrialização do país. A propaganda realmente começou com a indústria automobilística.

Dualibi - Já temos associações, sindicatos, tudo direitinho. Existe muito exercício ilegal da profissão. Existem agências que abrem hoje, mandam buscar nos Estados Unidos, na Austrália, caras que não têm registro nem nada, e largam o pau. Por enquanto acho que o mercado permite que isso seja feito sem que haja traumas... Mais pode chegar o momento em que isso será olhado...

PP - Está havendo uma invasão de especialistas estrangeiros? Como é que é isso? até onde é verdade?

Ivan - Eu trabalho numa multinacional, e essa multinacional tem hoje empregados no Brasil, salvo traição da memória, 2 estrangeiros. Outro dia eu consegui, de memória, me lembrar de uns 30 nomes de estrangeiros trabalhando em propaganda no Brasil, quando comecei, numa época em que o mercado era muito menor. Eu não sei se eu consigo me lembrar, hoje, de 30 nomes estrangeiros trabalhando em propaganda no Brasil, quando esse

melhor do que a das grandes agências estrangeiras.

LP - Mesmo descontando as contas do governo? Mesmo descontando as contas do governo. Elas fazem parte do negócio.

Dualibi - Mesmo descontando as contas do governo. Eu acho que você tem razão. A agência brasileira tem mais flexibilidade...

Dualibi - Irrita muito o profissional brasileiro quando se manda um cara do Quênia, pensando que o Brasil é a mesma coisa. O cara comete muita gafe, dá muito fora. E ainda obtém um certo favorecimento...

PP - Isso é problema específico das multinacionais?

Dualibi - Problema específico das multinacionais e de uma mentalidade dependente, o que é um negócio pior ainda. Você pode ser dependente economicamente, mas ser dependente também mentalmente, sabe, é uma coisa que não é legal.

HAF - Vocês passaram uma informação que eu queria checar: as contas do governo são entregues às agências estrangeiras? Há alguma lei?

Ivan - Não, claro que não existe nenhuma lei escrita.

HAF - Mas há uma orientação?

Ivan - Eu diria o seguinte: o governo talvez faça muito bem em não entregar contas a agências estrangeiras, da mesma forma que não entrega petróleo a empresas estrangeiras. A quantidade de verbas governamentais aplicadas em propaganda, só através de agências nacionais, se excluídas do computador geral, mudam essa afirmação de que as agências estrangeiras não estão tendo tanto sucesso quanto as brasileiras.

LP - De que ordem é esse investimento do governo?

Ivan - Isso o Dualibi pode dizer melhor do que eu.

Dualibi - Não é tão significativo.

HAF - Não chega a ser o maior anunciante brasileiro?

Ivan - No mundo inteiro, verba do governo é uma das grandes fontes de receita das agências de propaganda. Nossa agência tem contas importantes de diversos governos em diversos

Dualibi: mandam um cara do Quênia pensando que o Brasil é a mesma coisa



Fotos de ELVIRA ALEGRE

mercado cresceu bastante. Dizem que anda em torno de 30, 35 mil pessoas. Eu acho que a invasão houve realmente muito mais na década de 50: inclusive o Petit e o Zaragoza. Eu diria que proporcionalmente o número de estrangeiros, hoje, é muito menor. Se você pega uma multinacional que está entre as 10 maiores agências do Brasil, como a nossa, e só tem 2 de fora, eu acho isso... Nenhum deles é presidente da empresa. Não é nem o nº 1, nem o nº 2.

Dualibi - Eu concordo com o Ivan. Não há, a rigor, uma invasão. O que há realmente é um preencher vazios que, às vezes, tem alguns efeitos colaterais desagradáveis. Por exemplo, quando existe um favorecimento dos anunciantes por certas agências, só porque elas são estrangeiras. Ai, realmente, é um troço que irrita muito o profissional brasileiro. Evidentemente, na medida em que pode parecer que chegam profissionais para compensar o desemprego que existe em certos países, criando desemprego no Brasil, isso é outra coisa muito chata.

LP - Mas você acha que o número de estrangeiros evidenciando o fato de que multinacionais estão despejando estrangeiros aqui pra compensar desemprego?

Dualibi - Não, eu acho que não. Despejando estrangeiro, não. Está ocupando certos níveis de direção que não ajudam a melhorar a propaganda brasileira, porque eles são homens comandados por telex, são homens sem decisão, afinal de contas. Tanto é verdade que a performance das empresas brasileiras tem sido

países. Isso é considerado fonte importante de receita, para agora e para o futuro.

LP - Dentro de agências, às vezes se comenta que os redatores são escritores frustrados e que os diretores de arte são pintores frustrados. Como as possibilidades econômicas são boas...

Dualibi - Eram muito boas, mais do que hoje.

LP - A remuneração é alta...

Dualibi - Não, isso é linda!

Ivan - Já foram melhores.

LP - Mas, e em termos comparativos?

Ivan - Ganha-se bem. Eu ganho bem. Eu tenho bom salário. Eu não me queixo disso.

LP - Então, no momento de escolha da profissão, uma pessoa que gosta de escrever se sentiria tentado a entrar na propaganda em detrimento, talvez, de um talento de escritor...

Ivan - Olha, deixa eu comentar, mais do que responder. O chamado homem de propaganda usa os lmesmos instrumentos que os comunicadores não-comerciais. Só que os propósitos são completamente diferentes. Eu não diria que o artista de propaganda é um frustrado, desde que ele saiba que entre 9 e meia da manhã e 7 da noite, ele está utilizando seus conhecimentos dos meios de comunicação para vender guaraná. E antes das 9 e meia da manhã, ou até às 4 da manhã, ele escreva o seu romance ou pinte o seu quadro. Eu não acho as 2 coisas incompatíveis.

Dualibi - Eu tenho uma opinião sobre isso: em 1º lugar, eu acho que o homem de arte e o

redator da geração atual já não são mais frustrados. Eles nasceram ouvindo jingles, vendo comerciais, lendo anúncios, compreende? De maneira que a opção pela propaganda é uma opção muito mais consciente, do que foi na nossa época. Eu acho até que há uma tendência exagerada, em favor da propaganda, por um defeito de estrutura brasileira, no que se refere à indústria cultural. Indústria cultural no sentido mais amplo, entende? No seguinte sentido: nós temos de um lado os caras que produzem cultura, o proletariado da cultura - nós, os maquiadores, os iluminadores, o câmera, o pintor de cenário, o tipógrafo, todo mundo que está do lado da produção de cultura. No sentido mais amplo, estou encarando dentro da indústria cultural todos os que produzem alguma coisa que deve ser vista, lida ou ouvida. Do outro lado nós temos o mercado consumidor de cultura. Os caras que compram revistas, jornais, que assistem televisão, que vão ao teatro, ao cinema, entende? Entre o produtor de cultura e o consumidor de cultura, nós temos os canais de distribuição, os veículos. Para os veículos, hoje em dia, é muito mais fácil não comprar cultura aqui, mas trazer de fora. Então você pega revistas de amor, revistas de fotonovelas, histórias em quadrinhos, reportagens sobre assuntos variados, a programação da televisão todinha, programação de rádio, toda a programação de cinema, toda a programação de teatro, toda a programação editorial, publicação de livros, etc. É muito mais fácil pra eles comprar fora do que estimular a produção local. Entende? Produzir cultura no Brasil ainda é um subemprego. Por defeito de estrutura legislativa nossa. Quer dizer, vocês pegam revistas de amor com 100% de contos estrangeiros, Histórias em quadrinhos... Bom, se der 8% de quadrinhos brasileiros é muito! Ilustrações de contos, de reportagens, quanto por cento é brasileiro? E charges? Por exemplo: os jornais hoje estão em má situação no mundo inteiro, principalmente no Brasil, porque de todos os veículos, o jornal é o que mais precisa de produção local. Então, o que acontece? Você tem que escrever muito pra conseguir escrever bem. Não adianta dizer que as escolas não estão formando gente boa. Não é esse o problema. Ou dizer que não interessa desenhista de história em quadrinhos brasileira porque são todos ruins. São ruins porque não têm a recompensa e não têm a oportunidade, em 1º lugar. Este sim é um problema sério. Tem que haver uma modificação na maneira de se encarar a produção cultural. Porque é só da quantidade da produção que nós vamos tirar a qualidade.

HAF - Gostei muito quando você colocou o proletariado da cultura...

Dualibi A indústria cultural, hoje no Brasil, só tem um emprego regular, o de tradutor. O resto é tudo subemprego. Um mercado amplo de consumo e pequeno de produção local.

Ivan - Você acha que o apadrinhamento legal é saída pra isso?

Dualibi - Acho que sim. Eu acho que é preciso forçar, fazer uma lei, enforce the law, entende?

PP - Nós estamos sendo colonizados?

Dualibi - Totalmente. Cada vez mais! E às vezes até com orgulho, entende?

HAF - Na medida em que os órgãos governamentais são os encarregados de regulamentar, eles impõem faculdade, diploma, mas não atentam pras exigências de mercado, vale a pena voltar a recorrer a eles?

Dualibi - Eu acho que vale a pena sempre, sempre. É preciso insistir, é preciso encher o saco, é preciso exigir o cumprimento da lei, é preciso recorrer a quem você puder, desde que você esteja ideologicamente apoiado por números, entende? Acho que não adianta discutir o problema da cultura sem ver a coisa sob o ponto de vista da criação de um mercado de trabalho.

HAF - Vou te dar um dado próximo da gente. Nós achamos que piorou muito a qualidade do material humano de imprensa a partir de certas exigências...

Ivan - Que tipo de exigências?

HAF - A exigência da faculdade gerou na imprensa, por exemplo, distorção brutal nos salários, na qualidade...

Ivan - Você não acha que isso tem mais que ver com padrões de ensino do que propriamente com a idéia de ensino em si?

PP - É aquilo que o Roberto Dualibi já falou: a coisa se forma muito é na prática. E tem uma lei que diz que toda a empresa jornalística precisa ter 2/3 de jornalistas formados. Você está bloqueando a entrada de gente...

Ivan - Eu tenho impressão que tudo isso tem muito mais a ver com a existência, ou de mercado, com o surgimento de um mercado de cultura, que aqui ainda é embrionário.

Dualibi - O mercado existe. Assiste-se a 4 horas de televisão por dia em São Paulo!

Ivan - Mas veja: você está falando de cultura, eu vou falar de novela. Novela hoje é Roque Santeiro, embora não tenha ido ao ar.

Dualibi - Mas estou falando em indústria cultural incluindo a novela, segundo o conceito do Adorno: tudo o que seja produção de alguma coisa.

Ivan - A novela é um fenômeno que se abraçou contra os peyton-places da vida. E leu não estou vendo o cinema nacional ir um furo adiante...

Dualibi - Ah, vai! ah, vai! não tenha dúvida. É da quantidade de pornochanchadas que vai se obter a qualidade de um, de algum... Porque em arte é sempre preciso ter muita coisa pra se tirar uma ou outra. Você precisa ter quantidade pra ter qualidade, não aidnata

Ivan - É uma questão de grau. Eu sou muito mais a favor do incentivo fiscal do que da proteção legal.

Duailibi - O incentivo deve ser colocado pra estimular os canais de distribuição a dar empregos. Porque não adianta só produzir cultura, só dar o incentivo na área de cultura. Incentivo maior é ter emprego e ver seu trabalho publicado. Se você criar incentivo pra os veículos, pros canais de distribuição da cultura... Eu também acho que é na área de incentivo.

Ivan - Mesmo que você esteja obrigando a massa a absorver lixo durante certo tempo.

Duailibi - Mas ela já absorve lixo. Só que é um lixo traduzido, dublado.

HAF - Eu gostaria que a gente chegasse noutra ponta. O José Celso Martinez Corrêa, no início do Ex, fez um debate parecido com o Otto Scherb, da Escola de Propaganda. E o Zé Celso chamou a publicidade de a única cultura; no momento, da realidade brasileira. Porque ela estava, dado o seu crescimento, amassando, não deixando aparecer nenhuma outra. É verdade que há um esmagamento de todos os outros "departamentos" da cultura, a partir do crescimento da publicidade?

LP - Tenho uma pergunta bem dentro desse tema. Houve uma campanha que eu achei memorável, a respeito de meningite. E aí eu questiono a função social da propaganda...

Duailibi - Tivemos a honra de participar dessa campanha, como membros do Conselho Nacional de Propaganda.

LP - ...Um dos anúncios tinha uma foto de uma mãe segurando o filho, e um título mais ou menos assim: evite que essa catástrofe se repita.

HAF - Não deixe que o inverno...

Duailibi - ... de 74 se repita.

LP - Acho que esta campanha deu a entender ao público o que ele seria o único responsável, se houvesse a repetição. E sabemos que as causas da meningite são um certo desamparo social, a subnutrição, a falta de condições de higiene...

Duailibi - Não, pera aí! Você está se referindo a uma peça da campanha, o anúncio em jornais. Ao mesmo tempo havia muito esforço em televisão, havia muito esforço em rádio, entende? E no Brasil foi a primeira experiência real do que estrá se chamando, hoje, de marketing social. Isso é, você cria uma estrutura pra resolver um problema e usa a propaganda como complemento. Sabe que foram vacinadas 11 milhões de pessoas?

Ivan - O problema era mobilizar a população, porque não havia outra maneira de você fazer chegar a vacina até o braço da pessoa.

Duailibi - A campanha foi feita aqui, estou bem por dentro disso.

Ivan - Jamais me ocorreu que essa campanha pretendesse estar jogando culpa na população.

Duailibi - Não, nem de longe. Tanto que 11 milhões de pessoas responderam ao estímulo.

HAF - Eu quero voltar pra essa forma de cultura que é acusada de esmagar as outras. E perguntaria: ela tem uma consciência? ela reflete? ela sabe dessa sua responsabilidade?

Ivan - Olha, essas discussões em torno da propaganda, como se ela fosse uma pessoa jurídica, me incomoda um pouco, eu gosto de botar pingos nos is.

Duailibi - Olha, eu preciso ver um documentário, deve demorar meia hora. Eu volto, tá bom?

(Os outros concordam)

Ivan - O que eu vou dizer está baseado numa certa tecnologia que eu gostaria de definir. Uma delas é que propaganda, pra mim, é uma técnica como outra qualquer. Quando você pergunta se a propaganda tem consciência, eu prefiro dizer o publicitário. Ou, mais ainda, o anunciante - de quem o publicitário é mero instrumento. Quando você fala em esmagamento das outras culturas pela cultura da propaganda, eu diria o seguinte: a minha visão é a de um mercado industrializado ou em industrialização rápida, gerando uma grande quantidade de bens de consumo, que precisam se escoar e portanto ser anunciados. Então, a propaganda não é algo que tenha uma vida própria, independente, e que tenha alguma opção. O publicitário não tem uma opção, inclusive. O publicitário é instrumento do anunciante, que por sua vez, é instrumento de um sistema sócio-econômico, que exige que ele vá buscar consumidores. Com esse tipo de equacionamento pragmático, eu acho que a resposta está quase dada. Se existe um esmagamento - e eu não sei se eu concordo com o termo, porque ele tem sentido pejorativo - eu acho que isso é mero resultado, inevitável, da industrialização. Se isso é bom ou mau, eu acho que é meio inútil discutir, porque você teria que pegar o sistema e fazer outro, baseado no não-consumo, na não-compra, na não-industrialização. Mesmo que você parta para um sistema centralmente planejado, em que a incumbência de jogar bens materiais no mercado seja exclusivamente do Estado, ainda assim este Estado começa a anunciar. Então, daqui a pouco nós vamos estar falando do esmagamento da cultura popular russa pela propaganda. Eles já estão no caminho...

HAF - Você não aceita a propaganda como instituição?

Ivan - Não.

HAF - Então se chega no publicitário...

Ivan - Ah, isso sim! Ok!

HAF - A gente está num nível de papo polido, até muito polido pro meu gosto...

Ivan - Eu estou estranhando que vocês não tenham chegado lá...

HAF - O exército nazista era aquela força nazista! Agora, de ser humano pra ser humano, um soldado desse exército não pode dizer eu matei porque mandaram, certo?

Ivan - A não ser na medida em que fosse uma questão de sobrevivência. Aí, minha vida contra a dele... vamos pensar um pouco. Ainda assim, estatisticamente considerando, é difícil aceitar.

HAF - Então, quando eu falei de consciência, eu procurava a consciência do publicitário. O cara que faz um filme de propaganda sabe que ele está influenciando, servindo a sociedade de consumo? Digamos, por exemplo, que o Jean Manzon adote um estilo de propaganda quando mostra um produto, etc. e tal. Artisticamente, ele está se formando naquela escola. Será que ele pensa que pode influenciar profundamente, dando padrões de qualidade estética?

- Eu vou quase que devolver pro cineasta Jean-mazônico o problema, dizendo o seguinte: 1º, eu não sei o que os outros publicitários acham; eu tenho muita consciência de que estou vendendo guaraná e não preciso oferecer nenhuma desculpa pra isso. Segundo: me irrita um pouco a posição dos publicitários. Eu tive um explosão recente num congresso que houve no Rio. Fiquei uma arara, disse que que nós parecíamos um bando de pessoas num divã, vomitando complexos de culpa. Foi no congresso de anunciantes. Era um mea culpa, e eu disse: "O que diabo, então vamos mudar de profissão!" Quando solicitei um comercial a alguém, que me venda o que for, eu não acho que ele seja obrigado a aceitar. Por isso, eu estou devolvendo a opção.

HAF - Eu concordo com algumas das suas teses, mas eu procuraria a posição do publicitário, a função social da publicidade.

Ivan - É muito simples. A função da propaganda comercial é anunciar visando vender mais, ganhar mais dinheiro, mobilizar consumidores. A função social que ele tem é a que decorre do sistema sócio-econômico, chamado de livre-empresa, se você quiser, ou capitalista. Isso pode chocar algumas pessoas, mas é uma função social extremamente relevante, na

um pouco as barreiras que impeçam o livre funcionamento da economia de mercado. Todo mundo sabe que na sua forma pura, na forma Adam Smith ou Benjamin Franklin, se você quiser, esse não é um sistema que vai conseguir - pelo menos nos prazos que interessam às pessoas que estão vivendo hoje e para os seus descendentes diretos - que nós vamos chegar a algum lugar. As desigualdades, mesmo num país mais essencialmente livre-empresa que é os Estados Unidos, estão aí para provar isso. Precisa de lei de truste, precisa de uma porção de outras coisas, e talvez ainda precise de muito mais. Mas de qualquer forma, enquanto houver um sistema que dependa da mobilização de consumidores pra uma empresa gerar lucro, a propaganda cumpre essa função social. Você não pode ter esse sistema e não ter a propaganda.

HAF - Como você está colocando, eu concordo até o ponto em que você está. Mas eu gostaria de chegar ao ponto que me interessa: o homem atrás da profissão. A propaganda não foi criada pela sociedade de consumo. Se a gente estudar a história da humanidade, vai localizar a propaganda na hora em que o macaco se levantou e disse pro outro: veja eu de pé, eu ando!

Ivan - Perfeito. No momento em que alguém pôde vender alguma coisa, nasceu a propaganda.

HAF - Mesmo que venda uma idéia. O tema me apaixonou, é muito próximo de mim. O publicitário lida com a informação tanto quanto eu, jornalista. Mas toda a vez que a gente conversa, tenta ir mais pro fundo, as pessoas do campo publicitário se colocam do lado em que a profissão é posta a serviço de um objetivo. Assim ela adquire uma coerência bastante ampla. Vou usar o Zé Celso de novo pra te questionar com uma acusação violenta: você não se considera um "filho de Goebbels"? Capaz de se comunicar e persuadir a serviço de coisas anti-humanidade?

Ivan - Olha, não sei... Eu só posso responder por mim. Não, eu não me considero um filho de Goebbels, por duas razões: 1º porque o Goebbels estava vendendo algo que para mim

Paulo: você nunca anunciou as porcarias que um produto tem



medida em que você está solidificando, fortificando e desenvolvendo a economia...

LP - Ai é que está! Eu queria que você definisse função social. Me parece que a propaganda não se volta, no sentido social amplo, vamos dizer, pra toda a população, mesmo que seja a população que consome...

Ivan - Eu vejo 2 sentidos quando você fala em função social. 1º, você está ajudando a sociedade a se desenvolver. Outro sentido seria melhorar as condições de vida das populações pobres. Quando eu digo que a propaganda tem uma função social, eu estou me referendo à função que ela tem como instrumento do sistema sócio-econômico de livre-empresa, de economia, de mercado. Essa economia depende de empresários que mobilizem consumidores para suas marcas. E para isso é preciso que eles se comuniquem com os consumidores potenciais... A propaganda é apenas uma das técnicas utilizada pra isso. Outras são a venda pessoa a pessoa, a promoção de vendas, o uso que se faz da embalagem, os preços, etc. O sistema espera que a geração de lucros contribua, por uma série de desencadeamentos, para o enriquecimento das populações.

LP - Você concorda com isso?

Ivan - Pera aí, vamos chegar lá. Nós sabemos que historicamente essa definição do sistema já está meio desacreditada, já se passou muito tempo, já se passou por Keynes, já se passou por uma porção de gente. Você sabe que a lera precisa ser um pouco domada, você já precisa de certos controles centrais que diluam

não era uma proposta, era uma não-proposta. Eu acho o nazismo uma não-proposta. Em 2º lugar porque eu não estou vendendo, como de certa forma o Goebbels estava vendendo, prum bando de ovelhas. Estou vendendo pra pessoas que têm tanta capacidade quanto eu. O ser humano é ativo, não um absorvedor mecânico de mensagens. Portanto com capacidade de aceitar ou rejeitar aquilo que estou dizendo. Eu tenho uma tese, que não exclui uma possível responsabilidade minha: a propaganda comercial não tem a capacidade que muita gente pensa e que muito publicitário quer fazer crer. Na realidade tem um poder ridículo, pequeno diante do poder de um professor, de um jornalista, de um cineasta, de um padre no púlpito, de um pai, de um amigo, de uma vizinha. Mas só pra argumentar, admitindo que os poderes de persuasão fossem iguais, ainda assim não me considero um Goebbels porque não vendo nada que me envergonhe. Se você disser no entanto, que a minha vida se realiza quando eu consigo vender mais algumas toneladas de sabão em pó, aí não, minha vida não se realiza nisso. Eu tenho outros propósitos. Mas isso é outro problema. Eu admito que alguns produtos sejam inclusive supérfluos.

HAF Mas também sem considerar o supérfluo. Por exemplo: quando sai na imprensa no exterior um anúncio brasileiro dizendo: "Leva a sua poluição pro Brasil", eu acho que a gente entra num problema fundamental da propaganda...

Ivan - Eu acho esse um péssimo anúncio. Uma burrice. Do publicitário e do patrocinador que fez isso. Eu não vi esse negócio. Ficaria morrendo de vergonha se estivesse no exterior e topasse com um anúncio desses. Jamais me ocorreria fazer um anúncio desse tipo.

HAF - Claro. Mas eu queria progredir no tema, gostaria de cobrar mais: é a consciência de quem faz anúncio? E um encadeamento de responsabilidade, não?

LP - Ai eu coloco um adendo: o publicitário deve ter consciência do processo que está conduzindo seu trabalho. Se não ele será um baba-ca. Eu acho que é impossível isolar uma profissão da participação que ela tem na sociedade...

Ivan - Concordo. Concordo.

LP - Eu não faço grande diferença entre o uso social - como se disse no caso meningite - e o uso puramente comercial da propaganda. Acho que eles se misturam e a responsabilidade de no fundo acaba sendo a mesma. Quería insistir: quando você anuncia sabão ou automóvel, você mostra a verdadeira utilidade ou necessidade que esses produtos possam ter pro consumidor?

Ivan - Repito: só posso responder por mim mesmo e eu não consigo dissociar... Se eu estou vendendo sabão em pó ou se eu estou vendendo um produto, eu não me isento de qualquer responsabilidade. Eu assumo a responsabilidade de originar anúncios que vendam até produtos que possam ser encarados como supérfluos. Eu não aceito publicitários que considerem o anúncio como algo desligado da vida, o anúncio desligado do produto. O anúncio está lá para vender um produto e esse produto vai ter determinado efeito na vida de uma pessoa, de uma sociedade. Então ele é responsável pelo que está fazendo. Pode cobrar que ele é.

PP - Então, como é que fica a cabeça do publicitário, como é que ele dorme, anunciando coisas que não podem ser compradas até pela maioria das pessoas que estão sendo cutucadas pela propaganda? Por exemplo, a campanha do "tome 2 copos de leite por dia". Como se não se tomasse leite porque não se quer. Acho isso mais grave do que tudo que foi dito. É aí que a coisa me atrapalha.

Ivan - Ok. A resposta fácil é você dizer que você procura dirigir a veiculação pras pessoas que podem consumir. Inclusive, se você não está fazendo isso você é mau publicitário. É simplista demais você achar que quem tá vendo um televisor não pode comprar um isqueiro, por exemplo. Vamos...

HAF - Mas já existe uma ação anterior, da publicidade, que é fazer o cara comprar um televisor, coisa também supérflua.

Ivan - Mas quem faz comprar a televisão não é o publicitário! São vocês, veículos de comunicação em massa. Você pode botar o Roberto Marinho e o Roberto Civita aqui nessa mesa e cobrar isso deles. Mas isso é a resposta fácil: você procurar dirigir a propaganda. A outra resposta não é tão fácil, porque aí nós vamos cair no plano da filosofia e da ideologia. Quando você aceita uma sociedade de mercado, você está partindo do pressuposto de que a aceleração da venda dos bens de consumo é benéfica pro desenvolvimento dessa sociedade. Isso levando a tesse a um extremo simplista. Mas essa é a tese que está em vigor. E é dentro desse contexto que eu não me sinto com a consciência culpada. Se isso pode ser aperfeiçoado, é um outro problema. Eu acho que isso pode ser aperfeiçoado. Você tem que cobrar a posição das pessoas...

PP - Então, como é que você se coloca, você como ser humano. Esse país tem em potencial, 45 milhões de telespectadores. E brasileiro está comprando televisão na frente da máquina de lavar, da geladeira. E na hora em que compra televisão o cidadão é ganho, atraído para o consumismo. Fica lá espionando anúncio de Maverick, anúncio de não-sei-o-que. Será que o publicitário pensa no castigo que pode ser publicidade-intimação, com parte dos envolvidos por ela nem tendo como se defender da ansia de comprar, possuir? O mesmo vale no caso das cadernetas de poupança. Afinal - em muitos casos - poupar como?

Ivan - Pera aí, mas existem pessoas, talvez não porcentualmente em relação ao total da população brasileira, que têm o que poupar.

PP - Mas a maioria tem?

Ivan - A maioria não tem.

PP - Eu diria que a maioria do pessoal que vê televisão não tem condições de...

Ivan - Então você vai esconder o que existe dessas pessoas?

PP - Você não fica castigado, como eu fico castigado, vendo esse tipo de publicidade?

Ivan - Não, não fico. As pessoas não são marionetes. Eu não estou obrigando as pessoas a fazer, estou propondo que elas façam. As que podem fazer, fazem; as que não podem, não fazem.

PP - As que não podem são castigadas...

HAF - E elas não têm canal de retorno. Elas não podem dizer pra você: "Olha Ivan, pára de me mandar dizer isso porque não adianta".

Ivan - Elas têm um canal de retorno importantíssimo, que é a negativa de fazer. Tá certo? A não-compra. A não-compra é um canal de retorno do dia-a-dia da empresa. E nenhuma empresa se atreve a propor alguma coisa que não seja quantitativamente viável pra ela. Eu tenho um poder extremamente limitado de tentar persuadir alguém a fazer alguma coisa. Enquanto conjunto eu sei que tenho a capacidade de mobilizar um determinado número de pessoas. É claro que tenho, se não, fecha a propaganda. Eu não creio que ela tenha capa-

cidade de mobilizar alguém que não esteja disposto a fazer isso ou aquilo.

PP - E o ser humano sofre lá atrás, por minha culpa?

Ivan - Mas vem cá. Isso não é um problema da propaganda. Ai eu vou passar a bola. Isso é um problema da sociedade de consumo inteiro. Se você não utilizar a propaganda pra isso, você vai precisar ter vendedor de porta em porta.

PP - Eu vou tentar outra colocação. Eu estou trabalhando no O Estado de S. Paulo. Se me mandarem fazer uma matéria, eu vou fazer a minha matéria. Se o copidesque mexer, é mais fácil pra mim, do que pra você, tirar o corpo fora. Não é mais minha matéria.

HAF - Não assina mais!

PP - Eu diria que o comunicador, na área do jornalismo tem mais vantagem que vocês, do ponto de vista do posso dormir. Nós temos mais meios de dizer não, nós podemos fugir mais às tarefas que nos machucam. O redator de publicidade, diante de uma conta que ele não gosta, só tem 2 caminhos: aceita ou vai embora.

Ivan - Ele tem o limite da sobrevivência dele.

HAF - Não sei, talvez na propaganda a regra do jogo seja mais violenta, mais dura.

PP - Porque o publicitário está ligado mesmo à livre-iniciativa. É o lubrificante do sistema...

Ivan - É, eu acho que é. O que me irrita é quando você encontra um publicitário...

PP - (cortando) - Então a coisa fica assim: tem que vender tudo mesmo?

Ivan - Não, um momentinho. Tem limites, calma! Você está transformando a vida em branco e preto. No momento em que você encontra um publicitário que diz que não concorda com o sistema, ele é um brinquedo ou vai embora.

PP - E só tem essa alternativa...

Ivan - Ou então continua ganhando o salário dele...

PP - Fazendo o anúncio?

Ivan - Fazendo o anúncio. O que eu não admito, partir de alguém que tenha feito o colegial, que tenha um QI acima de 110, ou que leia pelo menos um jornal por dia, é que ele não tenha consciência de que o que ele está fazendo é servir o sistema econômico dentro do qual ele vive. Se ele dorme é porque ele acha que está fazendo algo que é válido. Ou então ele é um amorfo, que não tem consciência do que faz. Pra mim, tem muita gente que não tem consciência. Vocês estão num extremo intelectual das pessoas que têm consciência do que estão fazendo. Existe o extremo das pessoas que não têm consciência do que estão fazendo. Deve haver muitos publicitários nesse caso. Eu tenho consciência do que faço. Você vai dizer: você é um apologista do sistema? Eu sou um apologista do sistema até um certo ponto. Agora eu durmo tranquilo porque eu acho que esse sistema é um sistema. Você vai dizer: é um sistema perfeito? Não, eu não conheço sistema perfeito. Aliás, por favor, me indiquem um sistema perfeito, que eu vou ficar muito satisfeito.

PP - Sabe, conversando com publicitários, às vezes esbarro num não-vamos-tocar-nisso...

Ivan - Pode tocar. Eu estou assumindo, eu não sei o que vai sair nesse jornal...

HAF - Você pode ter certeza que vai sair o que a gente falou.

Ivan - Eu estou sabendo o que vocês vão perguntar. Eu sei que vocês não estão interessados em quanto a propaganda vai faturar esse ano, quantas agências existem no Brasil. Não é essa a linha de vocês. Desde o início, eu marquei bem, vocês querem é marcar a responsabilidade do publicitário.

HAF - Nós estamos procurando seres humanos atrás da propaganda. Eu gostaria de dar um tema pra gente discutir. No meio desse mesmo Ex vai sair uma matéria minha (v. caderno central) sobre prisão, sobre cadeia, sobre a violência policial a que eu fui submetido há 1 ano. Foi uma prisão comum, onde um rapaz de 24 anos, preso há 4, durante uma noite tentou debater comigo se ele ia sair pra ser um sujeito útil à sociedade ou não. Ele dizia: "Eu sou de Jundiá, vou sair, volto pra Jundiá, quais são as minhas alternativas: me empregar na Cica, arrumar um trabalho do meu nível, ganhar 800 contos por mês. Ai chego em casa, e na TV tem o cara anunciando Maverick, Campari, whisky, cigarro, mulher bonita e eu sem a menor possibilidade de ter nada daquilo. Como é que você me convence a não botar a mão nas máquinas (máquina é revólver) e ir buscar o meu carro, a minha lousa?" Eu sei que esse é um caso extremo de deformação, certo? Por outro lado, eu vou jogar outro tipo de agressão: o ex-ministro Delfim Neto, em 71, disse o seguinte: "Se tomarmos o risco de construir uma economia em cima de uma bicicleta e pararmos de pedalar, vamos ao chão. Temos que encontrar um mecanismo que mantenha o consumo permanentemente excitado. Temos que encontrar um mecanismo que amplie o repertório de bens e serviços que cada homem quer a cada instante e que amplie de forma violenta. Não importa muito se essa ampliação crie problemas sociais. Os problemas sociais são necessários para a realização do próprio desenvolvimento. O que é importante é que cada um queira mais. Cada vez mais, mais coisas." Ai eu questiono: como é que eu fico? Tanto aquele preso como esse ministro são 2 aberrações, eu acho.

Ivan - Eu acho que você só pode questionar o camarada que participa disso sem concordar com isso. Portanto você não pode me questionar. Eu acredito, com todas as imperfeições, nesse sistema. Vá questionar o hipocritizinho

que fica fazendo discurso político dentro das agências. Esse você pode questionar. Eu gostaria muito que o Duailibi estivesse aqui, porque eu não sei qual é a posição dele. Agora vocês vão fazer o favor de perguntar tudo, exatamente tudo isso aqui pra ele. Eu já disse: eu durmo tranquilo na medida em que qualquer ser humano pode hoje dormir tranquilo. Nós somos parte de um monstro de 4 bilhões de habitantes. E eu acho que nenhum deles, individualmente ou em conjunto, está realmente preparado para administrar esse negócio. Acho que o mundo precisa de um gerente de marketing. O mundo está precisando de gerentes. E não tem havido muitos gerentes.

(Roberto Duailibi volta e retoma o seu lugar)

Ivan - Eu concordo basicamente com esse sistema. Vocês devem ter escolhido o cara errado para entrevistar...

HAF - Eu prefiro que seja você o entrevistado. Eu prefiro as pessoas que assumem as imperfeições até da própria geração, da sua categoria de trabalho...

Duailibi - Eu assumo a minha imperfeição lutando contra as imperfeições maiores.

Ivan - Eu acho que você não sabe o que o espera...

(risos)

Duailibi - Lutando pela maior profissionalização na realização da propaganda. Então, por exemplo, eu acho que é importante que todos nós estejamos conscientes de que a gigantesca maioria do que aparece como propaganda é mal feita. Mal feita porque existe uma instituição chamada anunciante direto que é o amorfo metido a besta, tipo Hemo Virtus, tipo Fábrica de Móveis Brasil, tipo Viennatone, entende? Todos aqueles que acham que podem fazer propaganda sozinhos e degradam toda a atividade publicitária. Porque eles usam as mesmas ferramentas, porém usam mal.

Ivan - A coisa estava mais em baixo, viu?

HAF - A gente teria que fazer uma retomada.

Duailibi - Faz uma retomada pra mim.

Ivan - Vocês foram caminhando, empurrando, empurrando, até me jogar contra a parede no problema da responsabilidade individual. Comece pelo fim.

HAF - Ai nós já chegamos. A minha paixão pelo debate em torno da propaganda nasce dela ter uma função semelhante a do jornalista. Vocês também podiam debater imprensa comigo. Eu estou na mesma posição que vocês: ser responsável pelas distorções da imprensa.

Duailibi - Na minha opinião, na raiz desse ponto de vista, existe um pensamento fascista de ódio à informação, qualquer que seja ela.

HAF - Eu defendo a informação, qualquer que seja ela.

Duailibi - Qualquer que seja ela!

HAF - Então localizamos a raiz da propaganda na informação?

Duailibi - Exatamente.

Ivan - Uma das teses discutidas aqui, é que você agride uma pessoa mostrando a ela coisa que ela não pode ter.

Duailibi - Que elas podem ter. Você está partindo de uma falta de fé fundamental na criatura humana. É uma atitude cruel. Mas pera um pouquinho. O processo de interação social não deixa de considerar primeiro a competição. Os inimigos se conhecem, duas criaturas que estão se vendo pela primeira vez. Depois vem o conflito, onde a competição se resolve; depois a acomodação e depois a assimilação. Isso acontece entre duas criaturas humanas, entre 2 grupos humanos, entre o produto e uma pessoa. Logo, o conflito ou a agressão faz obrigatoriamente parte da informação. Se não houver agressão não há quebra de estrutura, não há informação.

HAF - Eu não sei, mas acho que a informação não precisava ser necessariamente agressiva.

Duailibi - Ela precisa ser necessariamente agressiva. Se não, ela não é informação.

HAF - Então você considera alfabetizar uma agressão?

Duailibi - É uma agressão, sem dúvida! A educação é frustração.

HAF - Só pode ser feita por agressão?

Ivan - Não é que só pode ser, ela é. Você está mudando o status quo.

Duailibi - Ah! a cultura é uma agressão!

Ivan - Qualquer coisa que fuja à tradição é uma agressão. No sentido sociológico...

absolutos, não vai consumir. É uma faixa que consome.

Duailibi - Não vai consumir tudo!

Ivan - Não vai consumir hoje!

Duailibi - É. Não vai consumir tudo e não consumir hoje. Mas certamente vai lutar pra vir a poder consumir...

PP - A energia que você põe, a agressão que você põe é de tal ordem, Roberto, que eu acho que o cara do lado de lá pode até responder no berro, pegar a "máquina".

Duailibi - Olha, tranca isso ai (o gravador), que eu...

HAF - Não! não tranca não!

(o gravador é desligado por uns 2 minutos)

HAF - Eu quero saber é o quê que ele faz.

Qual a reação o imediato dele?

Duailibi - Ele almeja o aburguesamento.

PP - E como é que fica a cabeça do publicitário?

Duailibi - Ele almeja ter seu emprego, poder comprar seu terninho lá em São Miguel e construir sua casa. Que é o que a gigantesca maioria faz.

HAF - Eu queria frizar que nós chegamos com o Ivan, a um ponto claro: você não pode questionar a publicidade como entidade. Mas você pode chegar ao questionamento do indivíduo, do que ele faz. Eu quero saber é o que acontece em quem faz propaganda, no momento em que transmite uma informação pro outro. Eu não sou contra os avanços e as conquistas da humanidade. Mas eu quero saber até que ponto a gente se situa como propagador da informação, das conquistas da humanidade pro outro homem, sem que isso cause, fundamentalmente, distorções gravíssimas no desenvolvimento desse homem?

Duailibi - Eu acho que a ausência da informação causa distorções muito mais graves.

Ivan - Em outras palavras, eu acho que você acredita, como eu acredito, que esse sistema - com todas as imperfeições - seja melhor do que um outro.

Duailibi - Ah, sim.

HAF - Ai eu não sei. Nós vamos pra história da humanidade: você vai me dizer que o mercantilismo inglês era pior do que o capitalismo americano? E eu não sei. O capitalismo americano gerou uma guerra da Indochina...

Duailibi - O exemplo que você pegou é mau, porque ele é meramente contemporâneo. Você tem que pegar um exemplo mais histórico: os caminhos da caravana e os caminhos do comércio. Quer dizer, quais eram aquelas civilizações que se desenvolveram mais, senão aquelas que estavam exatamente no caminho entre 2 pontos de comércio? Foi aquela região do Oriente Médio, numa determinada época, o sul da Europa, noutra. Quer dizer: na hora que você compara civilizações que se desenvolveram ali com as civilizações isoladas: inca, maia, etc, que podiam ser muito boas! Mas que fazia sacrifício humano também. O outro já tinha superado essa fase. Ele preferia fazer guerra, eventualmente, mas não sacrifício humano.

HAF - Mas venha cá, Roberto, eu acho que a gente está fugindo do problema central: a consciência do homem que participa disso. Bom, vem cá, eu queria dizer o seguinte em cima da sua resposta: quando os europeus chegaram ao continente americano, chegaram na região onde hoje se situa o México. Pro povo asteca o ouro não tinha o valor que pro europeu tinha. Você arrasou a cultura asteca no momento em que você deu um valor "X" ao ouro, valor que pra eles não existia. Você não introduziu só uma informação. Com uma informação, você arrebatou uma série de outras informações.

Duailibi - Tá legal!

HAF - Então, eu tou querendo chegar é na consciência da gente no momento em que, talvez, a gente possa estar fazendo isso.

Duailibi - Você tá refletindo exatamente um ponto de vista rural.

HAF - Talvez... Mas você veja que o Brasil tem 108 milhões de habitantes e uma aldeia-global que é apenas 30 milhões. Quem é maior?

Duailibi - Tá legal. Se não existisse essa comunicação, objetivada, provavelmente seria de 5 milhões ou menos. Entende? Há 40 anos atrás, 2% da população brasileira escovava os dentes, porra! É maravilhoso ter cárie, ter a boca desdentada, né?

HAF - Não sei. Índio não tem cárie.

Duailibi - Quem falou que não?

HAF - Eu falo pra você: índio não tem cárie.

Duailibi - Desculpe, mas aí você tá falando com um matogrossense que, porra, ganhava...

HAF - Só tem cárie se você der doce pra ele. Se você der açúcar pra ele.

Duailibi - O índio tá podre, meu filho, em matéria de cárie. Que papo é esse? Em matéria de índio...

HAF - Vamos ficar no asteca? Você não está respeitando uma série de informações e de formações que ele tem, quando você introduz uma informação fundamental que destrói todas as outras. Quer dizer, se você introduzir no Brasil, hoje, a cultura da televisão - em nome de 30 milhões de telespectadores - será que você não está fazendo um crime contra 70 outros milhões de habitantes que não têm a cultura da televisão?

Duailibi - E que anseiam por ela.

HAF - Não sei. Mas você tá respeitando o que ela tem de valor real e justo?

Hamilton: vou usar o Zé Celso, você se considera um "filho de Goebells"?



PP - Roberto, nós estamos tentando chegar no publicitário como homem. Quem é esse profissional? Como é que ele age no nosso mundo?

Duailibi - Olha, eu assumo totalmente essa atividade. Eu assumo essa atividade com o mesmo sentimento de estar realizando um trabalho como o que meu avô tinha, quando pegou sua malinha e saiu pelo interior a fora, mascateando. Quer dizer, ele cumpriu uma função que significou mudanças sociais das mais importantes. Porque ele, com sua malinha, ia quebrar uma estrutura que era fundamentalmente injusta, baseada no isolamento geográfico, no isolamento cultural. No momento que ele abriu a malinha e colocava na frente do colono uma roupinha diferente, uma proposta diferente qualquer, ele estava quebrando uma estrutura, entende? Estrutura que precisa sempre ser quebrada, porque na medida que ela permanece ela faz que também permaneçam as injustiças e as verdadeiras distorções que são oriundas da inatividade, entende? Então, na hora que você oferece pra criaturas humanas o produto do cérebro e do trabalho manual de outras criaturas humanas, você está cumprindo um papel importante. Você está estabelecendo metas pra essas pessoas. Evidentemente, se pode dizer: mas isso pode gerar insatisfações que vão gerar criminalidade.

HAF - Ou até graves distorções sociais...

Duailibi - Mas serão sempre menores que o isolamento cultural.

HAF - Não sei... a tradição cultural de um povo pode ser mudada em nome da agressão?

Duailibi - Você só consegue agressividade pra modificar, agredindo.

HAF - Então, por exemplo, os Villas Boas e o Parque Nacional do Xingu iam pro nada! Porque eles tentam uma aculturação pacífica, sistemática, devagar. Mas veja bem, Duailibi: nós já estávamos num ponto mais corpo-a-corpo e você entrou em tese. E claro, existe agressão.

Duailibi - Aqui na DPZ, a gente sempre diz o seguinte: a boa propaganda é a propaganda controversa. Eu acho que o bom jornalismo é o jornalismo controverso também.

HAF - Mas e ai? E você nisso?

Duailibi - Eu acho que eu estou contribuindo, através da informação, exatamente para vir a corrigir distorções. Mas distorção muito maior é você tentar impedir que as pessoas vanham a saber... Isso é um pensamento católico. A origem do seu pensamento é... totalmente católico.

HAF - Não é. Talvez seja coisa de ateu. Mas vamos deixar pra depois.

LP - Você afirma que seria injusto que, em favor de uma maioria...

Duailibi - Em favor de uma minoria, de uma minoria neurotizada, vamos dizer assim...

LP - Sim... então eu coloco pra você que essa minoria de fato é a maioria, porque para a publicidade quem vale, em termos sociais, são aqueles que consomem. E particularmente quem consome aquilo que vocês anunciam.

Então é fácil ver que a maioria, em termos

Duailibi - Tá legal. Você passou prum campo, que me parece que é o campo do colonialismo.

HAF - Total. Colonialismo total. Sem a menor bandeira vermelha, preta ou branca. Total.

Duailibi - Existem duas teses quanto ao colonialismo. Uma delas explica isso pela contraposição entre os chamados povos rudes, de um lado, e povos gentis, de um outro. O povo gentil era o asteca que ia lá e dava o ouro. E chegava o espanhol, rude, e confundia gentileza com franqueza e matava o outro. Era o indiano que recebeu o inglês...

HAF - Mandava-lhe é pólvora! Que é uma grande informação.

Duailibi - É o indiano que recebia o inglês, dando as boas vindas e o inglês que é reconhecidamente um povo rude, o inglês é de uma grossura fora do comum, matava. Era o índio que recebia o português aqui e era morto. Então, os povos gentis eram sempre esmagados pelos povos rudes. Essa é uma das teses. A outra diz o seguinte: os exércitos coloniais foram sempre chamados pelos colonizados. Havia uma vontade latente de ser colonizado. É a mesma tese mais ou menos da vítima do assassinato que provoca o assassino - que é uma tese mais ou menos recente.

HAF - E bem furada, né?

Duailibi - Não. Essa tese de que o povo colonizado é que buscou o colonizador, por admirá-lo, por achar que ia melhorar de vida, é a velha história do sapo procurando um rei...

HAF - Mas você pode pegar um cara como um grande indianista - o Francisco Meirelles, pai do Apoena Meirelles - que me disse: "Bem, eu sou um cara que tem um problema fundamental na vida, eu civilizo índios. Agora, eu sei que quando eu civilizo índios é pra colocá-los à margem da sociedade do branco. Eu vou morrer com esse problema. Eu coloquei todos os cinta-larga e todos os xavantes do Xingu e todos os cinta-largas de Rondônia à margem da sociedade do branco. "Porque índio em Rondônia é traficante de maconha, traficante de uasca e a índia está na zona de garimpeiros".

Duailibi - Mas pera aí, em Rondônia, meu filho, o branco também está assim. Não vamos idealizar a imagem do branco.

HAF - Então vamos idealizar a imagem dos 30 milhões que estão dentro e dos 70 milhões que estão fora.

Duailibi - A filha do seringueiro branco também vai pra zona. Quer dizer, é um problema muito mais amplo...

HAF - Sei, é que a gente ainda não resolveu o problema do branco. Ai, vamos voltar ao problema do branco e do índio. Ao cara-pálida e ao índio. Nós não resolvemos o problema do cara-pálida e vamos absorvendo o índio. Na medida que cada canal de televisão chega com a mensagem da comunicação em cima de cada um desses 70 milhões que estão de fora, nós estamos colocando aonde? dentro ou na margem?

Duailibi - Pra entrar você tem que passar pela margem. Mantê-los fora, conscientemente, é que eu acho criminoso.

Ivan - Você tá propondo uma segregação.

HAF - Não. Não tou propondo.

Duailibi - Tá sim.

HAF - Estou propondo uma entregação não-agressiva.

Duailibi - Você na África do Sul ia fazer o maior sucesso: ia dizer assim: Ah! vamos deixar os negros pobres e manter a sua cultura.

HAF - Não ia, não ia porque se eu pregasse a integração do negro paulatidamente, pra que ele chegasse ao centro, sem nenhuma agressão a ele, nenhuma discriminação, eu tava fuzilado...

(silêncio)

HAF - ... porque a discriminação na África do Sul é justamente essa que começa da margem.

Duailibi - Se você ouvir a gravação do que você disse e colocar isso na boca de um "boer" é exatamente o que eles dizem: "preservar a cultura do nativo..."

HAF - Não! Eu sou contra zoológico, inclusive o do Parque Nacional do Xingu. Ou você cria condições para que os brancos se absorvam por inteiro, e aí absorvam os índios, ou você vai misturar tudo! Não é pelo ato de civilizar que você integra o selvagem na civilização.

Ivan - Você acha necessário integrar o selvagem?

HAF - Eu acho necessário na medida que a civilização toma o campo do selvagem.

Ivan - Mas você acha que ela devia tomar o campo do selvagem?

HAF - Não sei, basicamente eu acho irreversível. Na medida em que a maioria não é selvagem e a minoria é selvagem. (silêncio) Eu não vou adotar nunca a posição do Hitler: se a minoria é judia, a gente fuzila. Eu não tenho uma posição simplesmente utópica. Eu estou tentando colocar o ideal como um posição concreta.

Ivan - Transportando isso pra o que você chamou dos milhões à margem da sociedade de consumo, você acha que é irreversível, o desenvolvimento dessa sociedade e que a consequência é a necessidade de integrar os que estão à margem?

LP - Alô! Alô! Alô!?

Ivan - Alô do Pontual.

LP - Nós estamos discutindo filosofias há uns 40 minutos. Filosofia...

Ivan e LP - ...ideologias...

LP - Eu queria ver se vocês deixavam claro que quem interessa à propaganda - e daí vai essa amplitude do que seja o sentido social - são apenas as pessoas que podem consumir no momento ou aquelas que venham consumir, pela continuidade do processo social instalado. Eu acho que é nessa idéia que surgiu a pergunta do Paulo: muitas pessoas são atingidas independentemente...

Elas são agredidas, né?

LP - Então eu queria que vocês me respondessem de maneira clara se vocês admitem ou não que a parcela que consome é pequena, se a gente tomar a população em termos maiores?

Duailibi - A minha opinião é a seguinte: eu acho que esse tipo de conclusão não pode nos bloquear no direito de dar a informação comercial para a parcela não consumidora, mas latentemente consumidora.

LP - Ai eu abro um parêntese. Esse latente não vai representar sequer a maioria.

Duailibi - Pera aí, Pontual. Eu acho por exemplo que, enquanto que no Brasil nós aplicamos 5 dólares per capita por ano em propaganda...

LP - Quando se aplica em educação...?

HAF - E em saúde?

Duailibi - Essa é uma boa pergunta. Mas em propaganda a gente se aplica 5 dólares per capita, enquanto que nos EUA aplica-se 140 dólares per capita. Quando no Japão se aplica 100 dólares. Quando na Argentina se aplica 60 dólares.

HAF - São sociedades perfeitãs?

LP - São sociedades diferentes...

Duailibi - Completamente diferentes, mas você não pode negar ao brasileiro o direito de ser atingido pela publicidade. Você não pode recusar às criaturas humanas o direito de serem atingidas pela publicidade. É um ponto de vista muito bloqueante. Na origem disso está uma puta vocação fascista de vocês.

HAF - Não sei... Eu te pergunto, Duailibi, uma sociedade como a americana, que produz guerra, que produz guerras colonialistas ainda, a nível de um século atrás. Que produz os mais altos índices de neurose do mundo...

Duailibi - 4 crianças mortas por mil habitantes, enquanto que nós temos 90.

HAF - Temos 95 em São Paulo! O índice de mortalidade infantil de São Paulo é maior que o do Nordeste, Duailibi. Gerado por quê? por uma propaganda que atrai o povo do Nordeste pra São Paulo, pra se matar!

Duailibi - O cacete!

HAF - O cacete, o quê?

Duailibi - gerado por uma sociedade rural que expulsa da sua terra os caras do Nordeste.

HAF - Gerado por uma sociedade rural que está sendo bombardeada por uma alternativa de propaganda que não lhe oferece realmente alternativa!

Duailibi - O cacete! A sociedade rural não recebe nem 50 centavos de comunicação per capita. O que a mantém no isolamento cultural! O que a mantém na ignorância! O que a mantém na desesperança total!

(batidas na mesa, a cada frase)

HAF - Você não está reconhecendo nenhum valor na sociedade rural...

Duailibi - Porra! não tou mesmo!

HAF - A família nessa sociedade rural...

Duailibi - A família vai pra zona, velho!

HAF - Não vai! Não vai não! O garotote 7 anos é força de trabalho pra família. Em São Paulo ele vai ser trombada, Duailibi!

Duailibi - E a menina vai ser uma força de trabalho pra família. Vai acabar na zona!

HAF - Não! Isso é uma visão sua! Isso é uma visão que você deve assumir. Porque é uma visão sua! A minha visão é que uma família na sociedade rural está mais integrada do que na sociedade urbana.

Duailibi - Isso é apartheid. Você ainda está na África do Sul!

HAF - Eu sou contra a degenerescência que o progresso causa!

Duailibi - Esse tipo de pensamento isolacionista, segregacionista, preconceituoso, católico, eu odeio!

HAF - Eu odeio o despotismo!

Duailibi - Ele é o que tem mantido esse país na merda total!

HAF - Mas que merda maior do que você ver um Maverick anunciado e você não tem o que comer! E você foi obrigado, pelo seu progresso, a comprar uma televisão ao invés de vacinar os filhos!

Duailibi - Se você não dá o instrumento de comunicação que é a televisão, ele não vai saber nem que existe vacina.

HAF - Vou voltar à campanha da meningite, quando você desligou o gravador!

Duailibi - Bom, porque em vez de dizer pro operário comer pão! pro pedreiro comer pão! eles preferem comprar um transistor... Porra! É porque é informação! É tão importante quanto o pão em certos momentos. A briga virou totalmente ideológica.

HAF - O fundamento que você dá é ideológico!

Duailibi - Você está adotando uma posição do... infantilismo socialista (risos) que o Lênin já... porra! pera aí!

HAF - Mas não é verdade.

Duailibi - Ai é um ponto de vista muito trotskista, entende? que realmente não é (mais risos) o... Juro por Deus! Vocês perceberam?

HAF - Juro por Deus, porra. Estamos misturando muita coisa na panela. Você me chamou de cristão e me considera ateu. É engraçado... (gritando) Vai ver que a máxima da minha vó é que tá certa. Os extremos se tocam?

Duailibi - Bom, eu acho que é uma posição do típico infantilismo, essa... É quase romântica a posição de vocês...

HAF - Não, porque a gente procura em cada homem a consciência de cada homem. E a gente não acha que seu lado nazista se justifica por dizer: eu matei porque cumpri ordens. PP - O Roberto! O que eu quero saber é como funciona a mente do publicitário, quando ele põe no ar, ou põe na página do jornal ou da revista, coisas que ele sabe que parte daqueles caras que vão ver aquilo e não consegue comprar. Não falo do Maverick! Estou falando do "tome 2 copos de leite por dia".

Como fica o publicitário com a cabeça dele diante dos 2 copos de leite por dia?

HAF - E eu sou bóia-fria, ganho 25 cruzeiros por dia.

LP - E represento 70% da população...

HAF - E represento 70 milhões que não vêem televisão, ou se viu, viu por acidente.

LP - E mais: você diz que nos somos românticos, sonhadores. Eu acho que acusar a sociedade capitalista de materialista é erro incrível! Por que é a mais sonhadora...

HAF - O, Duailibi, você que é romântico e sonhador! Você é um fabricante de sonhos!

Duailibi - Absolutamente! A minha posição é de oposição a todo bloqueio da informação.

HAF - Então informa o índio de que existe um botão, em algum lugar desse planeta, agora, que pode explodir com ele. E deixe de ser romântico! Ou seja um puta romântico ao informar pros Krenhacarore que é fora da DPZ, é fora da redação do Ex, é fora do Palácio da Alvorada, que existe um botão que acaba com a existência da raça dele pra sempre!

Duailibi - Você é do ponto de vista que o selvagem é feliz.

PP - O que eu compreendi é o seguinte: se entrar na sua agência qualquer conta, pra vender qualquer coisa, você topa!

Duailibi - Não. Nós temos uma atitude ética...

HAF - Mas não é pra informar?

PP - Que ética? Não precisa informar? Você fala em informação muito facilmente, Roberto. Você nunca me informou, num anúncio seu, as porcarias que um produto tem...

HAF - Eu nunca vi um anúncio dizendo que a Komy é um suicídio coletivo, em qualquer acidente de trânsito. Eu nunca vi uma ressalva...

Duailibi - Vocês estão partindo do princípio de que público é imbecil. Que é preciso tutelá-lo.

PP - Vocês só falam bem dos produtos.

Não tem...

Ivan - Claro, só se fala bem do produto...

LP - A propaganda existe pra isso, é natural.

PP - Quero ver um anúncio seu que fale a verdade sobre um produto. Dos 2 lados. Não tem, não existe.

HAF - Eu nunca vi a indústria dizer que o carro brasileiro é o mais caro do mundo. É que o consumidor de carros brasileiros é o menos atendido por garantias, por revisões, por segurança, por uma série de coisas. A publicidade dá a informação global, correta?

PP - Não tem saída. Só pode dar a incorreta...

Ivan - Você pelo menos fornece a opção de escolha para o cidadão que está comprando...

PP - Que opção de escolha é essa se você só fala que este lápis é bom?

Ivan - Quem vai dar a opção é o sistema...

Duailibi - Se você tivesse uma marca só de lápis, tá legal. Mas tem 20 marcas de lápis. Cada vez que ele diz sim a um lápis, ele está dizendo não a 19 marcas.

Ivan - A marca boa vai expulsar a marca ruim.

HAF - Não, porque existe uma pressão econômica que se exerce pela própria publicidade...

Ivan - Vocês subestimam o organismo do mercado...

HAF - Não, não é verdade. Eu faço um jornal que eu acho que, corretamente, ele é mais honesto que O Estado de S. Paulo, mas a regra...

Ivan - É o que você acha...

HAF - É o que eu acho. É o que 30 mil caras que lêem o Ex acham.

Ivan - E 150 mil acham que o Estado é um jornal mais digerível que o seu.

HAF - Não. O poder da sua sociedade...

Ivan - Olha aí a visão totalitária.

HAF - Não, não é igualitária!

Ivan - Foi totalitária que eu falei...

HAF - Não é igualitária também. Ponha os 2 em igualdade de disputa. Por que é que você, como ser humano, não pensa na igualdade de disputa? A Danone tem "x" para lançar um produto no mercado e a Leite-de-Vaca-do-Altoda Lapa não tem. E você apoia a Danone. Pelo potencial econômico da Danone. Você apoia e persuade na medida do poder econômico que cada cliente seu tem pra persuadir. Se você pegar o cliente do Alto da Lapa, com um iogurte melhor que o Danone, ele vai se estrepar no mercado ou não? Quero que você me prove o contrário...

Ivan - Não sei se ele vai.

HAF - Me prove o contrário. Um tem 20 mil cruzeiros pra lançar em publicidade, o outro tem 2...

Ivan - Mas aí você está dando um valor à verba de propaganda...

Duailibi - que ela não tem.

Ivan - ... que a verba conjuga...

HAF - A verba de propaganda, hoje no Brasil, chega aos 2% do Produto Nacional Bruto.

Ivan - Deus quisesse que fosse. É um e pouco por cento. Eu estava rico se fosse 2%.

HAF - E numa sociedade como a sueca, considerada perfeita por comunistas e capitalistas, a verba é igual a do Brasil: 2% do PNB.

Ivan - Você está considerando que vender é um produto exclusivo da propaganda. E não é. É uma conjugação de fatores...

HAF - Então o meu jornal é tão importante quanto o Estadão!

Ivan - Isso é o que você pensa...

HAF - Você disse que é igual. Você disse que é tudo igual.

Ivan - Você tem uma visão altamente imodesta do seu produto.

HAF - Você disse que as coisas são iguais, que as condições são iguais.

Ivan - O que eu quero dizer é o seguinte: não é só a propaganda que vai fazer o produto. É a qualidade do produto, é a qualidade da distribuição...

HAF - Ah, tá legal. Então a qualidade do produto conta quantos por cento?

Ivan - Eu sei lá quanto conta.

HAF - Depende inclusive da categoria do poder econômico do produto...

Duailibi - Você está atribuindo à publicidade...

HAF - ... Um grande poder de mistificação. Ela está me obrigando a comprar Colorado RQ.

Ivan - (ao mesmo tempo que Duailibi) - Você comprou?

HAF - É você testou?

HAF - Você como publicitário, dono da conta, testou? Ele é o televisor do Rei Pelé?

Duailibi - É um televisor tão bom quanto os outros.

HAF - É mentira a partir da primeira afirmação: o rei Pelé não tem RQ em casa. O rei Pelé nem vê televisão. Ou frequente a casa de Pelé como jornalista e nunca vi um RQ.

Duailibi - Tá vendo? É mais um pensamento católico que confunde a realidade com a ficção. Quer dizer: pensar no pecado pra ele é pecado.

HAF - Se a gente quiser, a gente vai sofismar quantas fitas a gente quiser. Mas se a gente quiser entrar no jogo da consciência e tentar ver o que está havendo entre a propaganda e a informação, é outra coisa.

Duailibi - Não, um momento...

Duailibi - Eu gostaria de interromper nesse instante a entrevista...

HAF - Entrou abertamente sofismando

Duailibi - ... e me recusar a responder a qualquer outra pergunta...

HAF - Você não tentou nem saber o que o Ivan já tinha dito. Olha você foi...

Duailibi - Porque o negócio já está completamente...

HAF - Você foi publicitário até na entrada. Você foi o protótipo do publicitário. Desde a hora que você entrou, você só fez sofisma em torno do tema propaganda e nós estávamos num problema muito mais fundamental, de ser humano, pra ser humano.

Duailibi - A entrevista degradingou. O Hamilton está defendendo pontos de vista e não está entrevistando porra nenhuma.

Duailibi - Nem debatendo. Porra, é a primeira entrevista que já vem totalmente carregada de preconceitos e de pontos de vista...

HAF - Não, estou debatendo!

Duailibi - Nem debatendo. Porra, é a primeira entrevista que já vem totalmente carregada de preconceitos e de pontos de vista...

PP - A coisa partiu de mim, o ataque direto foi meu porque você veio com ataques diretos.

HAF - Você nem procurou saber o que foi discutido na hora que você ficou fora daqui. Eu volto a fazer a mesma pergunta que eu fiz ao Ivan, considerando que a publicidade é realmente a grande cultura da minha época. Eu perguntei ao Ivan se os publicitários podem ser acusados de filhos de Goebbels? E aí nós começamos toda uma discussão. Quando você entrou, foi defendendo conceitos.

Ivan - Evidentemente, no fim de tudo, você tem uma posição ideológica, consciente ou não. Eu assumi isso.

HAF - Mas você entrou...

Ivan - Realmente, você...

HAF - ... despejando conceitos, você defendeu a deturpação da informação. Você se situa ao lado da censura, Roberto?

Duailibi - Eu me recuso a continuar dando qualquer resposta, porque acho que a entrevista está carregada de preconceitos.

HAF - Eu acho uma atitude válida.

Duailibi - A entrevista se transformou num monólogo...

HAF - O Roberto está brigando comigo. Eu não faço...

Duailibi - Não, absolutamente. O problema não é esse. Eu acho que a entrevista ficou cansativa e completamente inútil...

Ivan - Não querendo botar palavras na boca do Roberto, eu tenho impressão de que o que aconteceu é que nessa prescrutação da imagem da alma do publicitário, há um momento em que você chega a uma barreira chamada ideologia. Não vamos falar em ideologia política. Vamos falar em ideologia...

HAF - Como sistema de idéias.

Ivan - Como visão do mundo... Então, eu não conheço profundamente o pensamento do Roberto, conheço o meu mais ou menos, parece que você está diante de 2 pessoas que acreditam que a solução do problema sócio-econômico envolve esse tipo de atritos. O que eu não concordo é que por isso eu seja tachado de monstro.

HAF - Bem, mas é informação dizer que a raça ariana é superior?

EX-15

Ivan - Eu não concordo com o Roberto nesse ponto.

PP - A informação é tudo...

HAF - É, a informação é tudo pro bicho homem.

PP - Precisamos da informação. Eu fico confuso quando se coloca a propaganda comercial, como o Roberto colocou, como informação normal, válida.

Ivan - O Roberto é o 1º a concordar que certos anunciantes, produtos e comerciais estariam melhor no lixo.

HAF - Não estamos aqui pra julgar o sistema...

Duailibi - Eu gravei o seu ponto de vista.

HAF - É muito fácil manipular a informação. Nós que trabalhamos com jornalismo e com publicidade sabemos disso. Você pode dizer que sabão em pó é bom, mas evita dizer que estraga a mão, certo? E a omissão de você dizer que a Komby é um veículo perigoso, se conduzido a mais de 80 por hora? Essa omissão é grave, ou não é? Vamos cair na ética?

PP - Nos países que têm código de ética pra publicidade. Como é que é?

Ivan - Eu acabei de receber um pacote, com tudo que existe de importante sobre o problema de ética, de legislação de todos os principais países europeus, mais alguma coisa dos EUA. Eu dei uma olhada, mas já conheço muita coisa porque trabalho numa multinacional, viajo constantemente pra Europa. O que eu tenho notado é que nesses países, na medida em que a consciência desses problemas se difunde, os códigos têm criado condições, ou para que certos produtos não possam mais ser fabricados ou para que certos anúncios não possam mais ser feitos. Eu não acho que você resolva o problema impedindo que certos anúncios que certos produtos sejam fabricados. Porque se não você tem uma empresa que não consegue sobreviver. E nesse tipo de sistema, a empresa é o que faz o sistema funcionar. Agora, eu me recuso a ver a coisa fotograficamente. Eu gosto de ver dinamicamente. É eu noto uma evolução! Quando nós vamos chegar na perfeição, eu não sei, provavelmente jamais vamos chegar.

HAF - Ah, tá legal. Então a qualidade do produto conta quantos por cento?

Ivan - Eu sei lá quanto conta.

HAF - Entre economia, poder econômico, qualidade do produto e difusão do produto. Quanto conta o que?

Ivan - De repente inclusive da categoria do produto, porra.

HAF - Depende da categoria do produto, do poder econômico do produto...

Duailibi - Você está atribuindo à publicidade...

HAF - ...Um grande poder de mistificação. Ela está me obrigando a comprar Colorado RQ.

Ivan - (ao mesmo tempo que Duailibi) - Você comprou?

HAF - E você testou?

Ivan - Você comprou?

HAF - Você como publicitário, dono da conta, testou? Ele é o televisor do Rei Pelé?

Duailibi - É um televisor tão bom quanto os outros.

HAF - É mentira a partir da primeira afirmação: o rei Pelé não tem RQ em casa. O rei Pelé nem vê televisão. Eu frequentei a casa do Pelé como jornalista e nunca vi um RQ.

Duailibi - Tá vendo? É mais um pensamento católico que confunde a realidade com a ficção. Quer dizer: pensar no pecado pra ele é pecado.

HAF - Se a gente quiser, a gente vai sofismar quantas fitas a gente quiser. Mas se a gente quiser entrar ano jogo da consciência e tentar ver o que está havendo entre a propaganda e a informação, é outra coisa.

Duailibi - Não, um momento...

HAF - Você entrou sofismando, Roberto.

Duailibi - Eu gostaria de interromper nesse instante a entrevista...

HAF - Entrou abertamente sofismando.

Duailibi - ... e me recusar a responder a qualquer outra pergunta...

HAF - Você não tentou nem saber o que o Ivan já tinha dito. Olha você foi...

Duailibi - Porque o negócio já está completamente...

HAF - Você foi publicitário até na entrada. Você foi o protótipo do publicitário. Desde a hora que você entrou, você só fez sofisma em torno do tema propaganda e nós estávamos num problema muito mais fundamental, de ser humano, pra ser humano.

Duailibi - A entrevista degingolou. O Hamilton está defendendo pontos de vista e não está entrevistando porra nenhuma.

HAF - Não, estou debatendo!

Duailibi - Nem debatendo. Porra; é a primeira entrevista que já vem totalmente carregada de preconceitos e de pontos de vista...

PP - A coisa partiu de mim, o ataque direto foi meu porque você veio com ataques diretos.

HAF - Você nem procurou saber o que foi discutido na hora que você ficou fora daqui. Eu volto a fazer a mesma pergunta que eu fiz ao Ivan, considerando que a publicidade é realmente a grande cultura da minha época.

Eu perguntei ao Ivan se os publicitários podem ser acusados de filhos de Goebells? E aí nós começamos toda uma discussão. Quando você entrou, foi defendendo conceitos.

Ivan - Evidentemente, no fim de tudo, você tem uma posição ideológica, consciente ou não. Eu assumi isso.

HAF - Mas você entrou...

Ivan - Realmente, você...

HAF - ... despejando conceitos, você defendeu a deturpação da informação. Você se situa ao lado da censura, Roberto?

Duailibi - Eu me recuso a continuar dando qualquer resposta, porque acho que a entrevista está carregada de preconceitos.

HAF - Eu acho uma atitude válida.

Duailibi - A entrevista se transformou num monólogo...

HAF - Mas, a publicidade, dentro da sociedade de consumo e diante das regras da sociedade de consumo é educativa ou agressiva?

Ivan - Eu acho que ela é necessária.

HAF - Bem... há muitos males necessários.

Ivan - Eu repito que ela é uma consequência inevitável desse tipo de sistema.

HAF - Mas ela é mais educativa ou mais agressiva, desagregadora?

Ivan - Eu acho que na medida em que o sistema é mais positivo do que negativo, ela - como consequência - é mais positiva do que negativa. Agora, presume-se, o sistema todo vive da crença que - volta a ideologia - que essa insatisfação é um impulso a uma ação. Veja bem que a meta, a meta toda que o sistema apresenta é que é muito bom o sujeito enriquecer, ganhar dinheiro, ter uma vida de conforto material. No tempo em que o Marx escreveu sobre a condição de vida dos operários em Londres, as crianças trabalhavam 14 horas por dia. E hoje os adultos trabalham 6.

HAF - Aonde?

Ivan - Em alguns países.

HAF - Não aqui, né?

Ivan - Não, aqui não! Claro!

HAF - Agora eu vou te perguntar uma coisa: os conceitos que vocês adotam, que são conceitos de sociedades muito mais desenvolvidas do que a brasileira, são plenamente aplicáveis numa sociedade como a brasileira?

Ivan - Os conceitos sim. Alguns produtos talvez não.

HAF - Mas quando você fala em 6 horas, você está na sociedade americana.

Ivan - Eu acho que o próprio sistema se encarrega de eliminar isso. Faz parte do sistema um certo tipo de contestação - eu não digo só contestação política - eu digo contestação do consumidor, a tomada de consciência do próprio publicitário. Há 5 anos ninguém estava se preocupando com código de ética!

HAF - Mas não é muita violência? E a consciência onde fica?

Ivan - Por isso que o Roberto não quis mais falar. Porque você chega num momento em que você tem 2 opções ideológicas...

HAF - Não, mas eu não quero 2, eu quero mais. Eu quero 4, 5, 6.

Ivan - Ah, bom. Então eu não consigo enxergar... Você está colocando a coisa assim: tenha consciência. Eu tenho consciência, logo eu mudo.

HAF - Claro, eu tenho consciência, logo eu mudo. Se eu sou um soldado nazista, num pelotão de fuzilamento, eu não atiro. Pera aí, pera aí. Não vai mudar nada na hora em que a gente desliga o gravador. Mas a consciência que diz para não se gravar isso é muito estúpido, né? Vamos gravar isso, vamos brigar! Porque se não a gente faz nada. É o imobilismo que você falou.

Duailibi - É, agora eu fico preocupado inclusive com a manipulação da informação no seguinte sentido: eu gostaria de ver, ah... se as minhas palavras não serão deturpadas, ou usadas a partir dos preconceitos de vocês.

HAF - Não, nunca serão. Há um princípio de honestidade da imprensa marginal, que não é respeitada pela imprensa oficial. Nós vamos tirar o que tiver na fita e não vamos manipular.

PP - E até chato você pensar nisso...

Duailibi - Não, eu não acho chato. Acho até realista pensar nisso.

HAF - Pra sua realidade, não pra minha.

Duailibi - Olha, até prova em contrário eu penso assim.

HAF - Então você espera. Seja um cara otimista.

Duailibi - Muito bom, ok. Olha, queridos amigos, são 11 e 15 da noite. E começamos pelas 7...

Ivan - Eu vou dormir tranquilo. (risos)

HAF - Eu acho que a gente devia chegar a coisas mais importantes no tocante à publicidade, no tocante à sociedade, no tocante à informação, no tocante ao papel do jornalista. Vocês deviam ter questionado de volta... Eu acho importante até vocês questionarem a validade da gente estar fazendo um debate. E que terceiros tirassem uma quarta posição.

Duailibi - Todo o debate, cujas conclusões ser manipuladas por um dos...

HAF - Não, nós podemos manipular conjuntamente. Vamos combinar aqui, agora, porque é jogo aberto!

Duailibi - Isso é uma boa. Eu gostaria... vamos marcar desde já.

HAF - Vamos copidescar junto, mas vamos prosseguir o debate. Vamos aprofundar o debate. E vamos assinar: aqui está o resultado deste encontro.

Duailibi - Tá legal.

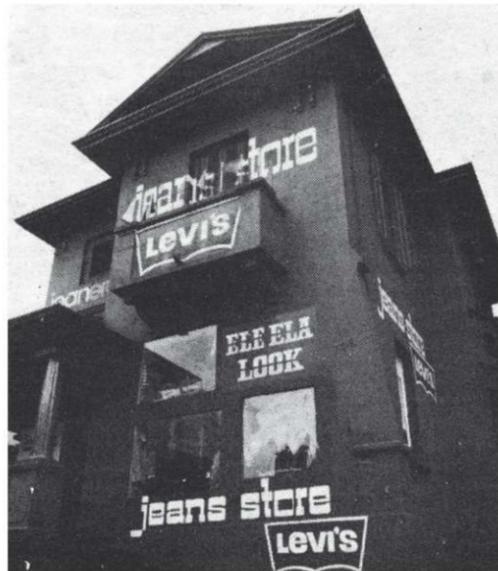
HAF - Sabe, isso é muito romântico. Mas numa sociedade como a nossa, com os problemas que nós temos, realmente a acusação de romantismo pesa mais que a de fascista. Porque o romântico é aquele que não quer que a coisa vá pro diabo. E o fascista é aquele que acha que não tem outro jeito.

Enquanto isso, em Nova York...

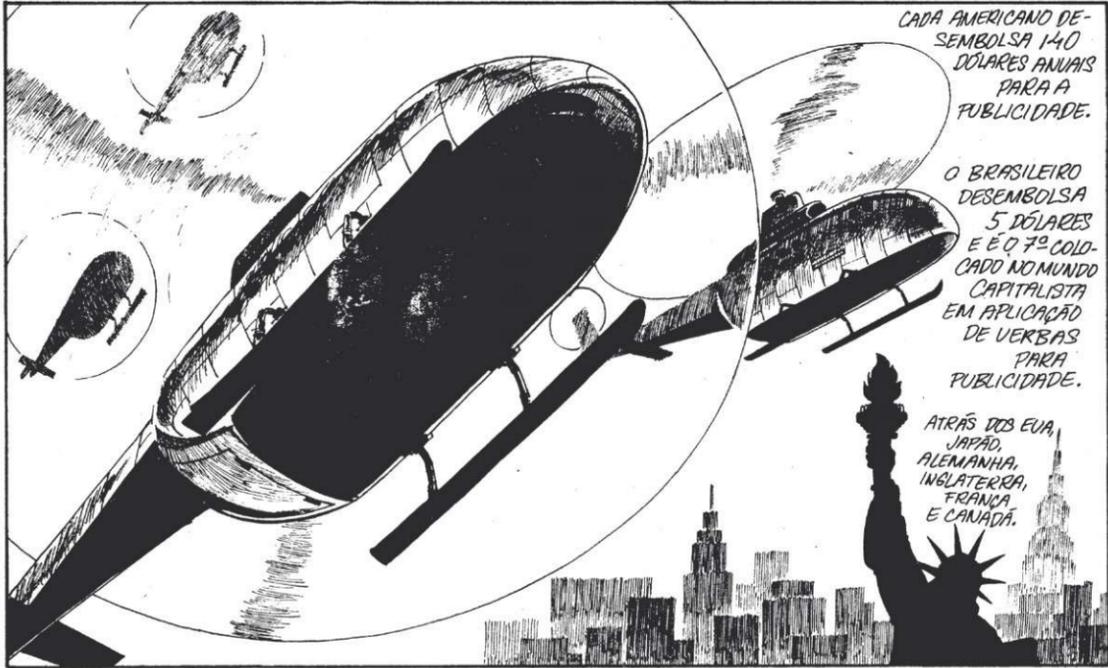
“Viver bem é a melhor vingança.”

Vista uma roupa do Jeans Store e fique muito à vontade para interpretar a frase como quiser.

(G. Murphy.)



São Paulo: Alameda Lorena, 718 - Rua Iguatemi, 455 - Alameda Jaú, 1423 - Rua Maria Antônia, 116 - Rua Princesa Isabel, 235 (Brooklin) - Shopping Center Continental (Osasco).
Rio: Rua Santa Clara, 50 (Copacabana) - Rua Visconde de Pirajá, 82 (Ipanema)



CADA AMERICANO DESEMBOUSA 140 DÓLARES ANUAIS PARA A PUBLICIDADE.

O BRASILEIRO DESEMBOUSA 5 DÓLARES E É O 7º COLADO NO MUNDO CAPITALISTA EM APLICAÇÃO DE VERBAS PARA PUBLICIDADE.

ATRÁS DOS EUA, JAPÃO, ALEMANHA, INGLATERRA, FRANÇA E CANADÁ.



Somos simples agentes, Bill. É a nossa 31ª missão, mas nossa mensagem está em 150 países.

SÃO TAMBÉM AMERICANOS OS MAIORES FINANCIADORES DOS NOSSOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: O CAMPEÃO DE AUDIÊNCIA EM 1974 FOI A GESSY-LEVER, QUE PAGOU 70 MILHÕES DE CRUZEIROS PARA ISSO. EM 2º LUGAR, A SOUZA CRUZ (AMERICAN E BRITISH TOBACCO), COM 62 MILHÕES.



Somos livres para fazer o que quisermos com o dinheiro. Nossa liberdade vai até onde acaba a dos outros, Bill!

Yeah! mas não se esqueça, nunca, que a liberdade tem três preços: Flip-Top, Super-Longos e King-Size. he! he!



A PHILIP MORRIS ERA A 10ª EMPRESA CIGARREIRA DOS EUA, ATÉ LANÇAR O MARLBORO. AGORA SÓ ESTÁ ATRÁS DA AMERICAN TOBACCO. NO ANO PASSADO VENDEU 130 BILHÕES DE CIGARROS, 32 PARA CADA SER HUMANO! VISSO, FATUROU US\$ 3 BILHÕES, QUASE 1/20 DO NOSSO PNB. PARA LANÇAR MARLBORO, A AGÊNCIA AMERICANA LEO BURNETT COMPROU A BRASILEIRA CINI, DE SÃO PAULO.

A INTENÇÃO DA LEO BURNETT ERA LANÇAR MARLBORO 1º EM CURITIBA, PARA UM PRÉ-TESTE DE 3 MESES. MAS O RETORNO IMEDIATO DE CAPITAL "ERA FUNDAMENTAL" PARA O CLIENTE. ENTÃO MARLBORO INICIADU LOGO O PARANÁ, SÃO PAULO E RIO DE UMA VEZ!



Por ali, mister, o senhor pegue ali à direita, e depois tudo à direita!

Muchas gracias, señor!

A CAMPANHA VEIO PRONTA DA MATRIZ: FILMES, FOTOS, O OLHAR IMPEDIDO DO TEXANO. ATÉ O CAVALO!



Bem-vindos! sou o Big Boy, já os esperava. sinto que não posso sequer descansar, rapazes. A 1ª missão já se faz esperar. Mas tenho certeza de que vocês no fundo vão se divertir!



MESAS ANTES DO LANÇAMENTO, A SOUZA CRUZ TRANSFORMOU O "PARIZONA" NO "LUGAR ONDE OS HOMENS SE ENCONTRAM" PARA PREJUDICAR A IMAGEM DE MARLBORO (PARIZONA CUSTA C/4 2,50, CIGARRO DE FOSFÓ).

Você me obrigou a fazer isso, rapaz!



80% do mercado estavam nas mãos deles...



Índio diz: não tem nada com a história...



Um índio aqui? Big Boy pensou mesmo em tudo!



Oooh! é... é como no cinema de verdade!



DE TODOS OS MEIOS UTILIZADOS, SÓ O RÁDIO FICOU DE FORA. ATÉ A CHEGADA DA TELEVISÃO EM 1950, O RÁDIO RECEBIA 46% DAS VERBAS DE PUBLICIDADE. A TELEVISÃO JÁ RECEBE HOJE QUASE 50%, ATINGINDO 35 MILHÕES DE BRASILEIROS.

Estamos em desvantagem! Chame reforços especiais, Bill!



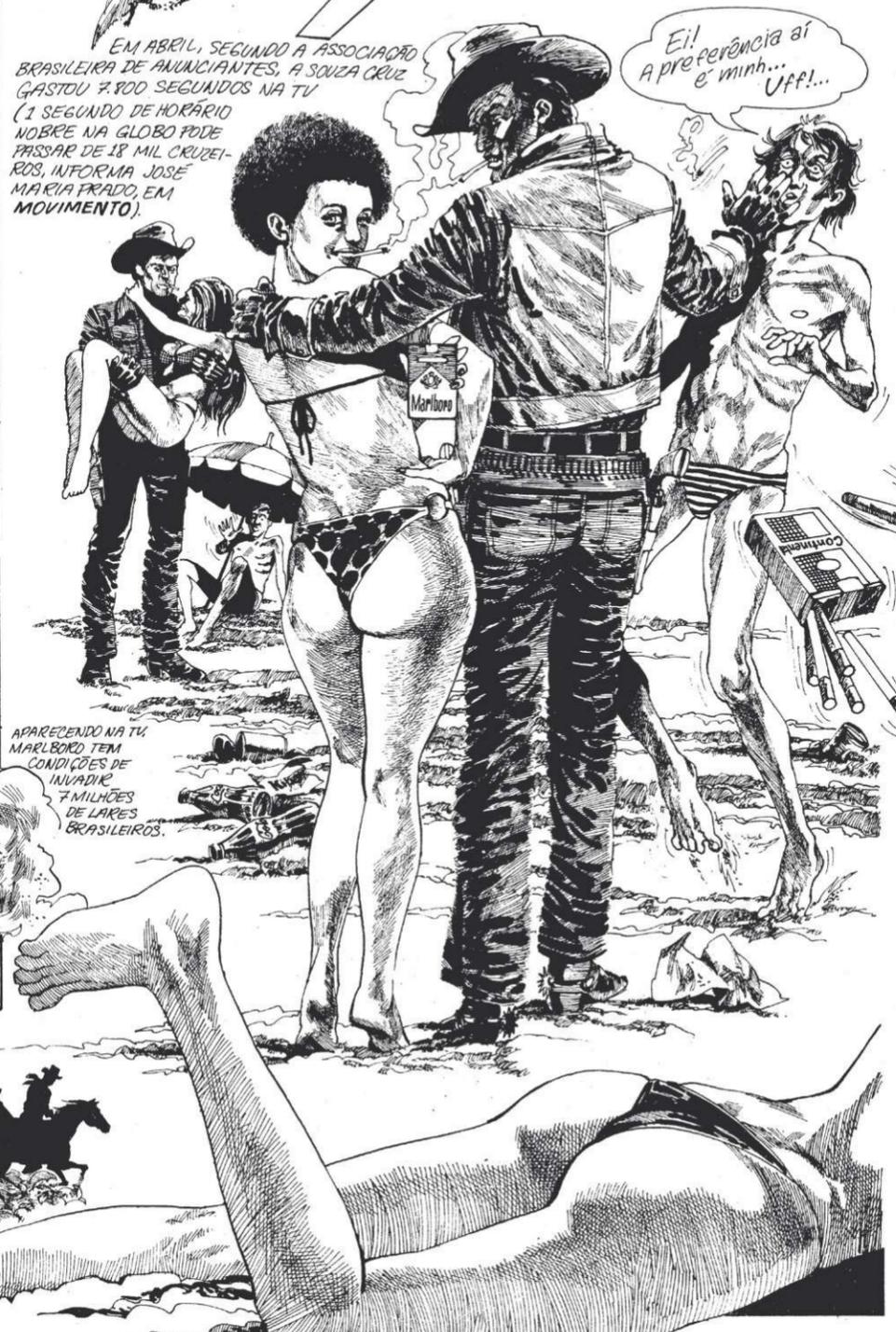
E O RÁDIO, OUVIDO POR 80 MILHÕES, ACABOU REDUZIDO A 10% DA GRAMA DA PUBLICIDADE.



AS VERBAS DA SOUZA CRUZ SÃO ADMINISTRADAS POR 3 AGÊNCIAS ESTRANGEIRAS: A THOMPSON (3ª MAIOR DO PAÍS); A MAURO SALLES (QUE TEM CAPITAL BRASILEIRO ASSOCIADO); E A GRANT. A BRASILEIRA DPZ TAMBÉM TEM UMA PARTE DA CONTA.



O OBJETIVO DE MARLBORO É O HOMEM. DAS CLASSES A E B, O GRANFINO E O CLASSE-MÉDIA COM ALGUM DINHEIRO.



EM ABRIL, SEGUNDO A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANUNCIANTES, A SOUZA CRUZ GASTOU 7.000 SEGUNDOS NA TV (1 SEGUNDO DE HORÁRIO NOBRE NA GLOBO PODE PASSAR DE 18 MIL CRUZÉIROS, INFORMA JOSÉ MARIA FRADO, EM MOVIMENTO).

Ei! A preferência aí é minha... Uff!...



Meu senhor!... o senhor não pode invadir meu lar assim! Sou um cidadão que sabe o que quer!



Sou de boa paz, forasteiro... Sinta o sabor da minha mensagem!



Humm... Very good, bom mesmo!

APARECENDO NA TV, MARLBORO TEM CONDIÇÕES DE INVADIR 7 MILHÕES DE LARES BRASILEIROS.

MAS, AO CUSTO DO SEGUNDO ELETRÔNICO, SÓ MESMO EMPRESAS MUITO PODEROSAS TEM CARVÃO PARA ACENDER SEU APETITE PARA O SUPERFLUO. CIGARRO É UM EXEMPLO; TAL COMO A PROPAGANDA JÁ TE CONVENCEU DE QUE COCA-COLA É QUE É (E VOCÊ NEM SABE DO QUE É), AGORA VAI PROVAR QUE QUEM FUMA É MAIS LIVRE E VIVIDO, PRINCIPALMENTE SE FOR MARLBORO.



QUANDO **Marlboro** CHEGOU, A SOUZA CRUZ TINHA 80% DO MERCADO:

- 1º **CONTINENTAL** - 70 MILHÕES DE MAÇOS POR MÊS
- 2º **HOLLYWOOD** - 50 MILHÕES DE MAÇOS APROXIMADAMENTE POR MÊS
- 3º **MINISTER** - 50 MILHÕES DE MAÇOS APROXIMADAMENTE POR MÊS

A **PHILIP MORRIS INC.** TINHA APENAS 7% DO MERCADO. AGORA QUE CHEGOU O BONITÃO, O ENVIADO DA TERRA DA AVENTURA E LIBERDADE, A **PHILIP MORRIS** JÁ SE APROXIMA DOS 15%.

MISSÃO CUMPRIDA.

ATENÇÃO: O MINISTÉRIO DA SAÚDE DETERMINOU QUE FUMAR É PERIGOSO PARA SUA SAÚDE*

Marlboro

THE END

JAMME LEÃO - 75

* Nos EUA é obrigatório constar este aviso em maços e propagandas de cigarros.

APRÃO

DEPOIMENTO-REPORTAGEM

"A gente precisa ser artista pra ver o tempo passar".
(Frase de Azul, pintor do pavilhão 2)
"Quem inventa o trabalho não tinha o que fazer!"
(De Aparício Briqueroff Torely, "Barão de Itatara", fundador do jornal "A Manhã", 1926.)

Vou lhes falar da manha, da arte da dissimulação e do desacato alegre, barato, da catimba e da investigação. Tudo como uma imensa dança, um ritual inventado pelo oprimido para sobreviver, ser mais criativo que o opressor. Como se a realidade fosse um imenso jogo de caqueira, onde também quem desloca recebe e quem pede tem preferência. Quantos somos? Somos muitos os presos nesse jogo. Irmãozinhos presos. Vou lhes prestar um depoimento espontâneo sobre a manha, os ratos, a prisão, a cadeia, a vida, enfim. Vou reportar histórias porque estive lá e quero falar sobre o que aconteceu. Se ainda sou um número preso no Arquivo Morto da Casa de Detenção de São Paulo, o meu papel de preso terminou. Todos os 5 presos do Teatro Oficina (em 20/04/74) foram absolvidos. Já voltaram a cena, em toda parte.

Somos todos literatos! Chega mais. Um gesto, um passar de mão pela testa, a mão estendida vai se fechando, de lá pra cá, da esquerda pra direita. A mimica pra se conversar em silêncio! Vamos trocar-ídeias! Tudo num convite de mão. Manha, de quem não chora não mama. Somos todos manhosos. Brasileiros, inteiros. Na mistura da raça, no fato do índio ter-se negado a ser escravo. De novo Oswald de Andrade - "Tupi or not tupi?" Os tupis lutaram em duas frentes, se misturando no sangue dos novos habitantes e guerreando sabendo que iam perder.

Chega mais. Um gesto, um passar de mão pra ser escravo, vir ensinar a sobrevivência debaixo da opressão. O negro, último e definitivo elemento de composição da raça, dita brasileira. Mestiços. Eu e você. Os que virão. Em qualquer campo. Mas principalmente em campo. Uma seleção brasileira do Brasil todo. A bola presa. O futebol de cadeia. Como quando a linha direita do povo batia com a prole para mostrar à massa de agora, atordada, que apanha da vida sem saber de quem, a grandeza da arte do oprimido: artistas, valentes, dançarinos, maliciosos, manhosos, finos e implacáveis. Somos todos presos comuns. Bunda, Bola, Buxixo! Pá, pá e pá! A gíria, a língua da baixa sociedade, a malícia, o segredo. O falar com os dedos e a mão, num alfabeto próprio (não o do surdo-mudo). Quando preciso, falar até com as duas mãos ao mesmo tempo, sem olhar na direção da mensagem. E muita manha!

Quando a vida se torna um jogo de xadrez: "Não há segredo, tudo se sabe. O boca-a-boca mais infernal que eu já vi. Ninguém confia em ninguém. A gente tem que ter um alibi para uma situação que ainda não foi criada; e uma resposta para uma pergunta que ainda não foi feita". Você é só, mas nunca estará sozinho, combinado? Pra mim, tortura foi o simples fato de ficar preso 93 dias para ser julgado inocente! Se sente o cheiro dos ratos no ar, na vida da gente. Os ratos estavam rondando. Todo mundo sabia, sentia. Somos todos jovens criados sob o medo da polícia. Ódio e medo. Exatamente no sábado anterior, 8 dias antes, eles tinham prendido o Henricão (Henrique Numbung, ator, "Gracias Señor", "As Três Irmãs"), no Teatro Municipal, SP. Ele estava vendendo alguns posters (do tamanho deste) onde Richard Nixon aparecia vestido de prisioneiro numa montagem brasileira, produção gráfica da Comunidade Oficina-Samba, hoje em Portugal), durante o espetáculo de criação coletiva do inglês Bob Wilson. Henricão ficou guardado 3 dias. Quando um data-viagem, um advogado amigo antigo do Teatro Oficina, tomou 2,5 mil para soltá-lo do DOPS.

Sujeira! Pintou sujeira, vagabundo passa a mão com os dedos virados para dentro na altura do peito, na camisa, assim como que polindo as unhas. Quer dizer: sujeira! Tem dedo-duro na parada, entregação. Sai todo mundo desbaratinando devagar, como no samba do Cláudio Vieira, ex-Bandido Mascarado, puxando 10 anos secos, irmãozinho do 302, na "Casa da Banha". Esse samba, "Cabo Verde", tá gravado pelo Cláudio, em filme sonoro da TV Cultura, documentário sobre a Casa de Detenção, feito pela repórter Ana Maria Cavalcanti. Cabo Verde era um traficante, vítima do Esquadrão da Morte. Sua morte está narrada no livro "Mato Mortes", de Percival de Souza: "Dia 29/12/69: João Aniceto, o Cabo Verde, é assassinado às margens da estrada (...). Seu corpo apresentava 16 perfurações à bala". E muita manha ouviu o Cláudio cantar:

"Boca calada não entra formiga
Boca calada não entra formiga
Fui saindo do local
Desbaratinando e devagar". (bis)
Cláudio, o Mascarado, quem é quem? Preto, inteligente, malandro, Cláudio é "cobra criada", que pegou mais de 70 anos de sentença, por ter assaltado e hierarizado algumas vítimas, sexo, sacat! Mas que sozinho, lá de dentro, em 10 anos aprendeu a manha, sabe viver sua vida. De revisão em revisão, já fez a pena cair para menos da metade e tá na bica para pegar uma "Colônia" - ir tirar o resto da cadeia num Instituto Penal Agrícola (Bauracou S. José do Rio Preto). Um dia, num papo, o Cláudio me ofereceu um cigarro, descansou o violão na joga (seu beliche era o debaixo) e me perguntou:
- Como é que vai ser lá fora?

Eu respondi pra ele:

- Pra qualquer lado que você se virar e andar em linha reta, você será um estranho! Não sei, não sei não! É de novo aquela história de Crime e Castigo. O que é que marca, que fica na gente, não nas ruas, na vida da gente? É difícil não encarar o tempo como um adversário, embora tenha sido a sua regularidade, o nascer do sol, das estrelas, as diferentes estações do ano, que levaram o homem ao conceito de lei e ordem e fizeram com que produzisse o que de mais belo existe em arte, grande parte de sua religião e toda a sua ciência".

Quem disse isso foi Arthur Clarke, esse humanista incorrigível de "2001", no livro "Perfil do Futuro", que li durante as minhas funções de - como disse Percival de Souza - "estagiário da baixa sociedade". Antes de ser preso, eu morava numa casa na Lapa, eram os 8 incluindo flutuantes, eventuais, bodes. As paredes tabicadas, as pessoas marcadas. Tô pra ver ainda coisa pior do que a paranoia da segunda metade do Governo Médici. O beco sem saída era total. Tudo destruído, tudo arrasado pra falar culturalmente apenas. Até a Copa do Mundo viveu seu ciclo de glória e fracasso. Que zebra! O pouco que se fez em teatro, imprensa, música, comunicação, quase que se pode resumir na posição de alguns remanescentes que se julgam mártires equipes de jornais divididas, idas e voltas de diretores ao teatro, a TV e a definitiva tomada do poder pelo "Cinema Novo". Via Gláuber e Embratel, é claro. Via satélite porque ninguém é de ferro! Tudo se resume de Roma, mais ou menos assim: "Ora, Roberto Faria está na Embráfílm por causa do cinema novo e a distensão entre o cinema novo e o governo começou com minhas declarações em Visão de março de 1974; se o Ford pode distender com o Breznev porque eu não posso distender com o Geisel, ainda mais que ele não é Ford e eu não sou Breznev!" Li na Crítica, número 55, agosto desse ano.

De Médici a Gláuber Rocha foi uma viagem! Eu assisti a entrada do Governo Médici de camarote, da Amazônia, Fazenda Realidade-Amazônia (Outubro de 71), e vivendo o clima de delírio: futebol e desenvolvimento, em todos os momentos. "Foi a nossa mais longa e apaixonante reportagem", como escreveu o editor da edição especial, Raimundo Pereira, na carta que abre a revista e que o Sr. Vitor Civita assinou. Palavra da Abri! A Realidade deu um lucro de 2,5 milhões de cruzeiros, a tiragem de 250 mil exemplares esgotou em 10 dias. Uma grande aventura da imprensa oficial, censurada já fazia 3 anos, desde dezembro de 68. Só eu, como editor-assistente, fiquei 6 meses na Amazônia Oriental, de Manaus pra lá, pra cima e pra baixo. Fiz também uma capa de Veja ("Os Dias da Criação"), onde a imagem dessa Amazônia abandonada de hoje, é mostrada sem qualquer delírio mentiroso daquela época. Entrevistei o Coronel Aloysius Weber, ex-comandante do 5º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), de Porto Velho - hoje ele está na Rede Ferroviária Federal, e chamado do Presidente Geisel.

Estive com o Coronel Moraes Rego, ex-comandante da Fronteira do Solimões enconestado em Tabatinga. Onde o Brasil se encontra com o Peru e a Colômbia, ao lado da cidade de Letícia. Uma verdadeira Macondo de García Marquez. Lá mora Milk e Tisallkít, um grego americano, contrabandista triplo-multinacional, exportador de peles e animais da Amazônia. Por 3 dias visitei o Coronel Moraes Rego, conversamos sobre a fronteira, a Amazônia brasileira, Amazônia Internacional, Peru e Colômbia, Brasil, enfim. No ano de 71, o Coronel Moraes Rego já falava com muita firmeza sobre tudo isso. Hoje ele é secretário particular do Presidente Geisel.

Uma viagem até aqui! Conheci Zé Celso, o Oficina, depois de voltar da Amazônia. Era editor da revista "Bondinho", junto com Sérgio de Souza, Narciso Kalili, Gabriel Romero, George Love, Cláudia Andujari, Mylton Severino, Amâncio Chiodi, um monte de gente. Todos jornalistas que não acreditavam no profissional dentro da imprensa oficial, hoje batizada por Samuel Wainer como "andrógina, hermafrodita". Naquela época só tinha o esquim e nós, disso tudo que se pode chamar de "Imprensa Nânica". Bondinho, Jornalivo, Grilo, Revista de Fotografia. Até Ex-Grilo!

Foi uma fase difícil pra rapaziada. O Gláuber está por fora desde 71, quando saiu do Brasil. tempo bom, tempo ruim! Mas os meus velhos foram degolados no negro de 68/72. Ou se omitiram. Os mudaram de lado. Até o centro ficou muito mais à esquerda. Vide Camões no Estádio. Mas a maioria alugou morte e consciência. Se doparam de grana. Vinhos finos, cristais. Como num samba de Paulinho da Viola e Campinam.

Foram poucos os que ficaram mantendo os princípios. E a mocidade, o estudante, esse brasileiro anônimo! Sobrou o beco sem saída: pau de um lado, enganação do outro. Tudo repressão. Assim, da contestação estilo "Maio de 68, Paris", fomos jogados no speed artificial dos anos 70. Made in USA. O bicho tupiniquim viveu o artificialmente dourado. A droga chegou até a classe média urbana. Logo a droga que sempre esteve nos dois extremos: com os muito ricos ou com os marginais da pobreza.

Antropofagia, de novo! Quando o cara tem que se proletarizar para ser bicho, ele deixa de ser diferente, fica igual à maioria! O sonho brasileiro não é que acabou, ficou foi ridiculo com aquela fantasia. Morreu de ridiculo o nosso transbunde! O Teatro Oficina, a "cultura e a civilização", já foi um exemplo. De Gorki, Brecht, da Dona Maria do Carmo do Abreu Sodré, como patronesse, até que o "Rei da Vela" esculhambou com tudo. Depois a "Roda Viva", a primeira explosão do "bom menino" Chico Buarque, e o Living Theatre não deixaria mais o Oficina ser o mesmo. Filho de ex-estudantes de Direito do Largo de São Francisco, SP. Zé Celso, Renato Borghi, Itala Nandi, Fernando Peixoto, Queiroz Telles, Otton Bastos, etc. Esse Oficina ai eu só conheci por platéia. O Oficina-Samba eu conheci por dentro, como jornalista, como amigo do Zé, literato! Zé Celso procurou o pessoal do "Bondinho" quando nasceu de uma viagem pelo Brasil o novo grupo Oficina-Samba, Oficina Brasil! Naquela época todo mundo queria prestar seu depoimento espontâneo a nós. Chico Buarque, Gilberto Gil, Campinam, Catetano Veloso, Walmor Chagas, Maria Bethânia, Gal Costa, Milton Nascimento, José Angelo Galesa, a seção "Mano-a-Mano", Ex-2. Otto Scherb da Escola Superior de Propaganda e Arte SP, entre o outro lado. Nós escolhemos o Zé Celso por causa da sua definição, ao se referir à classe publicitária brasileira:

"Filhos de Goebbels! "Ação a propaganda uma coisa de uma agressividade muito grande e na configuração exata deste momento no Brasil, um país que depois de algum tempo está recebendo um grande fluxo de capitalismo, está se tornando uma potência média capitalista, dentro de um regime muito autoritário, a propaganda é a grande cultura do momento. E é mais ou menos parecido com o que aconteceu na Alemanha no tempo de Goebbels, praticamente o homem que desenvolveu um tipo de propaganda em que a própria indústria privada e o próprio Estado compuseram um tipo de cultura. Mais primária do que a nossa, que é sofisticada, mas eu sinto o mesmo peso vindo das coisas de Goebbels. Inclusive, acredito, foi o grande revolucionário da propaganda, que inventou O Dia das Mães, a Volkswagen, aquela série de táticas destinadas a transformar o povo alemão, que se encontrava numa miséria muito grande".

Ao fazer esse trabalho, Zé Celso se reaproximou do pessoal do EX. Quando o Henricão foi preso, vendendo posters, eu estava no Rio montando o filme "Rei da Vela", com o Zé Celso. E tentando tirar um resumo do trabalho da Comunidade Oficina Samba para o EX. A notícia da prisão do Henricão me trouxe a São Paulo. Tudo bem! Essa expressão virou uma forma de cumprimento na linguagem da gente. Tudo bem! Henricão solto, numa segunda; no sábado seguinte, antes de voltar ao Rio, fui ao Teatro Oficina, Rua Jaqueguá, 520 - Bexiga, SP. Ver se havia algum queado do Zé, se tinha algum. De novo o medo e o ódio! Já somos quantos, milhares, dezena de milhares, nas cidades grandes, como São Paulo, que tivemos um amigo, um conhecido, colega, irmão, parente, nas mãos da polícia, presos. Todos comuns. Vizinhos. Quando a violência chega num ponto xis, você - para perceber que sofreu alguma, precisa quase ser mártir. O resto é comum!

"Só reconheço a existência de uma droga, um doping: o dinheiro. E só me julgo culpado pela autoria de um crime: a morte de Deus. O resto eu deixo pra ser resolvido pelas feras que virão, os seus, os meus filhos. E que tudo o que foi escrito se transforme em imensa salada das palavras não entendidas ou simplesmente numa forma de sair daqui, livre no pensamento, pra dizer aos amigos e aos inimigos, um ensinamento da minha avó: - Cadeia não foi feita pra cachorro! Isso é um depoimento. Eu sei que tudo o que está

aqui poderá ser usado contra mim. Ou a favor O sonho é viver. Logo, o teatro é a vida! Muitas pessoas pensavam em entrar no teatro, viver da produção coletiva da Comunidade Oficina Samba. Algumas já tinham levado suas coisas para lá. Um enorme casarão da Bela Vista, onde atrás do palco se tem um enorme salão, dois quartos, uma varanda com escada para o porão: uma outra casa, cozinha, tanque, entradas, estâncias e reentrâncias. O teatro havia sido recuperado pelo grupo Oficina há pouco. Um empresário-rato tinha tentado uma jogada legal em cima do aluguel. Havia até quem queria fazer do local uma "Universidade Aberta", como a professora de teatro Maria Alice Vergueiro.

Que espetáculo! 25 ou mais jovens, todos menores de 30 anos, reprimidos, auto-reprimidos, acudados, atomizados, querendo produzir. Inovar. Reformar a partir de suas vidas, já um tanto esbudegadas. Não chegaram a morar mesmo no teatro. Tudo não passou de um ensaio. Limparam a casa, pintaram tudo de novo, levaram fogão, colocaram aparelho de som numa salinha do porão, revestida de caixa de ovos, restos do Ceasa. Venderam as cadeiras, chegaram a produzir um poster que lá ser vendido a \$ 15 e deram um espetáculo no dia 30 de março, data de aniversário do Zé Celso. 20 convidados assistiu "As Criadas", de Genet, pelo Grupo Ananke. No mesmo dia, Alice Cooper, suas cobras e largatos, se apresentaram no Anhembi. O Zé Celso, cotado!, assistiu as duas apresentações. Ao ver Tuché, Geraldo e Paulinho representando, Zé passou a ser o incentivador e morador da Casa de Espetáculos Oficina-Samba. Uma universidade aberta. A Comunidade Oficina-Samba produziu ainda, nesse delírio, as cenas finais do filme "Rei da Vela". Começando por volta de 70/71, só foi terminado em abril do ano passado.

Que espetáculo! A nossa paranoia geral. Medo e ódio, sempre juntos. Quem ganha? Nas filmagens da cena final - queima dos cenários da peça no Cemitério da Consolação, SP - um carro da TFP apareceu no cemitério, em dois grupos pretos, executivos, todos vestidos de preto e com canos aparecendo por sobre o vidro da porta. Os atores maquiados como personagens da peça, todos nós de técnica, camera, todos gelados! E estávamos lá autorizados, pela Prefeitura, protegidos pela Força Pública, Corpo de Bombeiros. Tivemos solicitada autorização, enviada das autoridades para as filmagens. No filme, o último telão da peça queimando:

"Respeitei Público! Nós não queremos aplausos. Queremos bombeiros! Se preferirdes, ide chamar a polícia; por que nós, como vós, fazemos parte desse universo cadáver gangrenado! - Oswald de Andrade". E sábado, entre 13 e 13,15 horas. Toquei a campainha da porta do Teatro. Tinha algumas pessoas lá. Entrei. Encontrei a Márcia e o Polé, conversando com Lúcia. No salão de trás, atrás do palco, estavam os dois irmãos Polé e Márcia e Marcos, Marquinhos que é grandão. Polé me mostrou alguns slides, de motos, testes que andava fazendo para a revista Grand-Prix. Ou para um programa que lá fazer na Bandeirantes. Apareceu Edinício, artista plástico, capista da Phonogram, que estava lá, cozinhando no fogão do porão, com uma máquina de lavar. Procurei por uns discos meus, emprestados. Um álbum da Dalva de Oliveira, outro do Jorge Ben. Desci a casinha de som, no porão, mexi nos discos. Voltei pela escada da varanda, para entrar pela porta do salão grande, de trás.

A campainha tinha tocado enquanto eu estava lá embaixo. Não vi quem abriu a porta do teatro. Quando entrei no salão, vi um cara estranho com um cabeludo. Engraçado, eu, cabeludo, achar estranho outro cabeludo. Acho que esse cabelo, Polé e Márcia, já estavam agachados, olhando os slides. Eu me agachei junto deles, de costa para os dois. O cagaeta era um tal de Rufino, guitarrista, o cabeludo, o rato. O outro era tira, dente-de-leite. Quando ouvi o barulho, me virei, e pau estava comendo. O tira com revólver na mão direita já sacado, uma algema solta na outra mão, se protegendo e gente correndo. Me levantei de um pulo! Foi um segundo só, não mais. Eu pensei: Fudeu! A porta da frente aberta do teatro, a pouca luz entre o palco e o salão, e o barulho dos passos em corrida nas tábuas do palco. Gente prá cá e prá lá. Gritos. Moscas no mel.

O tira dente-de-leite, cambaleante, a cabeça sangrando, apontava o revólver, a turbina, a sete meiotá, pra mim, Márcia, Polé, Marcos, Edinício. Um outro chegou com metralhadora, mais outros, com revólver na mão. Mais tarde soube que esse era delegado. Todos pra parede! No fundo do salão, já levados pelos cabelos, tomando porrada nas costas, o resto dos tiras entrando e apanhando os paus que quebravam na passagem do palco para o salão. A madeira comendo em nossas costas.

O tira ensquentado é levado, enquanto se ouve um tiro, sem vindo do porão. Os dois tiras que estão vigiando a gente quase se pegam de porrada. Os dois avançaram ao mesmo tempo numa metralhadora já esquecida por outro em cima de uma bancada. Quase se estranharam, puxam pra cá e prá lá. Nós morrendo de medo! E o ódio, onde ficava? Havia sido o delegado, vistoriando o porão. Ele não explica, diz que foi atingido por uma bala. O tira que ganhou a metranca sai para pedir mais reforços. Estamos fritos!

Cada vez chega mais gente, se ouve mais sirene. Minha vida passava toda pela minha cabeça. Num filme rapidíssimo, próximo do fim! Cada policial que entrava, arrancava uma coisa da parede, do lugar, jogava no chão, pegava um pau, vinha direto, dava um cacete em um de nós. Eles tinham motivos. Dois colegas feridos.

Por nós? Por quem? Ninguém sabia e no processo que se seguiu ficou provado que o agressor não foi nenhum de nós, presos. Os tiras se ofendiam com tudo que estava escrito nas paredes. "Dinheiro. Amizade. Trabalho. Liberdade. Anarquia". Principalmente com qualquer referência à nossa humanidade. Escreviam vidrinhos, latas de cereais e farinhas de cozinha do porão, tinham em cima de nós, no pau, perguntando cadê as drogas! Foi umas duas horas assim. Márcia apanhava tanto quanto a gente. Ainda mais depois que o Polé deu uma resposta pra um, tentando explicar. O tira havia avançado pra Márcia, gritando: Sua puta rampeira, metela nesse...!"

Polé só voltou a cabeça, um pouco o corpo, retrucando: "Ela não é puta, é minha mulher, temos dois filhos". O cara ficou vermelho, quebrou um pau nas costas dos dois. Eles estavam ao meu lado - na minha direita, Marcos e Edinício, na esquerda, gritando: Sua puta rampeira, metela nesse...!"

Polé só voltou a cabeça, um pouco o corpo, retrucando: "Ela não é puta, é minha mulher, temos dois filhos". O cara ficou vermelho, quebrou um pau nas costas dos dois. Eles estavam ao meu lado - na minha direita, Marcos e Edinício, na esquerda, gritando: Sua puta rampeira, metela nesse...!"

Polé só voltou a cabeça, um pouco o corpo, retrucando: "Ela não é puta, é minha mulher, temos dois filhos". O cara ficou vermelho, quebrou um pau nas costas dos dois. Eles estavam ao meu lado - na minha direita, Marcos e Edinício, na esquerda, gritando: Sua puta rampeira, metela nesse...!"

moedas. Ficamos nus, fomos empurrados para uma gaiola. Nesse meio tempo, o Secretário de Segurança foi ao teatro. Vieram nos apanhar. Fomos metidos noutro camburão e levados até a 4ª Delegacia, na Marquês de Paranaguá.

O Titular da Delegacia de Entorpecentes, Diniz Junqueira, estava lá. Agora começava a ficar mais clara a coisa. Muitos repórteres, fotógrafos, radialistas, todos coleguinhos. A polícia de São Paulo havia descoberto uma tremenda boca de fôxtro no Teatro Oficina. Era isso! Só que em nosso poder não foi encontrado nenhum entorpecente, nós não tínhamos conhecimento da nossa importância.

Antes de ser apresentado à imprensa, fomos levados para uma salinha do fundo do 1º andar, embaixo da escada. Minúscula, com um armário e uma mesa, desses móveis abandonados há anos em repartições públicas. Com etiqueta de almoxarifado e tudo o mais. Entram vários tiras, entre eles o cabeça com gases e o delegado enfaixado no braço. O Titular da Entorpecentes entrou também, quase não cambiamos, ainda mais ele, muito gordo, na sua japona azul-marinho. Foi um bumba! Uma debulha! Sabe como é? Todo mundo dá porrada, em um de cada vez. Minto, o Titular da Entorpecentes não bateu, ficou no meio. A gente e que acabou por esbarhar nele. Me lembro que fui o primeiro, singê-lo de olho e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de chefe da quadrilha". Lembro também que gritei, xinguei alto, alguma coisa sobre a minha "memória". Depois foi a vez do Polé, do Marcos e do Edinício. Escuro e homossexual, afeminado. Os tiras o jogaram no chão, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".

O barulho chamou a atenção dos repórteres, o Titular mandou parar. Mas eu notei: no seu rosto havia um ar de quem viu que não tinha pagado nada. Os repórteres foram embora. Tudo teatro! Fomos levados para outra sala, num sofá de pau, colocados sentados um ao lado do outro. Os coleguinhos se chegaram. Perguntando nomes. Eu e o Polé conhecíamos quase todos eles. Nesse meio tempo chegou o já famoso "Celso Telles", num tempo impreciso, plênia nas mãos, um fôxtro, cheiro de locação, os repórteres abos alas para o "Cardeal" e ele nos olhou. Me lembrei que já o tinha entrevistado algumas vezes. Fiquei quieto. A ver os jornalistas nos trataram como tratam os marginais - um deles dos Diários Associados chegou a se encostar mais para dar uns cotucos no Edinício, singê-lo de bichu e falou pro delegado: "Vamos pegar esse, tem cara de enruste nele! Vamos sumir, prepara a viatura".



FOTO CHOQUE

Assaltante preso no dia 6 de abril. Com fome, deu azar: tentou roubar um investigador de polícia. Levou um tiro e apanhou. No 23º Distrito Policial (São Paulo), foi obrigado a ficar com o braço ferido levantado enquanto prestava depoimento.

(Prontuário, 80.450)

